



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

IVONE BARBOSA DE VILHENA

**A ÁGUA, O TERRITÓRIO E VIDA DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS DO RIO
TAUERÁ-AÇU, MUNICÍPIO DE ABAETETUBA-PA: SIGNIFICAÇÕES E
PRODUÇÕES INFANTIS**

**ABAETETUBA/PA
2023**

IVONE BARBOSA DE VILHENA

**A ÁGUA, O TERRITÓRIO E VIDA DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS DO RIO
TAUERÁ-AÇÚ, MUNICÍPIO DE ABAETETUBA-PA: SIGNIFICAÇÕES E
PRODUÇÕES INFANTIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge.

**ABAETETUBA/PA
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V711a Vilhena, Ivone Barbosa de.
A ÁGUA, O TERRITÓRIO E VIDA DE CRIANÇAS
QUILOMBOLAS DO RIO TAUERÁ-AÇÚ, MUNICÍPIO DE
ABAETETUBA-PA: SIGNIFICAÇÕES E PRODUÇÕES
INFANTIS / Ivone Barbosa de Vilhena. — 2023.
123 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2023.

1. Crianças Quilombolas. 2. Sociabilidade. 3. Águas. 4.
Rio Tauerá-Açú. I. Título.

CDD 300.72

IVONE BARBOSA DE VILHENA

**A ÁGUA, O TERRITÓRIO E VIDA DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS DO RIO
TAUERÁ-AÇÚ, MUNICÍPIO DE ABAETETUBA-PA: SIGNIFICAÇÕES E
PRODUÇÕES INFANTIS**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Orientadora
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Profa. Dra. Maria Natalina Mendes Freitas - Membro da banca
Universidade Federal do Para (UFPA)

Dra. Vivian da Silva Lobato - Membro da banca
Universidade Federal do Para (UFPA)

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ser meu guia, me conceder saúde e coragem para lutar, questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

Ao meu menino, Alessandro Vilhena, por sua existência, por todo o carinho inclinado à mim, por sua incansável paciência nos meus tantos e tantos momentos de ausência, e por me ensinar com o seu pequeno grande coração, o amor.

À minha família. Meus pais Ilza e Luiz Henrique e meus irmãos, Elias, Eduardo e Ivana, agradeço o carinho, preocupação e por sempre torcerem por meu sucesso profissional, e em especial a meu esposo Izaias, que esteve comigo desde o início da graduação e, sempre me incentivou a continuar e, com seu amor, carinho e alegria fez este caminho ser mais leve para mim.

À minha orientadora Eliana Campos Pojo Toutonge, por ser mais que uma orientadora, por acreditar no meu potencial, me incentivar e me mostrar os melhores caminhos. Obrigada pelas exigências, pela paciência, pela dedicação à minha pesquisa e por sua afetuosidade.

A todos os moradores da comunidade do Tauerá-Açú, adultos e crianças participantes da pesquisa, por aceitarem fazer parte deste estudo, por me darem incentivo para a realização da pesquisa. Agradeço a tolerância e o apoio durante este processo.

A minha amiga Regiane Carvalho, que durante esse percurso concedeu abrigo. Obrigada por ser minha parceira de angústias e felicidades, pelo companheirismo de anos, pelo apoio constante. Você foi muito importante neste processo, obrigada!

As minhas amigas “Sem filtro”! A Nathalia, Dilvana, Tânia, Clissia e Ana Carolina, pela amizade, pelo carinho e trocas durante a graduação, mas especialmente por desprenderem a mim um apoio incondicional para além da academia. Sem vocês essa jornada não seria possível.

A Vanessa e Adilza, cuja amizade se fez presente nesses seis anos de caminhada. Obrigada pelas inúmeras risadas que juntos partilhamos.

Por fim, obrigado a todos que direta ou indiretamente estiveram presentes nesse percurso cheio de aprendizados e de superações.

Muito obrigada!



Crianças amazônidas possuem experiências associadas à sua condição de vida. Daí a importância de ouvi-las, no caso, nos territórios de águas para compreender sua existência e suas práticas culturais e educativas nessa Amazônia cabocla (POJO, 2023).

RESUMO

Este estudo trata do viver de crianças quilombolas da comunidade Tauerá-Açú, município de Abaetetuba-PA, especialmente suas interações infantis e a relação com as águas. Teve como objetivo situar a cultura infantil de crianças quilombolas do Tauerá-Açú, sobressaindo o cotidiano de/nas águas a partir de suas vozes e práticas sociais. A investigação de abordagem qualitativa, envolveu o estudo bibliográfico a partir de teóricos que discutem o tema bem como foi realizada pesquisa de campo com o uso de observação, de entrevistas e da fotografia. Como parte dos resultados obtidos pelo estudo, constatamos que as crianças potencializam seus saberes, pois suas práticas interativas e relacionais estão sempre acontecendo, em diferentes banhos nos rios, nas contemplações e travessias, nas brincadeiras que inventam, na escola que brinca no mundo deles/delas, na família etc. Foi possível evidenciar um ambiente natural/social amazônico rico de aprendizagem, das sabenças de crianças quilombolas. Fez-se notar os saberes, o cotidiano, as invisibilidades das crianças diante da rica diversidade do lugar, ainda, como síntese, vimos um tipo de cultura infantil que se processa nos espaços das águas, como uma prática que precisa de valorização e preservação, considerando a emancipação e a liberdade de expressão das crianças em seu processo educativo e identitário.

Palavras-chave: Crianças Quilombolas; Sociabilidade; Águas; Rio Tauerá-Açú.

SUMMARY

This study deals with the life of quilombola children from the Tauerá-Açú community, in the municipality of Abaetetuba-PA, especially their childhood interactions and their relationship with water. It aimed to situate the childhood culture of Quilombola children from Tauerá-Açú, highlighting the daily life of/in the waters from their voices and social practices. The qualitative approach investigation involved a bibliographical study based on theorists who discuss the theme, as well as field research using observation, interviews and photography. As part of the results obtained by the study, we found that children enhance their knowledge, as their interactive and relational practices are always happening, in different baths in rivers, in contemplations and crossings, in the games they invent, in the school that plays in their world/ them, in the family, etc. It was possible to evidence a rich Amazonian natural/social environment of learning, from the knowledge of quilombola children. It was noticed the knowledge, the daily life, the invisibilities of the children in the face of the rich diversity of the place, still, as a synthesis, we saw a type of children's culture that is processed in the spaces of the waters, as a practice that needs to be valued and preserved, considering the emancipation and freedom of expression of children in their educational and identity process.

Keywords: Quilombola children; Sociability; Waters; Tauerá-Açú River.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I- <i>EU CONHEÇO TUDO AQUI</i> – MODOS DE VIDA E O COTIDIANO DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS NA/DA COMUNIDADE TAUERÁ- AÇÚ.....	17
1. 1 Modos de vida e as crianças	17
1. 2 O cotidiano Quilombola do Rio Tauerá-Açú	39
1. 3 Sobre gramática social pelos corpos das crianças: modos de ser e viver	47
CAPÍTULO II- INTERAÇÕES, BRINCADEIRAS E CONVIVÊNCIA QUE FAZEM APRENDER E DITAM A CULTURA INFANTIL QUILOMBOLA.....	55
2.1 Sobre processos educativos e culturais das crianças.....	55
2.2 Interações e Convivência.....	61
2.3 Brincadeiras de Crianças e de adultos.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
ANEXOS	96
APÊNDICE.....	121

INTRODUÇÃO

A criança do rio Tauerá-Açú brinca de pira pega na água; eles/elas improvisam cordas para brincarem de balanço, fazem corridas de canoas ou então de quem nada mais rápido. Atravessam os igarapés, brincam de mergulhar para ver quem fica mais tempo no fundo etc. O pequeno Guilherme, 05 anos, diz que o momento mais feliz para ele é quando, ele vai tomar banho no rio, porque dar cambalhotas n'água.

É diante deste cenário que dizemos que na Amazônia paraense os contextos rurais diversos e dinâmicos diversificam a vida infantil de crianças em suas infâncias, isto é, são relações associadas, e de um modo muito especial nas ilhas de Abaetetuba-PA. Por sua vez, tais processos culturais infantis por vezes, são ignorados e até invisibilizados pela grande maioria de nós, amazônidas. A exceção são educadores, pesquisadores, lideranças que militam essa causa, impulsionados pela ideia de que defender as crianças também significa defender a Amazônia, esses, literalmente, atravessam florestas, trilhas e rios embrenhando-se na vida concreta de crianças residentes desses contextos (agroextrativistas, quilombolas, ribeirinhos, indígenas, assentados, praianos etc.) envoltas de suas formas de circularidade do saber, da ludicidade e até de condicionantes sociais negadores do ser crianças (violação dos seus direitos). Adultos que olham crianças como sujeitos sociais, e dessa forma reconhecem suas singularidades, seus cotidianos lúdicos/brincantes e suas ausências.

Na Amazônia as crianças passam por ausências, conforme apontam os estudos da Fundo das Nações Unidas para a infância (UNICEF) mostram claramente que meninas e meninos não têm seus direitos a educação, água, saneamento, moradia, informação e proteção contra o trabalho infantil, garantidos. A ausência de uma ou mais dessas dimensões coloca-os em situação de “privação múltipla”, uma vez que seus direitos são indivisíveis (UNICEF, 2004).

Com base nesses pressupostos, a pesquisa em questão trata do universo infantil focalizando práticas sociais de sujeitos crianças, os quais dialogam com costumes, saberes, formas ancestrais do grupo quilombola do rio Tauerá-Açú. Seus cotidianos e culturas infantis confrontam-se com nosso “pouco conhecimento” a respeito de suas práticas. Somos sabedores que as crianças produzem culturas, mostram como agem no mundo a partir de seus próprios mundos, simbolizam e embelezam nosso dia. Para Barbosa (2014, p. 651):

[...] as crianças fundam suas culturas a partir dos modos como participam dos mundos naturais e simbólicos com os quais interagem. Assim, a vida cotidiana das crianças e a diversidade dos mundos sociais em que elas vivem é um aspecto central para compreender as possibilidades das culturas da infância.

Sobre culturas da infância quilombola que pautamos este trabalho, no sentido de captarmos potencialidades, habilidades e curiosidades, compreender como funciona seu mundo, suas histórias.

As crianças em suas formas de vida foi minha escolha de Trabalho de Conclusão de Curso, porque como moradora dessa comunidade, percebia em resistências querendo mostrar seus mundos próprios (BRANDÃO, 2015), só que ficava me questionando sobre as relações que elas estabelecem com o lugar, o que para mim, mesmo sendo moradora e mãe de um menino, Alessandro (09 anos), tive sensações e caminhos que misturaram novos conhecimentos a serem descobertos bem como encontra-se na possibilidade como quilombola de poder contribuir com o grupo que pertença, por meio das reflexões sobre os quilombolas mirins. Foi uma espécie de conhecer mais a fundo o que vejo dia a dia, o que segundo Velho (1980) tratou-se de observar o familiar. Nesse sentido:

[...] O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido, o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente (VELHO, 1980, p. 126).

Convém destacar que ao adentrar como pesquisadora em pesquisa de campo, tive que andarilhar pelos espaços e lugares da comunidade, com um olhar do desconhecido, teve que aprender e reaprender junto a esses sujeitos. Muitos foram os aprendizados e ensinamentos, a cada nova descoberta reiterava em mim uma sensação de que nada sabia ou nada sei sobre o lugar em que pertença. Assim se fez meu caminho de que muito ainda se tem que aprender com esse povo que dita uma história e que sem dúvida nenhuma deixou meu coração quentinho por ter e tá fazendo parte dessa construção.

Além disso, este conhecer mais a fundo ganhou ainda mais sentido com a minha participação como voluntária no Grupo de Pesquisa e Extensão *De Bubuia Amazônica – Infâncias, Territórios Rurais e Processos Educativos e Culturais*, sob a coordenação da minha orientadora, precisamente no projeto “As Gramáticas Sociais de Crianças e suas Infâncias em território de águas de Regiões da Amazônia paraense”. Minha participação foi partir de um Plano de trabalho que adiante tornou-se meu projeto de pesquisa do TCC¹.

¹ Trata-se do Plano de trabalho intitulado A cultura infantil de crianças quilombolas do rio Tauerá-Açú, Abaetetuba-PA, na condição de voluntário(a) no EDITAL PIVIC - 16/2022 (01/08/2022 a 31/07/2023).

Na ocasião, em 2022, coube-me praticar a pesquisa participante com as crianças da comunidade do Tauerá-Açú, fazendo um levantamento inicial acerca das práticas sociais desses sujeitos, especialmente, no espaço das águas/rio.

A organização da vida cotidiana das crianças se orienta pelos rios. É nesse ciclo de águas que elas produzem e vivem o brincar nas suas mais diversas criações infantis.

A partir desse olhar o estudo versa sobre a cultura infantil de crianças da comunidade do Tauerá-Açú, enfatizando aspectos do brincar e do interagir, enquanto partes que integram também o patrimônio cultural desta comunidade.

O estudo envolveu a seguinte questão norteadora: como se constitui a cultura infantil que se processa com e nas águas por essas crianças do Tauerá-Açú? Assim, este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo principal situar a cultura infantil de crianças quilombolas do Tauerá-Açú, sobressaindo o cotidiano de/nas águas a partir de suas vozes e práticas sociais. Como objetivos específicos temos: a) elucidar os modos de vida da comunidade com ênfase ao cotidiano das crianças e suas relações com o lugar; e b) caracterizar os processos educativos e culturais vividos na comunidade pelas crianças, com ênfase aos seus brincares e interações.

O trabalho mostra-se relevante dada a notoriedade do saber das crianças em território quilombola, em suas vidas, suas formas brincantes, lúdicas e de interação com o mundo adulto, com as nuances do processo identitário de grupo. Além disso, irá colaborar com a comunidade local, disseminando e gerando conhecimento científico acerca dos processos educativos e culturais infantis que se expressa de muitas formas e de muitos jeitos.

DA METODOLOGIA

O estudo situa-se dentro da abordagem qualitativa, pois o foco direciona-se a situações vivenciadas no contexto social, da comunidade quilombola a partir do convívio dos infantes com as águas. Para Bogdan (1994), a investigação qualitativa tem como fonte direta de dados o ambiente natural. Segundo o autor, “[...] os investigadores qualitativos assumem que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorrem, deslocando-se, sempre que possível ao local de estudo” (BOGDAN, 1994, p. 48).

A investigação, ensaiada na perspectiva etnográfica, pautada em autores como Brandão (2007) e Fonseca (1999). O ponto de partida deste método é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo, “nativos em carne e osso” (FONSECA, 1999, p. 58;

grifos da autora). Assim, seguimos um caminho metodológico cujo caderno de campo foi fundamental para dizer, informar e refletir sobre as crianças.

O aporte teórico utilizado como contribuição para discussão se constituiu de referenciais como a dos autores: Pojo; Freitas (2018, 2022) acerca das crianças e infâncias na Amazônia paraense; Brandão (1981, 2005, 2007, 2015) com sua contribuição sobre educação, crianças, interações e o trabalho de campo; Borba (2007, 2006/2007) e Kramer (2007) abordando a criança e o brincar citando apenas alguns.

Fizerem parte do trabalho de campo, a observação, as entrevistas, o levantamento de dados comunitários, as conversas informais e os registros fotográficos, conforme explicitado adiante.

Como já dito morar no lugar teve a facilidade do tornar-se próximo e, ao mesmo tempo, olhar de modo diferente com outras lentes, da curiosidade e do aprender com o outro, aprender com as crianças. Devido todos me conhecerem o tornar-se próximo foi tranquilo, pude perceber o afeto, a hospitalidade, a permissão e as ajudas com seus saberes, visões, causos e experimentos de viver às margens. Como parte do meu aprendizado observar a criança em suas vivências, suas práticas culturais, suas brincadeiras, permitiu-me mais que uma aproximação com o mundo infantil, me instigou pensar minha visão de mãe, de pedagoga e de adulto em relação a criança concreta.

Os dados foram construídos a partir da parceria com os colaboradores/participantes da pesquisa. Estimando suas falas, percepções, narrativas dos sujeitos, modos de ensinar-e-aprender, os brincar e formas interativas das crianças em diferentes espaços, tempos e formas, tudo isso configurou o trabalho de campo. Posto isto Brandão (2007) configura o trabalho de campo como uma vivência para além de um ato científico meramente, ou seja, é uma prática realizada atrelada as reflexões teóricas que possuem um importante instrumento para desenvolver a visão crítica da realidade estudada, consolidando-se como “[...] um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento e diversas categorias de pessoas fazem, realizam, por exemplo, antropólogo, educador, pessoas moradoras de uma comunidade rural, lavradores, assim por diante [...]” (BRANDÃO, 2007, p. 12).

O lócus da pesquisa foi a comunidade Santa Ana, uma localidade rural-quilombola-ribeirinha, localizada no rio Taúera-Açú, em Abaetetuba. Na comunidade, mesmo sendo moradora busquei andarilhar na tentativa de ver o não visto, olhar a partir do mundo infantil no sentido de apurar a cotidianidade do lugar criancero, para isso

investir tempo dialogando com moradores adultos e mais ainda com crianças, captando as nuances da vida comunitária e da comunidade.

Esse “olhar a partir do mundo infantil” surgiu ao longo da minha jornada acadêmica, com inquietações e recorrente em meus estudos. A certeza de andarilhar nesse rumo veio ainda quando cursei a disciplina intitulada “Fundamentos Teóricos e Metodológicos de Educação Infantil” no curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), com a orientadora, momento que decidi continuar aprofundando a temática.

Estivemos em campo nos anos 2022 e 2023, diariamente como moradora da comunidade e, de modo esporádico, quando dirigia alguma atividade (ou observação) envolvendo a(s) criança(s). Este ensaio de pesquisar junto e com as crianças gerou aprendizagens e desafios. Foram partes dessa dupla, o tempo da/destinado à pesquisa, que por muitas vezes podia ser aliado (morar na comunidade) e, outras vezes não, devido o próprio tempo das pessoas, de eu aprender as coisas teóricas basilares do estudo etc. Envolveu também, o tempo do mundo das crianças, foi um dos grandes desafios porque está junto delas significava estar no tempo delas, por exemplo, hora do brincar, do tomar banho, de *anadar*², andarilhar com elas etc.

Ainda requereu-se “[...] A observação, o ver, o anotar, a entrevista, a pesquisa sistemática [...]”, como nos orienta Brandão (2007, p. 26), sempre com atenção às impressões dos envolvidos. Isso tudo na prática aconteceu olhando as crianças em seus modos, e o que fazem nos espaços das águas.

O observar foi importante, pois demandava aproximação com as pessoas, com os tempos das águas e das marés, dos banhos e das recreações entre pais e filhos, da escola etc. a fim de obter informações, recorrências e precisão dos elementos do cotidiano (tempo, espaço, objetos, as relações sociais, a cultura) que adiante contribuiu com a análise. Dessa forma tivemos como base a observação participante que segundo Brandão (1998, p. 43), trata de uma “metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior”.

Vale ressaltar aqui que as observações de maior fôlego se direcionaram ao cotidiano de crianças (como elas brincam, relação com as águas, como estabelecem suas relações com seus pares). Com os adultos (moradores e lideranças) buscamos entender

² Trata-se de uma expressão utilizada na comunidade, cuja prática envolve técnicas de bater os braços e as pernas na água.

melhor a concretude da realidade das crianças, a partir dos valores, relação adulto-criança e participação no cotidiano.

Também foram utilizados relatos orais como parte da construção dos dados, que foram capturados através de conversas formais (entrevistas) e informais (depoimentos, narrativas, causos, histórias).

Quanto as entrevistas, sob a visão de Brandão, entre tantas especificações trazem a potência do saber das pessoas, nesse caso os participantes diretos:

[...] o sujeito, o entrevistado, o informante que me dá material crítico, que me dá realmente discurso: é o sujeito que fala, que explica, que me diz uma história de vida, que interpreta fatos. Depois, o que eu chamo de informante especialista, o informante que não só produz dados populares com muita precisão, como também é aquele que entende profundamente da coisa, e ele fala como um especialista. Nesse caso de especialista, é quando o sujeito tem domínio do assunto, que consegue explicar realmente como a coisa é e quando é (BRANDÃO, 2007, p. 20-21).

Na pesquisa as entrevistas foram realizadas com crianças de 5 a 10 anos, e com adultos, lideranças, avós, tios, mães e pais de crianças. Também, foi preciso olhar diferente, olhar o sociocultural da localidade e da escola fazendo seguidas de visitas as famílias, conversado e entrevistado responsáveis de crianças, educadores e lideranças locais. Com meninos e meninas, utilizamos diferentes formas de interlocução e de registro por meio de desenhos, de brincares, de fotografias, de oficinas e, também, por meio da produção de vídeo gravações. Totalizando assim um total de oito (08) participantes adultos e dezessete (17) participantes crianças, conforme estão listados adiante.

O uso das fotografias serviu para (re)memorar as vivências, os grupos, o ambiente das águas, as brincadeiras e a ação brincante das crianças do lugar, tivemos como pressuposto que “fotografar, documentar, e dizer com a imagem” (BRANDÃO, 2004, p. 27). As imagens utilizadas no corpo do trabalho serviram para lembrar os percursos, para transmitir um jeito corporal como do nado ou ainda, para aproximar o leitor da realidade amazônica, em especial as crianças foco do tema discutido aqui.

Como parte do protagonismo das crianças investimos nas oficinas brincar-saber³; como parte do procedimento metodológico que também se fundamenta na pesquisa participante e na troca mútua entre aprendizes (FREIRE, 1996). Tivemos nas pautas das oficinas os eixos de discussão: a natureza e/do lugar Tauerá-Açú, os espaços do rio/águas e, ainda, os brincares existentes na comunidade, em especial os brincares nas águas. Esses

³ Termo de autoria da orientadora no sentido de vivências que articulam crianças, saberes e brincares. As oficinas com esse nome fundamentado, perfaz, uma forma estratégica em disciplinas que ministra, bem como integra a metodologia de seus projetos de extensão e de pesquisa.

eixos foram geradores de falas, conversas informais, desenhos e outros registros escritos junto das crianças. Nessas oficinas produzidas participavam sempre grupos de crianças por vezes distintos e outras vezes o mesmo agrupamento, sendo que de um total de cinco (5) e seis (6) crianças eram próximas: parentes, vizinhos ou amigos. Esses encontros aconteceram na minha casa, na casa da minha mãe e em um campo de futebol denominado pelas crianças como campinho da *moinha*.

Todos os processos de construção dos dados e da pesquisa no seu todo (resultados e socialização), foram devidamente discutidas, explicadas, autorizadas derivando os termos de consentimento, após o aceite das crianças no processo e no registro da pesquisa neste trabalho a partir do uso dos seus nomes. Nesse sentido, no texto quando se refere as declarações e explicações do saber, nas histórias lendárias e de vida, e demais falas dos sujeitos da comunidade utilizamos o *itálico*, como forma de dá ênfase e advertir o/a leitor/a de que as palavras ou frases utilizadas são da gramática social quilombola, mas faz parte do grupo de expressões daquele contexto.

A seguir duas tabelas com os adultos e as crianças participantes da pesquisa.

Tabela 01- Participantes **Adultos**

Nome	Ocupação	Idade
Ilza Barbosa de Vilhena	Dona de Casa	Faixa etária de 33 a 67 anos
Luiz Henrique Correa de Vilhena	Agricultor	
Marta da Conceição Sena Lobato	Professora	
Maria Antônia Carvalho dos Santos (Totonha)	Dona de casa	
Césario Domingos da Costa Ribeiro	Agricultor/Aposentado	
João Lobato de Vilhena (Olívio)	Aposentado	
M ^o Edileuza dos Santos de Vilhena	Dona de casa	
Benailsom Fonseca Barbosa	Agricultor	

Fonte: Pesquisa de campo, 2023. Org.: a autora.

Tabela 02 – Participantes **Crianças**

Nomes	Escolarização	Idade
Joaquim Botelho Fonseca	Educação Infantil	04 anos
Alice Queren Nogueira Barbosa		05 anos
Mario Alam Ferreira da Silva		05 anos
Guilherme Santos da Costa		05 anos
Isabela Sena Pinheiro		05 anos
Otavio Botelho Fonseca	1 ^o ano do Ensino Fundamental	06 anos
Emanuel Rocha dos Santos	2 ^o ano do Ensino Fundamental	07 anos
Natalia Gomes de Jesus		08 anos

Edgar dos Santos Ferreira	3º ano do Ensino Fundamental	09 anos
Flávia Gabriele Ferreira do Nascimento		09 anos
Vinicius Machado Barbosa		09 anos
Rose Rocha dos Santos		09 anos
Alessandro Vilhena Bararuá		09 anos
Jheniffer Adrielly Ferreira		09 anos
Diana Santos de Vilhena		09 anos
Olivia Botelho Fonseca	4º ano do Ensino Fundamental	10 anos
Mayellem Nogueira Barbosa		10 anos

Fonte: Pesquisa de campo, 2023. Org.: a autora.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira. A Introdução, consta dos aspectos gerais da pesquisa, incluindo a discussão do tema, os objetivos e o percurso metodológico.

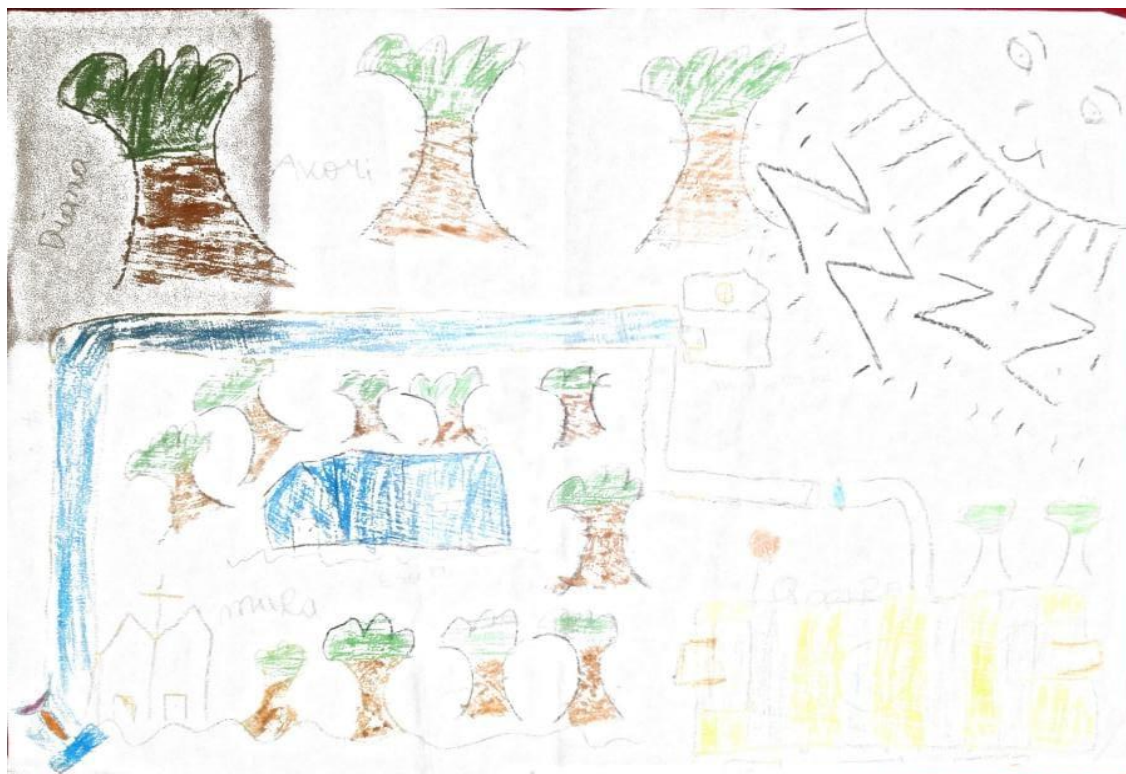
No capítulo primeiro, com o título “Eu conheço tudo aqui – Modos de vida e o cotidiano de crianças quilombolas na/da Comunidade Tauerá-Açú”, a ênfase recai sobre o modo de vida da comunidade, tocando em dimensões físicas naturais, sociais e simbólicas, principalmente no tocante ao rio e as águas como elementos dessa construção formativa sob o olhar das crianças.

No capítulo segundo, com o título “Interações, brincadeiras e convivência que fazem aprender e ditam a cultura infantil quilombola” se caracteriza os processos educativos e culturais, com base no cotidiano das crianças nos espaços do rio, da terra, e da mata.

Nas Considerações Finais evidenciamos alguns resultados do estudo, que destacam que a comunidade do Tauerá-Açú está margeada por uma cultura lúdica própria de quem mora as margens dos rios. As aprendizagens decorrem dos espaços, dos cotidianos e das relações sociais (informais) entre crianças-crianças e adultos-crianças.

CAPÍTULO I

EU CONHEÇO TUDO AQUI - MODOS DE VIDA E O COTIDIANO DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS NA/DA COMUNIDADE TAUERÁ-AÇÚ



Autoria: Diana Vilhena, 2022.

Com a fala *eu conheço tudo aqui*, mais o desenho⁴, buscamos neste capítulo elucidar o modo de vida da comunidade do Tauerá-Açú com ênfase ao cotidiano quilombola das crianças e suas relações com o lugar. Para isso, tomamos autores como Brandão (2006), Heller (2008), Pojo (2018) entre outros, bem como trazemos as vozes dos moradores sobre o modo de viver na comunidade, em especial as movências, saberes, percepções das crianças em seus círculos culturais. Tocamos assim em dimensões físicas, naturais, sociais e simbólicas do território, principalmente, no tocante ao rio e as águas como elementos de referência da identidade crianceira amazônica.

1. 1 Modos de vida e as Crianças

Tomando o educador C. R. Brandão (2006, p. 2), o modo de vida refere-se a “[...] construção cultural da experiência do espaço e do tempo nas comunidades rurais [...]”. O autor associa a cultura, isto é, trata-se do *mundo humano* que passou a ser produzido por

⁴ Fala e desenho de Diana Vilhena. A menina identificou seu desenho como sendo um mapa do lugar situando a igreja, a escola e campo de futebol. Mais o rio como caminho interligando esses e outros espaços.

“gestos do corpo e das mãos”, e gerados na mente humana. Produtos, produções, modos de pensar e agir, “transformados em uma forma de saber e, assim, transmitidos de uma pessoa a outra por meio de alguma forma de linguagem” (BRANDÃO 2005, p. 29, grifos do autor). O modo de vida está diretamente ligado ao processo vivenciado pelas pessoas mediado pela cultura. Dessa maneira, considera-se que o modo de vida dos sujeitos do campo é atravessado por práticas e ações cotidianas que envolvem o trabalho, a vida familiar, o lazer, em suma, toda produção de existência.

Tomando o mesmo autor:

[...] estamos sempre envolvidos em e participando de pequenas e médias comunidades de vida e de destino. Algumas por poucas horas, algumas por alguns dias, algumas por muitos meses, algumas por toda uma Vida. E é de cada uma delas e é também da interação entre elas que, ao longo de nossas vidas, nós nos vemos às voltas com pequenas e grandes trocas de significados, de saberes, de valores, de ideias e de técnicas disto e daquilo. (BRANDÃO, 2005, p. 70).

Partindo desses pressupostos, podemos afirmar que é na observância do cotidiano que se pode compreender, identificar, aprender do modo de vida de um lugar, pois é, no dia a dia que sujeitos sociais relacionam entre si, transformam espaços, constroem conteúdos culturais, o que no caso da comunidade quilombola pesquisada faz interface com a dinâmica rural e das águas. Com o caminho do rio, como sinalizou Diana em seu desenho. Assim, as relações humanas se dão no cotidiano e é na “[...] mesma cultura que nos toma como indivíduos biológicos (seres da natureza) nos transforma em pessoas sociais (sujeitos de uma cultura) [...]” (BRANDÃO, 2006, p. 04).

Portanto, o modo de vida mediado pela ação cotidiana dita um certo tipo de produção/reprodução a partir do vivido, do experimentado, dos ciclos culturais nos espaços sociais/naturais, visto que este não se restringe apenas as formas prontas, mas está cheio de vida, fragmentos de convívios e do uso do espaço-tempo. Isto para Brandão (2006) configura como sendo uma construção da “cartografia da pessoa”, porque é onde vai se subsidiar a cultura, o saber, e os significados que vão sendo incorporados no cotidiano de cada um. No dizer do autor, “[...] interagir com os espaços dados do mundo é transformá-los para criar os espaços sociais da vida (a minha vida pessoal, a nossa vida coletiva, a vida planetária da espécie humana, a vida de outros seres na Terra) [...]”. (BRANDÃO, 2006, p. 11).

Como uma síntese, o modo de vida auxilia na construção da pessoa, coloca-a no sentido de pertencimento, de alteridade e de sujeito coletivo ou de um grupo, e é sobre tais processos vividos por crianças que nos debruçamos. No vivido pelas crianças nos espaços das águas em suas rotinas. O que sabem, o que dizem, como cartografam os

espaços do lugar, como se percebem no lugar, em especial, tocamos na produção de suas gramáticas sociais mediadas pelo mundo das águas etc. Em outras palavras, discorreremos sobre o cotidiano quilombola da comunidade do Tauerá-Açú cujo modo de vida mescla ruralidade, dinâmicas aquáticas, vida beira-rio, território quilombola como faces que se aproximam. Os termos expressam, entre outras coisas a especificidade de morar, trabalhar e conviver na interrelação com o rio, a terra, a floresta.

Para a autora Pojo (2018):

As características básicas desses povos é o fato de viverem em contextos rural-ribeirinho-quilombola onde a dependência do mundo natural, de integração com seus ciclos e produtos é fundamental para a produção e reprodução da vida material (subsistência) e imaterial (modo de vida e culturas). (POJO, 2018, p. 52).

Quanto as crianças muito falaremos, por agora então basta dizer que nesse contexto elas demonstram todo um potencial criativo, um ciclo de vida que predomina uma pré-disposição corpórea, impulsionando-as diariamente ao nado, andar, correr, subir, embarcar na canoa ou rabeta, com uma facilidade visível e jeito próprio, sem contar na demonstração do gostar de tudo isso. De modo geral entendemos que as crianças “[...] possuem seus próprios encantos, modos de ser, de brincar e de se relacionar. [...] têm rotinas, experiências estéticas e éticas, ambientais, políticas, sensoriais afetivas e sociais próprias” (BRASIL, 2010, p. 01).

Para Brandão, significa dizer que:

[...] Aí estão as crianças. Sujeitas ao “mundo das pessoas grandes”, elas criam como podem os seus próprios “mundos das crianças”. Bem mais do que aprendemos a acreditar, desde muito cedo e, mais ainda, nas idades próximas ao momento do ingresso na escola, elas são pequenos e completos seres de pensamento e de emoção. São seres que vivem as próprias “brincadeiras” com uma criativa seriedade que, quando vista com atenção, sempre nos encanta e emociona. Antes de ingressarem a força no mundo cronometrado e utilitário em que vivemos nós, os adultos, elas habitam o território da gratuidade. Elas vivem um imaginário de ideias, fantasias realistas e emoções de uma enorme fertilidade. E é o nosso “mundo adulto” aquele que, aqui e ali, parece pobre, árido, utilitário, e pouco criativo, quando comparado com o mundo-dentro-de-nosso-mundo, que as crianças criam e inventam quando pensam, quando imaginam e quando se reúnem para brincarem juntas. Se possível, longe dos adultos [...]. (BRANDÃO, [s.d], p. 06).

O mesmo autor ainda diz que:

A criança é considerada como um ser de relações, como um sujeito interativo “para dentro e para fora”. Como um alguém que aos poucos vai se tornando *quem é e em quem se transforma*, como um ator ativo e progressivamente consciente de suas interações com os seus outros dentro e ao longo de momentos, de situações, de cenários e de cenas socioculturais. (BRANDÃO, 2015, p. 110, grifos do autor).

Deste ponto de vista, a criança pode ser caracterizada como um sujeito de vínculos socioculturais que aprende todo dia, por isso, vai progressivamente sedimentando processos identitários do ser sujeitos amazônida, paraense, quilombola, meio ribeirinho, negro entre outras faces.

Para Gusmão (2012), como pesquisadora junto de territórios⁵ quilombolas e em estreito diálogo com as crianças, ela afirma que ainda não sabemos tudo a respeito desse grupo geracional, assim “[...] ainda acontece de as serem vistas pelos adultos e, também pelos educadores, como iguais, homogêneas, tendo os mesmos interesses e necessidades, típicas desta ou daquela idade [...]” (GUSMÃO, 2012, p. 168). Nesse sentido, compartilhamos, mais uma vez, com o pensamento da autora na afirmação de que:

[...] a criança e a infância que lhe é própria são também o enigma que nos desafia, desafia nosso conhecimento e nos coloca diante da circunstância de ter que admitir que não sabemos tudo, não detemos todo o conhecimento disponível sobre a realidade e as coisas. (GUSMÃO, 2012, p. 175).

Desse modo, na pesquisa, situamos um pouco de suas peripécias e convívios considerando a produção rural-quilombola, a vida beira rio, ser ou não ser quilombola, vivências infantis.

Até aqui nos desafiamos a dizer quem são as crianças em seus ciclos de vida que permeiam modos de vida próprios. São crianças ativas que sabem viver nesse contexto heterogêneo, de natureza amazônica no conjunto de terras, matas e rios. São crianças que vivem com famílias, as quais lutam por subsistência no seu dia a dia. São crianças que interagem nos ambientes naturais, participam dos espaços sociais e de alguns afazeres da comunidade, por isso, sabem dizer do lugar. Na sua rotina está a escola e, nesta, resistem para ter voz e vez. São crianças que aprendem a constituir-se como sujeitos amazônidas, cuja territorialidade perpassa o contexto ribeirinho e, cujo território, é identificado como quilombola, experimentando-as na arte de suas culturas infantis. São crianças que burlam as regras do mundo adulto para viver a sua própria infância, exemplo disso é o campinho que produziram ao lado do campo dos adultos. São crianças que respeitam e, ao mesmo tempo, apreciam serem respeitadas.

⁵ O território é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Sobre produção rural-quilombola

Em comunidades como esta, o rio é o “articulador fundamental e imprescindível para a organização e a qualidade de vida e de trabalho, que se desenvolve este trabalho” (OLIVEIRA; MOTA NETO, 2004, p. 35). Assim, pelo caminho e travessia nas/das águas vemos constantes travessias de entrada e saída do Tauerá-Açú, bem como acontece também muitos dos movimentos econômicos, sociais e culturais. Assim, valores e modos de existir situam costumes e necessidades como o de acordar cedo para ir à feira/beira⁶ vender o açaí ou algumas frutas. Ir para uma consulta ou fazer compras, situando uma relação em conexão ao todo do movimento econômico municipal.

Outro aspecto produtivo diz respeito aos marreteiros com a venda de produtos nos horários da comercialização do açaí na feira de Abaetetuba. Essa comercialização começa torno de 4h da manhã e vai até às 7h, um pouco antes os vendedores desse fruto se deslocam da localidade para feira, em busca de um preço mais acessível. *Cedo, significa pegar um valor mais alto por causa da escoação do açaí que sai para fora do município, e conforme as horas passam o preço abaixa porque ficam só os batedores locais para comprar o produto, com isso se torna mais barato* (Henrique Vilhena).

Ou seja, a produção do açaí é considerada rentável para a agricultura familiar e, ainda, tem importância para o povo, visto ser produtivo e gerador de renda, a partir de aspectos como a produção e comercialização. Bem como no tocante aos caminhos dos rios, conforme explica Guilherme: *O papai vai de rabudo pelo rio, cedinho vender açaí. Nós já fomos com ele, um dia que a mamãe me levou para consultar. Eu não gostei porque o rio ainda está escuro. E a mamãe falou pro papai que sair muito cedo é perigoso por causa dos piratas.*

Tais sentidos e expressões como pirata, rabudo, açaí, perigoso compõe o modo de vida da comunidade atravessado por um viver rural, em que as águas dos rios compõem a existência das pessoas fazendo parte do dia a dia. E *o perigo existe em todo e qualquer lugar, não é só aqui. Se formos pensar nisso, vamos deixar de fazer nossas coisas, o que gostamos* (Henrique Vilhena).

Mais uma vez, nesse modo de vida a prática rural é visível, presente no cotidiano do Tauerá-Açú, num tipo de existência de vida em lutas. As pessoas ainda possuem relações de parentesco, de vizinhança e com a natureza da água, da terra, da floresta.

Nesse sentido, no tocante ao diferencial:

⁶ Beira, denominação também para o porto da cidade.

[...] comunidades quilombolas e as ainda existentes (e cada vez mais raras), comunidades regionais camponesas semi-isoladas, é o fato de que, entre elas, para quem o tempo ainda é mais “comida” do que “dinheiro”, o correr da vida se passa no interior de uma natureza ainda muito pouco socializada. Ainda apenas aos fragmentos realizada e pensada como cultura [...] (BRANDÃO, 2006, p. 27).

A ideia do autor parte de um olhar que aproxima natureza e cultura, assemelhando-se ao modo de vida do Tauerá-Açú, devido a relação estabelecida entre pessoas, da empreitada laboral pelo alimento do dia, pela biodiversidade da flora e da fauna, que são utilizados como principal fonte de vida, estilo e produção. Este olhar por sua vez no mundo atual, acaba, muitas vezes, sendo tomado com visão preconceituosa.

Ainda vimos, visões, sobre as populações rurais como atrasadas, improdutivas ou de tempo lento. Os conhecimentos empíricos são desmerecidos em muitos casos. Assim, “[...] Um modo tradicional de vida no seu todo e em cada um dos seus campos, começa a ser desqualificado, quando os agentes do “progresso” traduzem como “atraso” tudo o que não é o seu espelho [...]” (BRANDÃO, 2006, p. 34).

Em contrapartida, são populações ligadas a dinâmica da natureza e ao fluxo dos rios da região, as cheias ou secas. Que possuem saberes e relações de sociabilidades potentes. Nesses termos, precisamos de:

[...] um olhar algo mais complexo e interativo sobre os horizontes dos mundos rurais, mas do que, real ou ilusoriamente, domina espaços e campos de relações rurais, mas do que em seus intervalos e de maneira bem mais ativa e diferenciada do que podemos imaginar, existe ainda, resiste e se renova para reocupar espaços e reinventar formas de ser e viver no tempo [...] (BRANDÃO, 2006, p. 35).

Partindo de “um olhar mais complexo e interativo”, conforme assevera Brandão (2006), situamos a vida concreta dos moradores com suas famílias que usufruem dos recursos da natureza bem como são notórias as diversas formas de interação das crianças com o todo do lugar, conforme situamos no trabalho. *Por aqui corremos, andamos descalços em quase todos os lugares, principalmente na lama* (Diana). Ou acerca do lugar.

Eu jamais trocaria esse lugar pela cidade. Lá é muito ruim para se viver, até o ar que respiramos é poluído. Não se pode sair de dentro da casa pra nada. Aqui não, a gente é mais livre. Eu gosto de ir na cidade mais só um instante, pra morar mesmo, eu prefiro aqui (Alessandro).

A colheita e o cultivo do açaí são exemplos dessa peculiaridade na comunidade, como uma das principais formas de trabalho e fonte de renda das famílias, e as crianças em seu vigor se envolvem junto com os adultos e acompanham essa rotina. Suas participações ocorrem em atividades limitadas, as ditas “ajudas”, agem na debulha ou

seleção dos frutos, onde se sentam de cócoras e junto de adultos passam a escolher os frutos bons, conforme visualizamos nas imagens.

Fotos 01, 02 e 03 – Criança na debulha e o utensílio⁷ utilizado no manejo do açaí



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2022.

A apanhação do açaí também é praticada por meninos e meninas, seja brincando ou ajudando mesmo. Desde cedo experimentam-se a aprender a subir no açazeiro e, na maioria das vezes, torna-se uma prática incorporada na vida familiar que começa como simples brincar. A *rasa*, a *vassoura*, a *peconha*, a *barquinha* e os caroços de açaí, são instrumentos conhecidos deles e delas.

Outro elemento do labor dos adultos é a pesca do camarão e do peixe. Os tipos de pescas abrangem as redes de malhar que acontece nos rios e são capturados peixes como pescada, mapará, filhote, mandubé etc. Também tem a pesca com caniço e anzol, que é uma pesca que ocorre nos igarapés, sendo pescados mandii, caratipioca, jacundá, aracu. Além disso, tem a pesca do camarão que ocorre por meio da *botação do matapi* nas águas dos rios e igarapés. Esses são os tipos de pesca frequentes na comunidade, mas existem outras como o *lancear* e o *gapuiar*.

As crianças participam diretamente destas atividades, é o caso do Emanuel que narra seu envolvimento afirmando: *eu sei pescar de malhadeira no rio, já faço sozinho, às vezes o papai deixa e ele rema e, eu, vou jogando a rede*. Outras, participam

⁷ A desbulhadeira feita de madeira e com ferro, utilizada para a debulha do açaí.

indiretamente, ou seja, demonstrando apenas interesse pelo resultado da pescaria ou pela confecção e manutenção dos instrumentos que são utilizados e técnicas de pescar pelos adultos.

Os saberes desses sujeitos ribeirinhos e quilombolas estão na prática do trabalho e, trazem marcas identitárias localmente amazônicas, que emergem devido à necessidade de produção, cuja criatividade são ativadas por estes sujeitos, como os matapis, paneiros, tipitis, peconhas, rasas.

A seguir, um conjunto de imagens de materiais utilizados na pesca e na colheita do açaí, da rabeta, além de paisagens do rio e do sol, na tentativa de aproximar o leitor dessa realidade descrita.

Foto 04 – Utensílios, produtos e paisagens



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2022.

As imagens expressam o cenário da vida ribeirinha que compõem o dia a dia das pessoas, de suas práticas, saberes, e são vividos nos espaços do território que também dita a luta, processos identitários e o espaço social.

A produção na comunidade tem como característica o manual, o manuseio, as mãos, o artesanal, nos conduzindo a pensar numa ação mediada por relações de convivência entre pessoas, ou seja, a partir das famílias, com vizinhos, entre pares adultos e crianças, em muitos casos ou situações. As crianças em seus movimentos na localidade também experienciam esse modo de sentir, isto é, um experimentar-se fazendo quando de suas interações com a terra, com a mata, com o rio e afazeres como de juntar caroços de açaí.

Além das mencionadas, as ajudas se referem a atividades como cuidar da casa, dos irmãos, secar a canoa etc. No trabalho dos adultos, como *colocar o matapi com o pai*

ou com a mãe, dá comida para os animais/bichos que estão pelo quintal e outros, e assim, elas vão perguntando, aprendendo e indagando aspectos que envolvem a vida cotidiana.

A convivência se dá nessa interrelação de proximidade entre os sujeitos, familiares e amigos próximos, e dessa forma, acontece uma relação de troca e de partilha entre todos, é o caso do ir e vir até a cidade quando de uma necessidade. *A gente só vai em Abaete quando precisa. Tipo uma consulta ou comprar algo (Guilherme). Eu vou mais quando quero comprar brinquedo (Izabela).*

Vale ressaltar, que a produção inclui ainda a criação de animais para completar a alimentação (porcos, galinhas e patos) e, além da pequena agricultura familiar, sobressai os plantios de cana de açúcar, árvores frutíferas como de cupuaçu, cacau, coqueiro, e outras como limoeiro, toranjeira, andirobeira e burutizeiro que servem para o consumo das famílias da comunidade e, fora dela também, com a venda, ajudando assim na renda.

Abaixo, alguns depoimentos buscando esclarecer melhor tais práticas.

Nosso trabalho aqui é bem manual ainda, e ocorre pela lavoura de açaí, da pesca, do camarão, e na área de terra firme ainda tem umas poucas roças para o consumo da farinha (Ilza Vilhena).

O mato é lá pra dentro sabe, por isso eu não acompanho muito o papai, mas eu já apanho açaí aqui perto de casa mais é só pra beber porque a mamãe não deixa eu apanhar muito, ela tem medo de cair da árvore. Mas eu gosto, quando eu crescer vou apanhar açaí pro papai vender (Edgar, entrevista realizada em 2022).

Meus netos que me acompanham nessas práticas de trabalho. Este zinho aqui tem só 7 anos, mas é esperto, se a gente fizer a vontade dele, ele não sai da praia, da lama. Ele já tá mais esperto que eu pra pegar camarão com a mão na gapuia, ele me convida vovó bora gapuiar. Eu não vou sempre com ele porque o pai dele não deixa muito (Maria Antônia Santos, entrevista realizada em 2023).

As falas tratam de uma relação concreta nos espaços rurais-quilombolas de atividades laborais. Tais vivências dizem de um tempo histórico e econômico presente, dizem de uma identidade nativa por parte das crianças em suas intervivências de contato com a lama, com o camarão, com a ideia de ajuda/colaboração/aprendizado. Ou seja, se faz em movência um aprender apanhar o açaí, conhecer a natureza, tomando-se assim singulares os processos vividos mediado pela magia, encantos e desencantos da ser criança amazônida.

Em suma, a produção rural-quilombola do Tauerá-Açú se mostra em experiências de cooperação entre familiares, interação entre vizinhança, convívio com a natureza, no qual esses sujeitos mantêm consigo valores, costumes, identidades e culturas singulares.

Tais modos podem ser o ponto de partida e de chegada para reflexões sobre as práticas educativas do/com/para povo.

Vida beira de rio

A imagem 05 é da *boca do rio* Tauerá-Açú, conforme dizem moradores da localidade. É a entrada da comunidade.

Foto 05 – Entrada da comunidade, com a boca do rio.



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2022.

Tauerá-Açú significa “terra de matas grandes”, sendo uma comunidade com aproximadamente 264 famílias, desses 58 são crianças na faixa etária de 5 a 10 anos de idade (dados de 2022⁸). Contam os mais antigos que esse nome foi dado por um grupo de pessoas que fugiram do Alto-Moju da comunidade de Catauaçu, eles vieram desbravando matas, atravessando rios e igarapés até chegarem à comunidade.

Partindo de Abaetetuba (da beira), leva-se em torno de quarenta minutos a uma hora até a comunidade, em um percurso por águas, conforme o trajeto situado no croqui.

⁸ Dados informados pela Agente Comunitária de Saúde (ACS).

Tauerá-Açú, claro que existem outros, mais fora desse território quilombola (Caderno de Campo, 2023).

Por esses rios há dinâmicas beira-rio próprias. Sua paisagem dispõe de grandes áreas verdes com diversas espécies de árvores, igarapés e adjacentes próximos, são rios-caminhos das águas entre outras características, além dos quintais, roças e açaiçais que correspondem ao que chamam de área de terra-firme, a área do *centro*. As imagens abaixo são desses espaços.

Fotos 06 e 07 – Espaços beira de rio e terra firme



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2022.

Como parte dos espaços da natureza do lugar têm as casas, os comércios, os campos de futebol, as igrejas, as embarcações, os trapiches, as pontes além de algumas instituições públicas como a escola e o posto de saúde.

Com base nessas duas áreas geográficas principais, beira de rio e terra firme/*centro* as crianças associam a outros espaços e dinâmicas sociais entrecruzando o todo do lugar bem como perfazem suas noções do território. São o ramal, a lama, a distância, a o caminho, situadas por configurações do espaço vivido, conforme consta na tabela 3.

Tabela 3 – Sobre os espaços beira-rio e terra firme

Grupos de Crianças	Relatos de saberes
Rio-Terra	<p><i>Pelo rio vamos para a escola, para igreja, e qualquer outro lugar (G. C).</i></p> <p><i>Às vezes é ruim pra gente ir pra escola, porque com a água seca, temos que descer a escada e andar por uma rampa pra chegar na rabeta do rabeteiro, e com a água grande/cheia ele pega a gente quase na porta da casa (G. C).</i></p> <p><i>O rio, a gente utiliza para tomar banho, pescar, passear (G. C).</i></p> <p><i>Tomar banho no rio e na chuva. A gente fica de molho, quando a maré está grande (G. C).</i></p> <p><i>As pessoas tomam banho no igarapé e, também, depois, a gente pesca na água seca. A gente vem na beira comprar boia (Guilherme).</i></p> <p><i>A mamãe não deixa eu tomar banho no rio com o sol quente porque posso adoecer (Guilherme).</i></p> <p><i>Brinco no rio de tábua, faço uma prancha, para anadar (Guilherme).</i></p> <p><i>Terra é onde pisamos (G. C).</i></p> <p><i>A terra significa tudo em relação à vida humana, por exemplo, o açai e as frutas são importantes para nós e para os seres vivos (G. C).</i></p>

	<p><i>Na terra a gente brinca com os cachorros, a gente corre atrás deles. Eles saiam latindo au, au, mas a gente gosta (G.C).</i></p> <p><i>A gente faz buraco pra cavar minhoca e depois devolve elas de novo na terra, gostamos porque é uma diversão. (G.C)</i></p>
Caminho-Ramal	<p><i>Quem mora pro centro vem andando todo dia pelo ramal, pra fazer compra na beira, ou vim pra escola (G.C).</i></p> <p><i>Como as crianças de lá não tem rabeteiro igual a gente, a mãe deles vem deixar eles na escola, quando chove eles até se atrasam pra chegar ou chegam todos sujos por que dar muita lama no caminho (G.C).</i></p> <p><i>Olha, teve um dia que o Thiago escorregou, aí a mochila dele ficou que só lama, a mãe dele disse que era porque ele vinha correndo, ela falou que avisou ele. Nesse dia ele nem estudou ela só foi falar mesmo na escola pra professora o porquê ele faltou (G.C).</i></p> <p><i>Quando não chove o ramal fica bonito as nossas mães e nossas tias gostam de fazer caminhada. Aí algumas vezes nós vamos com elas, aproveitamos para brincar de disputar corridas (G.C).</i></p>
Água	<p><i>Com a água ajudamos nossas mães a fazerem as coisas, tipo lavar roupa, lavar casa, lavar ponte, nós gostamos porque aproveitamos para brincar de escorregar (G.C).</i></p> <p><i>Fica quente a água quando esquento o sol (Isabela, 05 anos).</i></p> <p><i>Pesca na água seca, quando a água tá grande os peixes não vêm, mas quando tá seca eles vêm (Guilherme).</i></p> <p><i>Água de brincar, água de beber, de tomar banho, com gás, água de poço, água do rio (G.C)¹⁰.</i></p>

Fonte: Pesquisa de campo, 2022. Org: a autora.

As descrições das crianças constante nessa tabela, evidenciam a particularidade existente na área geográfica representada pelo rio/terra, água, caminho/ramal. As afirmações assinaladas dizem das temporalidades da natureza, do cotidiano, do caminho de luta que interfere no ciclo escolar e familiar, no ir e vim das pessoas.

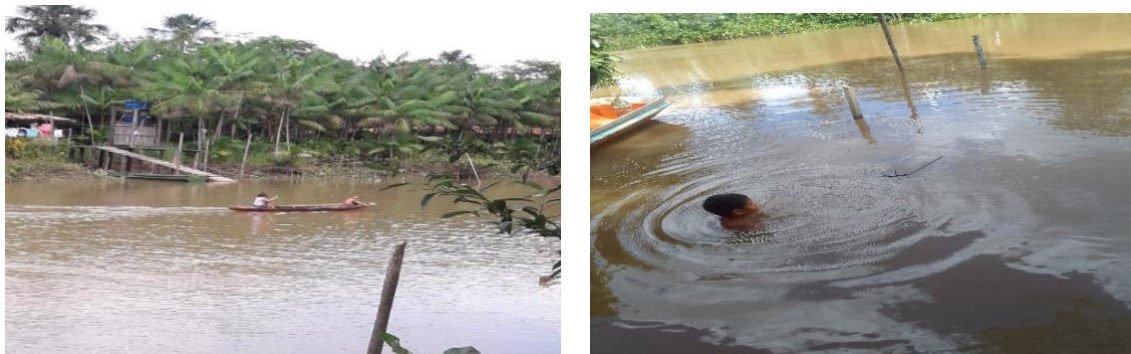
A terra, o quintal ditam a *apanhação* de frutas e, também, a infância experimentada na natureza do espaço aberto e natural. As águas sedimentam o modo de vida da comunidade aglutinador dos outros espaços e das dinâmicas sociais. A água é vista como útil aos afazeres do dia a dia como cuidar/limpar próximo das pontes e casas, e entrecorta sempre o brincar das crianças aspecto que aprofundamos no capítulo II.

Mais uma vez as imagens nos ajudam a explicar o que estamos tratando aqui, a construção formativa das crianças com a água sob múltiplas vivências, experimentos. Na imagem 08, vemos algo comum por aqui, crianças pilotando ou remando rabetas, cascos e canoas. O remar em canoas é uma prática corriqueira, que acontece em grupo ou individual. Emanuel, assim comenta: *eu remo sozinho. E remo com meus primos quando estão aí.* Pilotar, também, é um exercício prazeroso para as crianças devido o contato com a natureza que acalma e é um divertimento do dia a dia. Os pequenos praticam,

¹⁰ G. C: Grupo de Crianças. Significa que os dados coletados por grupos de crianças as mesmas que constam na listagem que está na Introdução. Sendo suas falas, sistematizadas como formas de síntese.

principalmente, quando a água está grande, por vezes na companhia dos adultos, os auxiliando ou não.

Fotos 08 e 09 - Crianças andando de canoa e tomando banho no rio



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2022.

Os pequenos também, por vezes, se colocam a observar a manutenção das embarcações e com suas muitas perguntas acompanham pais, tios ou vizinhos na realização de pequenos consertos, assim como demonstram o desejo de *espiar* a conclusão de alguma embarcação que está em construção no terreiro como o da residência dos colaboradores da pesquisa, o senhor Henrique e dona Ilza, avós de Alessandro e pai e mãe da autora deste trabalho, que por sua vez é mãe e tia das crianças Alessandro e Flávia.

As famílias lidam com o ciclo diário de enchentes e vazantes das marés, sendo que nos meses de março, abril e setembro são meses de marés altas, o que segundo os moradores, chamam de *lava praia*. Por conta desse contexto de águas, as casas situadas nas beiradas do rio Tauerá-Açú e Tauerá-Miri, em sua maioria, são de madeiras e suspensas do solo pelo menos 1, 50 ou 1, 60 metros para que a água não invada nesses meses.

Geralmente, na frente e nas laterais das casas são construídas pontes e as conhecidas *malocas*¹¹. A maloca é utilizada para ancorar embarcações, serve para o desembarque de pessoas e de mercadorias. A maloca também é bastante utilizada para as pessoas se sentarem, conversarem e apreciarem a beira do rio sempre regada da presença das crianças com suas traquinagens. Assim, além do brincar dos menores, vemos pessoas *iscando matapis*, fazendo outras pescas ou venda, tomando banho.

As pontes entre as casas, servem de ligação entre as residências e é o caminho para as pessoas andarem entre uma casa e outra.

¹¹ Uma pequena construção de madeira e coberta com telha de argila ou Brasilit.

Ainda, esse espaço de convivência é invadido pela água no período de marés altas bem como as pontes que interligam as casas e algumas dessas casas vão ao fundo. Agora, para as crianças a diversão fica melhor, este cenário esporádico e diferenciado é alimentado por suas curiosidades, animam os banhos que se tornam mais coletivizados e frequentes, devido a facilidade da água na beirada das casas, pontes, terreiros, malocas. E quase sempre, esta feitura brincante acontece sob a vigilância e companhia de adultos, os quais aproveitam o momento, para lavar embarcações, roupas etc.

Foto 10 – Criança esperando o transporte escolar



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 11– Ponte submersa a água



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 12 – Maloca



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Esse período de marés altas acompanhada das chuvas do inverno amazônico (janeiro a abril) é visto como problema pela população da comunidade e das demais. Porque acontece repetidas vezes de ficar *mais sem energia do que com energia, por conta das chuvas* (Caderno de campo, 2023). Diz Guilherme: *a energia vai embora, a energia volta, depois a energia pisca e volta, depois a gente tem que desligar a televisão, geladeira etc.* Desta forma, as crianças demonstram saber viver e lidar com as adversidades, mostrando conviverem e com domínio do modo de vida.

Estes meninos e meninas possuem conhecimento sobre *vazante, quebra, cheias, lançantes etc.*, o que em seus movimentos e traquinagens expressam a imbricação da água na constituição formativa de ser do lugar.

A vida em beira de rio desempenha um papel fundamental na rotina destas crianças, porque lidam com os elementos da natureza e todo o conjunto de fazeres e saberes deste cenário possibilitando a esses pequenos, o que Brandão (2005, p. 72, grifos do autor), considera à pessoa ser uma “[...] unidade pessoal de saber” (cada uma ou um de nós) sempre cria, renova, guarda e convive com os outros a partir de eixos e feixes de conhecimentos próprios e pessoais [...].”

Modos de ser infantis

Jeitos, grupos infantis, brincades, ludicidade e outros, formam o que, na atualidade, intitulamos como sendo cultura infantil, que também é desenhada pelos rabiscos do cotidiano das crianças em suas infâncias, acontecendo por esta pesquisa na cotidianidade do lugar, num contexto amazônico de características rural e ribeirinha, ancestralmente amazônico. Cujos territórios são quilombolas. Sobre cultura infantil Barbosa assinala que:

[...] transmitidas e reelaboradas geracionalmente e caracterizam-se por estar relacionadas ao contexto de vida cotidiana das crianças, tendo como base elementos materiais e simbólicos [...]. As culturas infantis emergem, prioritariamente, no convívio de pequenos e permanentes grupos com os quais as crianças realizam atividades em comum, em que repetem suas ações, proposições e reiteram suas conquistas. As culturas infantis também são vinculadas à ludicidade, ao trânsito entre o imaginário e o real tão característico da infância (BARBOSA, 2014, p. 645-646).

Admitimos que a cultura infantil se situa nas práticas cotidianas de um grupo e encontra-se mediada pelo modo de vida. Emanam demandas e necessidades do sujeito e coletivo de pares, diz da história e construção de conhecimento desenvolvido por tais sujeitos. Em síntese, diz da vida cultural singular e em estreita relação com a sociedade.

Tomando o modo de vida, a cultura infantil das crianças que habitam o Tauerá-Açú pode-se dizer que esta alimenta-se das/com práticas que vão desde a brincadeira, as vicissitudes da cultura do adulto em suas produções, o tempo de convivência entre crianças e em mediação com a natureza e seguem até a experiência escolar. Todos esses como processos indissociáveis na localidade. A cultura infantil quilombola exercida/construída pelas crianças daqui são mediadas pelos saberes locais e move a comunidade do Tauerá-Açú. Assim, em um cotidiano próprio:

[...] nós e através dos ciclos de vida e dos círculos de cultura onde grupos, turmas e equipes infantis criam e partilham teias e tramas dos arranjos possíveis dos símbolos e dos saberes-valores apropriados de fragmentos da cultura adulta e reinventados em suas endiabradas e encantadoras culturas infantis [...]. (BRANDÃO, 2015, p. 11).

Na comunidade contabiliza-se, aproximadamente, oitenta e sete (87) crianças na faixa etária entre um ano incompleto até doze anos de idade, estas moram com seus pais, avós, tios e tias, padrinhos e madrinhas, porque nas moradias há sempre um certo grau de parentesco dessa natureza. Eles vivem suas práticas pelo que Brandão ([s.d], p. 6) diz ser “[...] círculos culturais de socialização [...], ou seja, vivenciam experiências socializadoras para além do propósito instrumental e utilitário de aprender, como fazemos com a escola [...]”. Eu como mãe do Alessandro, posso dizer que as crianças riem, choram, criam, possuem falas próprias do seu linguajar, andam sozinhas, fazem seus próprios barulhos, se mexem, enfim, elas estão cercadas de possibilidades e invenções, como a história do meu menino. *Um homem estava no rabudo, pegou uma maresia muito grande. O mar estava bravo estava desejando morte, além de um tubarão e o tubarão logo disse hoje vai ter janta. E fim.*

Percebe-se aí a arte de criar, de reinventar algo que é muito próprio do linguajar e das falas próprias dos rios e desse cenário infantil.

Nesses termos ser criança com a experiência de uma infância como direito, a compreendemos a partir do que diz Gusmão (2012, p. 173) considera: “[...] Para a criança, portanto, o que está em jogo é a possibilidade de experienciar o mundo, descobri-lo em seus elementos, o que ela faz por meio da comparação entre o que sabe, vê, ouve e observa, entre iguais, as outras crianças [...]”. É sobre leituras mundo as narrativas que seguem:

Sou feliz por viver aqui porque podemos usufruir das coisas a vontade, por exemplo, temos água abundante para fazermos o que quisermos. Na cidade não é assim, um dia fui pra casa do meu tio que mora em Abaeté, ele arrumou uma piscina pra gente tomar banho só que era muito pequenininha, só cabia duas pessoas dentro dela, aí me lembrei daqui que a gente tem o rio a nossa disposição (Mayellem, entrevista em 2022).

Todos nós somos livres, por isso, que eu gosto daqui. Aqui a gente tem a natureza a nossa disposição, além das frutas que podemos apanhar para comer, temos o açaí que eu gosto muito, tem a rabeta que eu também gosto porque agora estou aprendendo a fazer ela funcionar e pilotar o rabudo. Papai tá me ensinando pra mim aprender ir sozinho fazer viagem pra mamãe. (Vinicius, entrevista em 2022).

Eu gosto de morar aqui porque eu posso brincar a vontade, brinco com minhas irmãs, a gente brinca no terreiro, na lama no rio, por onde dá certo. A gente

corre, a gente cai, a gente se levanta e por aí vai, a mamãe já nem liga mais (Flávia, entrevista em 2022).

A partir das narrativas percebe-se o quanto as crianças denotam com clareza a vida entrelaçada com o lugar, sentindo/apreciando o cotidiano banal de um mundo rural amazônico, assim conseguem demonstrar o gosto do açaí, de um viver mais livre, de deleitar-se no banho no rio, de brincar pegando na terra com os irmãos e outros, e dessa forma elas vão trocando aprendizagens e decodificando a importância das relações humanas. Portanto, o modo de ser infantil permite as crianças construir suas próprias narrativas de vida, a circulação e mobilidade nos espaços, aprendizados informais, experimentos lúdicos no território.

Culturas infantis que pouco transversalizam processos identitários e formativos na/da questão quilombola, aspecto que discutimos na sequência.

Ser ou Não ser Quilombola

A diferença vista como potência da diversidade amazônica e brasileira, nos conduz a afirmar que a comunidade traz em sua identificação formas de lidar com a ancestralidade, a tradição e a cultura que são distintas. Sua singularidade territorial, geográfica, espacial, doméstica-comunitária diz do modo de ser quilombola. Ou, do porque de não identificar-se como quilombola. Ressaltamos, que o tornar-se território quilombola ocorreu em 2002, pela Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA).

Sobre a auto identificação como quilombola, em conversa com o senhor Benailsom Fonseca, morador e representante da ARQUIA na comunidade, ele afirma que:

Aqui na comunidade eu sou representante da ARQUIA há quase dois anos, e hoje posso afirmar a importância da luta pelas defesas dos territórios. Mas, apesar disso, eu vejo que aqui muita gente não se auto identifica como remanescentes de quilombos, e isso é uma grande tristeza pra nós que lutamos todos os dias pra sermos valorizados, não só por um pedaço de terra, mas por toda uma história que começou com nossos antepassados. As lutas, as labutas do dia a dia tornam a gente um povo único. Mas, infelizmente, algumas pessoas daqui de dentro mesmo não conseguem entender isso. Acham, que pra ser quilombola tem que ser preto. A ignorância já parte deles mesmos (morador, entrevista realizada em 2022).

Em sua fala ressoa a importância da luta em defesa dos territórios quilombolas, devido toda uma história que começou a muito anos, informa de uma ancestralidade que precisa ser ativada e lembrada. Deixa claro sua insatisfação diante do atual contexto

da comunidade que conta com pessoas que não se auto identificam e nem dão valor a questão quilombola.

Percebe-se, que há uma divisão sobre a identificação/atribuição em relação ao que consideram ser quilombola, conforme confirma o senhor João Lobato (Olívio): *Olha eu não me considero quilombola, mas eu tô em área quilombola*. Esta visão, é mais uma que trata da questão quilombola, bastante controversa na comunidade.

Eu como moradora, vejo o ser quilombola como um aspecto controverso devido a forma como é assumida e vista aqui, me refiro a falta de envolvimento dos sujeitos com a história local. Vejo que por muito tempo a comunidade ficou/está estagnada pela falta de reconhecimento, ou seja, só se é quilombola quando precisa de algum benefício propiciado pelo governo como é o caso de bolsas e cotas para estudantes ingressarem na universidade pública. Percebe-se um grupo que age por conveniência, é o que ocorre e, esses grupos, ainda estão ligados apenas a garantir algo por serem moradores do território.

Ser quilombola, desse jeito, é controverso, perverso e desolador. Não ajuda a luta étnica e do bem viver de todos e todas. Ser quilombola, antes, é assumir a nossa descendência, é ser forte e ter vínculo com a terra e com a água. É lutar para ser reconhecido, entre outras definições.

Por tudo isto, concordamos com as autoras Souza e Gusmão (2017), ao dizerem que:

Ser quilombola [...] “não é nada fácil”, pois exige desconstruir a ideia colonizadora de quilombo como lugar remoto, onde negros escravizados se refugiavam e, ao mesmo tempo, entender e participar do campo de luta pela titulação das terras, e por direitos que eliminem as desigualdades sociais e raciais que vivenciam. (SOUZA, 2017, p. 193).

A posição das autoras diz muito das lutas por reconhecimento que não acontece naturalmente, ao contrário, a população no geral não compreende a diversidade brasileira, bem como a comunidade do Tauerá também não entende, aceita e se auto reconhece nesse processo. Mas não são todos e todas, daí a controversa que mencionamos.

Dona Maria Antônia Carvalho dos Santos diz mais um pouco sobre ser quilombola, acentuando a particularidade beira-rio do território.:

Eu me considero ribeirinha e quilombola pelo meu jeito de viver, de pertencer e de trabalhar. Ribeirinho porque dependemos do rio e da natureza, pois aqui eu coloco o meu matapi, coloco minha rede de malhar, eu pesco, eu gapuio, comigo não tem dessa. Já o pertencimento como quilombola eu acredito que seja porque somos descendentes de negros eu sempre falo aqui pros meus netos, nós somos negros, somos um povo sofrido, então vamos valorizar nosso jeito de viver, parar de ter vergonha de quem somos (Antônia Santos, entrevista realizada em 2023).

Na expressão da dona Totonha (Maria Antônia) como é conhecida na comunidade, o termo ribeirinho quilombola se fortalece pela história de trabalho e na vida diária do povo, antes como parte ancestral e hoje, como prática atual. Nesse contexto a distinção beira-rio é visível e concreta, devido estarem integrados com a natureza das águas sob múltiplas dimensões.

Nesses termos, pode-se afirmar que há jeitos, modos, ritmos, visões ditando processos identitários de ser quilombola. Há gestos e formas, simbolismos e práticas sociais próprias da vida cotidiana como a gramática do *anadar* e da *bubuia* nas águas, da *gapuia* do camarão, da *puqueca* e do *iscar o matapi* etc. Conformam assim, esses gestos e formas próprias, saberes que permeiam a vida de ribeirinhos e quilombolas, ou de ribeirinhos quilombolas, ou de quilombolas do Tauerá-Açú, a depende da compreensão de cada um em relação ao pertencimento e identificação.

Para Souza (2017):

A identidade quilombola está ligada à terra e à organização social construída nela através do parentesco. É permeada por processos de exclusão, desde a escravidão até a atualidade, quando os sujeitos se veem alijados do direito de permanecerem naqueles territórios secularmente ocupados. Além disso, diversas comunidades quilombolas mostram que os processos identitários em construção decorrem também da intervenção e do diálogo com o Estado e a legislação, que protegem os territórios (SOUZA, 2017, p. 196).

Tais considerações trazidas pela autora, se aproxima muito dos aspectos vivenciados no Tauerá-Açú, por ser relacionado a uma luta também por terra, luta por comida, luta por existência digna. Essas teias de relações são estabelecidas e construídas através dos seus laços parentais e de seus antepassados que deixaram esse legado de resistência por/nos territórios, mostram, portanto, processos identitários.

Percebemos com isso, que na comunidade, a busca por identidade se aproxima do saber que possuem, adultos e crianças. No entanto, as crianças desconhecem da singularidade quilombola, isto falando de modo amplo, pelo fato de não haver uma forma de “circularização do saber” com informações e práticas dentro do território. Ou seja, embora estejam observando, exercitando e convivendo com muitas práticas pouco sabem e identificam o ser quilombola, o território como quilombola e sua importância.

Pela escola, família e associação/comunidade pouco tem sido tratado. Até porque quando falamos de processos identitários construídos em comunidades quilombolas nos referimos a condicionantes sociais e políticos que atravessam o sentimento de pertencimento, produzido em consensos e conflitos, em manifestações culturais em circulação, em ações coletivas esclarecedoras e militantes próprias.

Nesse sentido, cabe a ressalva de que não existe uma identidade fixa ou permanente, trata-se de um processo em permanente construção. Barth (1998) coloca-nos que:

[...] para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações (BARTH, 1998, p. 182).

Com base no autor entendemos a identidade da comunidade definida também como população tradicional, na medida em que ainda se preserva valores cultivados nas sabenças, produções, simbologias, culturas de modo ancestral, em raízes dos antepassados. Que a identidade do Tauerá vem sendo tecida no conjunto completo de outros que sobreviveram em associação com a natureza, com a cultura e com o saber negro, indígena e tantos outros chegantes; com o atravessamento do saber e de contexto das águas; tudo sedimentando escolhas e a reprodução social com encontros e desencontros de pessoas, embarcações e movimentações nas águas, na terra e na mata. Com adultos e crianças. Com as crianças em suas produções infantis (FLORESTAN, 2004; GUSMÃO, 2012; BRANDÃO, 2015; POJO, 2018).

Toda essa adversidade da história quilombola da Comunidade Santa Ana, o ser, o modo de sentir-se ou não como quilombola reflete na infância vivida pelas crianças da comunidade, pois muitas delas não conhecem e nem sabem dos antepassados do Tauerá como afirmamos, porque inexistente o debate com elas e a partir delas no sentido de se reconhecerem no lugar e como quilombola, embora sejam ativas com o que acontece e estejam no convívio social. Percebemos isso em falas como a do pequeno Edgar: *Eu não sei o que é isso, nem sabia que aqui era uma comunidade quilombola*. Da Diana, ao afirmar que *na escola a gente não conversa muito sobre isso, só sei o que a mamãe me falou, que nós somos todos quilombolas mais não sei explicar o que isso significa*.

Reiteramos, embora as crianças gostem do lugar, convivam com pessoas antigas do lugar, participem de programações festivas da comunidade, e saibam dos acontecimentos e situações vividas no território. Embora, saibam que no território se produz a existência na movência dos cursos d'água, na *fazição*¹² da farinha e na roça entre tantos outros ciclos culturais presentes ali, o fato é que as crianças pouco sabem da

¹² Para os moradores, consiste no processo de fabricação da farinha.

história quilombola do Tauerá. Tais construções estão desassociadas da questão quilombola.

Falta relacionar, refletir, manifestar mais as tradições e manifestações do território quilombola em sua complexidade. Por esta ausência, talvez esteja sendo produzido uma infância em que as crianças ficam de fora no que se refere as questões do lugar, ou seja, talvez estejam sendo tratadas como se não entendessem ou soubessem nada. Como se não estivessem, também, produzindo a vida na comunidade assim como estão os adultos. Como se não fossem sujeitos de cores, de escolhas, de racismo e negadas no direito de ser, por vezes. Ao contrário disso, como diz Gusmão (2012, p. 170): “[...] a criança estabelece um conhecimento de si mesma, do outro, do mundo no qual está. O processo, em si, consiste numa aprendizagem [...]”.

Eu como moradora percebo que os pequenos são deixados de lado quando ocorrem as reuniões/encontros na comunidade. Também, vejo um certo esfacelamento por parte da família e da escola que não discorrem sobre o sentido da produção cultural da comunidade, conforme assevera Brandão (1981). Quer dizer a dimensão quilombola é silenciada e, nesse sentido, as práticas educativas da comunidade de enraizamento amazônico, ancestral e local ficam de fora dos assuntos com/para as crianças.

Assim, o que conseguem dizer sobre quilombola se reduz ao que ouvem falar uma vez ou outra do assunto, aspecto que também não demos conta de entender devido o tempo da pesquisa. A menina negra linda, Flávia, diz que trata de *uma família grande, são todos nós que moramos aqui*, associando ao morar na localidade, *morar aqui* nesse espaço. Alessandro, reforça a ideia do pouco sei, quando afirma *eu já ouvi falar sobre quilombola, mas eu não sei o que é, nem o que faz, nem o que são*. Mayellem também se posiciona: *Não sei sobre a história da comunidade, só sei que faz tempo que a gente mora aqui. Os mais velhos que construíram eu acho a igreja aqui, só sei que é Santa Ana o nome porque tem um tempo que ela anda nas casas das famílias* [refere-se a imagem de Santa Ana] (Flávia). Outras crianças com as quais dialogamos dizem ainda que não sabem sobre e nem se reconhecem como tal. Então, podemos dizer que o *eu conheço tudo aqui* da menina Diana e de tantas outras, não abrange a identidade quilombola.

É importante lembrarmos aqui que as comunidades remanescentes de quilombos são reconhecidas por terem uma história, uma cultura e por compartilharem as coisas de um modo diferente, na coletividade.

Neste item tratamos dos esfacelamentos que vem comportando o ser ou não ser quilombola na comunidade, sobressaindo um cenário de luta árdua e de organização

social como pauta importante, é o caso da ARQUIA como grupo de ação social formado recentemente na comunidade, cuja finalidade entre tantas, está a construção do Protocolo de Consulta previsto para vigorar a partir de agosto de 2023. Tais processos identitários pautam o entendimento e o valor do reconhecimento dos sujeitos, do território e de um movimento quilombola que ganha força, mas ainda não se faz quilombola em sua radicalidade étnico-racial. Disso já se percebe uma melhoria ainda que vagarosa, pois a partir do momento que o povo passa a conhecer, ele valoriza e entende que isso tudo faz parte da sua própria formação como pessoa cidadã que é. E, as crianças, embora que mais devagar ainda, desconhecem todo esse processo, embora esta produção esteja acontecendo dentro da comunidade.

1. 2 O cotidiano das águas na comunidade

As águas têm importância ímpar na vida do planeta terra e das pessoas, da comunidade. Os rios banham a vida dos sujeitos do lugar desde o lazer até a sobrevivência de quem busca o alimento como já dito. No rio, as pessoas dominam o *buiar*, o pescar, o andar por cima das águas em embarcações nos cursos de águas, sabem mergulhar e fazer travessias. As águas para os sujeitos pertencentes a comunidade tem o significado de transmissão e fonte de conhecimento (caso do anadar), de circularização nos diferentes espaços, isto é, o rio é a ponte, o caminho, liga a vida de quem mora no lugar.

O rio e a água possuem diferenças entre si para a população. O rio é entendido como caminho de ligação, por exemplo, meio de locomoção/circulação. As águas transmitem o sentido de utilidade para fazer as coisas do dia a dia e, também, de diversão praticada por crianças e adultos se tornando uma forma de refúgio porque causa alegria, felicidade e conforto no sentido de as famílias buscarem viver plenamente não só uma infância amazônica. Vive-se, por aqui, uma cultura amazônica extremamente ligada a natureza do rio, das águas, do mato e do campo.

O cotidiano é estabelecido a partir dos cursos d'água de forma múltipla e diversa. De modo especial, as crianças apropriam-se dos espaços, dos lugares e da natureza em suas práticas e ações, associam muito bem a imbricação conexão humano-natureza, corpo-água, brincar-criar.

Nessa esfera, processa-se um cotidiano conceituado por Agnes Heller (2008), como sendo a vida como parte inerente a existência de todo e a qualquer ser humano. Um cotidiano social, do ser humano produzindo cultura, que produz a si e seu modo de vida,

bem como relaciona-se com várias dimensões da sociedade. Sobre isso Heller (2008), afirma que:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade (HELLER, 2008, p. 31).

A partir dessas ponderações vimos o quanto o cotidiano é um componente da formação humana. Deriva então, pensar na importância dele na constituição da subjetividade do indivíduo, uma vez que estamos numa perspectiva dialética, em que só é possível avançar/progredir na presença de outro humano.

Para Brandão (2006) esse cotidiano permite desvelar modos de vida rural como uma forma de resistência à lógica capitalista que homogeneiza os territórios, os lugares, os espaços, as pessoas. Vemos essas práticas cotidianas de fazer, criar, viver um modo de vida distinto da lógica capitalista como determinante, no que é explicitado por moradores da localidade durante uma conversa informal, registrada no meu caderno de campo.

Aqui no Tauerá-Açú nossa relação é próxima, todo mundo se conhece e um ajuda o outro quando precisa; Sempre que ajudamos uma pessoa, seja amigo ou parente, quando precisamos eles também nos ajudam, nós vivemos numa relação de mãos duplas. Mais, esses mesmos moradores afirmam que não trocariam esse espaço por qualquer outro lugar (Caderno de Campo, 2022).

Nesse sentido, podemos observar um cotidiano vivenciado com formas de resistir à ordem imposta pelo capitalismo, pois habilitam-se e criam formas de burlar a regra moderna que impõe aos sujeitos a sua própria desumanização, e com outras práticas, táticas e estratégias de sobrevivência exercitam dinâmicas sociais assentadas em relações próximas, ações coletivas e regras mais humanizadas prevalecendo ainda o *todo mundo se conhece*; a vida ganha outro sentido quando *um ajuda o outro, quando precisa*. Melhor, vivem com *mãos* que se apoiam na precisão. Nesses termos, a convivência das pessoas acontece por meio do diálogo, do respeito e da confiança entre as pessoas, talvez impulsionada pelo fato de todos se conhecerem, e por esta aproximação de famílias e vizinhos que estabelecem relações entre si, o que de certa forma reflete na infância vivida no lugar. Vemos simplicidade, proximidade e relações afetivas como regra comum, o que

de certa forma tem influência na cultura infantil das crianças pois estão juntas, também, nesse caminho.

Neste aspecto, no dia 14 de janeiro de 2023 em mais um dia trabalho de campo, demos continuidade a entrevista com Flávia, e alcançando sua contribuição para a pesquisa ela nos disse um pouco mais do trançado modo de vida e cotidiano, que se prendem dinamicamente. Retrato o convívio das pessoas e como vivem na localidade.

O convívio aqui na minha comunidade, na minha visão se dá muito pela ajuda, tipo assim todo mundo se ajuda, por exemplo, fulano está doente ou tá faltando comida na casa dele e tal. Aí a gente vai lá na igreja se reúne com as pessoas e ver quem está mais precisando de ajuda, fazemos coleta ou cesta básica e doamos para as famílias. Tem gente que não quer a cesta básica e dá pra outra pessoa que está precisando mais do que nós, é isso é tipo um tesouro pra mim (Flávia, entrevista realizada em janeiro de 2023).

Observando os comentários dos adultos e o da criança sobre o convívio no lugar, vimos uma aproximação no conteúdo da fala, pois ambos declaram que a regra coletiva vivenciada é de um convívio próximo, e é representado pela palavra *ajuda* que as pessoas declaram prestar entre si.

A menina ainda nos explica como as pessoas vivem no local: *as pessoas vivem aqui através do trabalho, eu por exemplo, ajudo o papai no mato a desbulhar o açaí. Quando eu venho do mato a gente ajuda o vovô a apanhar bacaba, tipo escolher os caroços, lavar e carregar pra terra [a terra refere-se a ponte].* Fica explícito mais uma vez o “trabalho como um tipo de ajuda” na vida dos infantes, aspecto que também não demos conta de aprofundar aqui.

Nesse modo de vida quilombola do Tauerá, as crianças assistem os pais ou responsáveis em tarefas cotidianas como as explicitadas. Sob esta lógica vão aprendendo a viver a infância, agindo diante do contexto. Assim, a cultura infantil no Tauerá-Açú conecta *uma infância em que as crianças são próximas umas das outras*, e pelo gostar de viver ali.

Suas experiências são, fortemente, ligadas com o rio, com as águas. Desse repertório os pequenos dizem que *o rio faz parte da natureza, porque vem da natureza e é uma paisagem natural, é uma criação de Deus. Gostamos apreciar isso, por exemplo, à tardinha nos sentamos na beirada das pontes e ficamos conversando e olhando as movimentações que acontecem nele.* Outras crianças ainda comentam que a água além de servir para as brincadeiras, serve também para fazer compras, andar, passear (Caderno de Campo, 2023). Ainda, afirmam sobre a importância do rio na vida delas, pelo fato de

ser a *fonte de vida*, pois as pessoas, como as crianças, que utilizam não só para brincar, mas também fazer as coisas do dia a dia conforme explicitado na tabela 3.

Essas experiências possibilitadas pelo nadar, correr, brincar, subir, descer próprias do viver na comunidade, são maneiras reais de as crianças exercitarem 100% do seu corpo brincando, aprendendo, educando-se no sentido de sentirem-se livres como mecanismo humano de explorar, do reconhecimento de suas vontades, de acessar quem elas são e como podem se relacionar com o mundo. Trata-se de um aprender a ser subsidiado pela cultura das águas que para além do brincar e banhar-se ainda que seja o preferido das crianças. Existe toda uma interação que perpassa o *espiar* e apreciar aquela paisagem margeada por águas; na rotineira forma de sentar e conversar a beira do rio. Ou seja, há um relacionamento dos pequenos com os cursos d'água que os leva a aprenderem as dinâmicas, as relações e reproduções do viver sob o signo das águas.

Outrossim, a natureza com todos os seus elementos é presente na prática cotidiana. Ela não expressa somente como espaço e paisagem intocados, ao contrário, diz de uma ambiência sociocultural associada a convivência, a relacionamentos, em síntese, pela vida produzida diariamente, que se mistura aos saberes, jeitos, aprendizados, e que as crianças são ativas nesse cotidiano.

Assim, nesse contexto quilombola beira-rio os espaços naturais são aprendidos, conhecidos e experimentados por tais sujeitos em suas práticas, logo subir em árvore, construir uma barraca com folha de açazeiro, tomar banho de chuva e nas águas do rio, fazer escultura de barro, areia e terra compõem o próprio aprendizado e a produção cotidiana dos pequenos, a sua cotidianidade.

Vimos o quanto as crianças exercitam relações fortes com o lugar, com o cotidiano comunitário e de suas rotinas específicas que envolve a escola, os momentos recreativos entre outros aspectos, trazido na tabela 4 pelo vivido por algumas crianças que participaram da pesquisa.

Tabela 04 – Sobre o vivido

Crianças	Minha Rotina
Diana	<i>A gente vive aqui estudando, ajudando nossos pais nos afazeres do dia a dia, brincando. A gente brinca no terreiro, na lama, no quintal, na escola e, também, brincamos na casa. Nossa rotina basicamente se resume a isso e, também, nos afazeres da igreja tipo ir para o encontro da catequese dia de sábado e aos domingos ir para a igreja, acompanhada do pai ou da mãe.</i>

Alessandro	<i>Dia de Sexta-Feira tem reunião da pastoral familiar na casa de alguém, então eu peço pra mamãe me levar, porque enquanto eles conversam eu fico brincando com meus colegas. Outra coisa que fazemos aqui é ir pra escola todo dia. Também tem a catequese que eu participo, é bacana. Eu acordo tomo café, escovo os dentes e ajudo o papai quando ele pede, porque só vou a tarde pra escola. A festividade daqui é pra rezar pra Santa Ana, mesmo nome da minha escola. Eu gosto quando é tempo da festividade daqui porque posso ir na barquinha. Nossa igreja é a católica, a mamãe sempre me traz para os cultos dia de domingo.</i>
Mayellem	<i>A gente chega, só tira a mochila e a roupa, lanchamos alguma coisa e vamos brincar [refere-se ao campo de futebol].</i>
Flávia	<i>Todo dia tem jogo aqui. Enquanto os adultos jogam, a gente fica brincando até tarde, do outro lado no nosso campinho que fizemos.</i>

Fonte: Pesquisa de campo, 2022. Org: a autora.

O vivido no convívio das crianças sinaliza, como já mencionado, pela circularidade nos espaços da terra e da água, observando e até participando de ações de trabalho.

Como vimos cotidiano e trabalho estão interligados, e embora o trabalho já tenha sido discutido no texto, o trazemos aqui nessa interlocução na perspectiva de dona Totonha com seu neto Emanuel, que nos leva a compreender melhor a vida infantil na comunidade. O menino afirma conhecer das práticas laborais desenvolvidas pelos moradores porque vê e acompanha sua vó nas atividades, como na *gapuia*¹³. Além dessa atividade feita por ele e comentada pela vó, Emanuel diz que sabe pescar, nadar, *iscar matapi e colocar no rio*. Sua vó ainda reforça que apesar dele saber algumas dessas atividades, ele nunca faz sozinho, ou seja, sempre está em companhia de um adulto.

Significa dizer que as tarefas desenvolvidas pelas crianças são orientadas e acontecem na companhia de mais velhos. Estes estão presentes conduzindo os pequenos para que desde cedo eles possam saber como é o convívio na comunidade. Neste aspecto, dona Totonha, declara que:

O cotidiano das crianças perpassa muito pelo trabalho, e pelo trabalho elas aprendem a conviver e interagir. Eu fui mãe de cinco filhos e ensinei todos a trabalhar, trabalhar não tira o pedaço de ninguém, pelo contrário, a gente tem que tá envolvendo eles porque nessa interação eles aprendem, olhando, observando e quando a gente menos espera eles já dão conta de fazer tudo sozinhos. Temos que colocar pra aprender porque hoje em dia muitos quando crescem não querem saber de estudar, então tem que saber pelo menos sobre o nosso ganha pão (Antônia Santos, entrevista realizada em 2023).

O trabalho é trazido aqui pela moradora como uma forma de ensinar as crianças desde cedo sobre o sentido do trabalho, com isso, fica claro que os moradores veem a participação da criança no trabalho ajudando ou não, como uma oportunidade de aprendizagem, seja no sentido de como se deve tratar e respeitar as pessoas mais velhas;

¹³ É um tipo de pesca.

ou como realizar determinadas tarefas que consideram simples e no âmbito da ajuda como já referido aqui: acompanhar adultos na lavoura, no plantar etc. Durante as conversas com elas em momentos diversos outras crianças também se manifestaram a esse respeito:

Eu ajudo minha mãe a molhar as plantas, arrumo a casa, vou pro mato desbulhar açai e ajudo a cuidar das minhas irmãs (Flávia).

Eu ajudo meu pai a apanhar açai para beber quando ele me leva para o mato, e a dar comida para os pintos, galinhas, galos e patos (Vinícius).

Eu ajudo a carregar os paus pra fazer cerca, dou comida para as galinhas e ajudo o papai a desbulhar açai (Emanuel).

Eu ajudo o vovô a fazer farinha quando tem retiro (Natália).

Esses fragmentos dizem de ações das crianças, do que elas sabem e vivenciam na vida e no trabalho, e que marcam a identidade delas. Ao procuramos compreender mais como eles aprendem e se sentem, as crianças dizem que “gostam” por que ali elas nunca trabalham sozinhas e que sempre estão sobre o olhar e supervisão de alguém, ao mesmo tempo, junto de tudo elas brincam, se divertem, aproveitando-se dos animais, carregando paus, caroços e árvores, desbulhando açai etc. Trata-se de uma participação em atividades de trabalho que não é exaustivo e, também, não subtrai o tempo do estudo e de fazer outras coisas, como brincar e se divertir.

Faz parte ainda, as atividades da escola e as programações sociais da família como as da igreja. Podemos dizer que as atividades das crianças se relacionam com aquelas desenvolvidas pelos adultos, especialmente por seus pais. Elas participam de todos os momentos da vida da comunidade, no trabalho, em casa, no lazer, e nas atividades religiosas.

As crianças seguem o ritmo familiar e comunitário, por isso, estão envolvidas com questões de trabalho, alimentação, festejos e celebrações dominicais. Como mencionamos sua vida infantil mescla prática escolar, familiar e com o grupo de pares. A escola é parte de sua rotina e compõe também a circulação no lugar bem como a igreja que integra a parte com sua família. O grupo de pares é notório sempre que têm oportunidade, pois para criança significa brincar, conversar, rir, sair do olhar dos adultos. Para Brandão (2015) o grupo de crianças é formado por conveniências, assim:

[...] ser ou viver na comunidade significa estar continuamente oscilando entre os seus círculos culturais de vida [...] as crianças convivem seu momento de reciprocidade no interior de seus *ciclo de vida* do ponto de vista da pessoa de uma criança, esse ciclo começa no *grupo doméstico*, que distribuem e faz conviverem as pessoas de/em uma casa, ou no que mais se pareça com elas, depois, alargar - espaço cotidiano de convivência, e estabelecer por conta própria ou por imposição dos adultos, outro círculo mais ou menos estável de interação socializadoras. [...] ao pensarmos a vida cotidiana em espaço – tempo como o da

casa, da escola, comunidade, não raro esquecermos de “ver” que por debaixo e no interior dessas “coisas” estão os círculos e circuitos reais da interação entre as pessoas (BRANDÃO, 2015, p. 08, grifos do autor).

Diante disso, o grupo entrelaça o emaranhado afetivo, sociocultural, do cotidiano vivido pelas crianças na medida em que parece que vão apreendendo o saber, um pouco mais da história do lugar, do suor do trabalho por aspectos conceituais e práticos.

Outra realidade cotidiana é a casa, percebida como um dos principais espaços da ambiência das crianças, até porque elas passam bastante tempo no seio familiar. E, como extensão da casa, há espaços concretos e da empolgação das crianças para realizarem suas atividades, sendo o principal, o brincar. Brincam de faz de conta nas malocas, correm nos terreiros e nas pontes, nadam no rio ou igarapé, passeiam de canoa, jogam bola. Este aspecto é detalhado no capítulo II.

Integrado ao seio familiar, fazer travessias pelos rios até a cidade de Abaetetuba são parte também das experiências, o que para elas configura como uma forma de lazer ao acompanharem seus pais às compras, as consultas e, ganhando, passeios nas praças e lojas para comprar brinquedos e até mesmo comer guloseimas.

O cotidiano de meninos e meninas é vivido por andanças e vivências nos espaços do lugar. A tabela abaixo traz resultados de um *bate e volta*¹⁴ com elas, a respeito de termos que se entrecruzam ao mundo das águas. Tais palavras foram recorrentes durante a pesquisa de campo.

Tabela 5 – Sobre a natureza do lugar

Palavras	Significações
Beira	<i>Na beira dá camarão. A senhora sabia que as garças gostam de mariscar. Elas pegam camarão, quer ver quando a água está seca (G. C). Na beira da costa quando a gente passa quando vem da cidade, a água dá muito forte, o vento chega zoar no ouvido da pessoa (G.C). Beira é quando sai da casa e vai pra li. Caminho é lá pro ramal, que passa carro, moto, polícia. Aqui tem ramal, só na cidade que tem rua (Guilherme).</i>
Areia Praia Lama	<i>Tem uma areinha que a gente brinca de vez em quando, quando a água tá seca. Ela fica na beira da costa, e como o vento é mais forte a gente só vai quando o nosso pai nós leva ou nossos tios. Também só brinca nela quem já sabe anadar (G.C). A gente se atola na lama (G.C). A lama pra mim é praia, e na praia dá pra sentir o vento bater no nosso rosto (Diana). O significado de areia praia e lama está no pisar. Nós pisa por cima e se enterra (G.C). Uma vez eu fui empurrar o casco que tava ensecado com a mamãe, eu me atolei até a canela de lama, quase não consigo me desenterrar, chega foi preciso a mamãe me puxar forte pra mim poder sair (Olivia).</i>

¹⁴ Nome dado para uma dinâmica adotada pela pesquisadora, visando captar significações a algumas expressões das crianças.

	<i>Um dia sabe, eu fui correr atrás de uma pipa na praia, o sol tava tão quente e eu me sujei tanto de lama, chega minha cara ficou vermelha. O papai falou assim pra mim, que se eu não parasse de fazer isso, ele iria proibir de eu brincar disso (Alessandro).</i>
Trapiches/pontes	<i>Nós corre e escorrega (G. C). A chuva faz chi, chi, quando pega na ponte (G.C). No trapiche que a gente chama de escada de subir e descer pro porto, tem a água que é uma delícia pra tomar banho (G.C).</i>
Miritizeiro	<i>Nós anda por cima (G. C). No caminho da escola, quando a água dá bem seca, e a rabeta do rabeteiro não chega na ponte, ele deixa a gente lá embaixo, e tem um miritizeiro que temos que passar por cima no caminho (G. C).</i>
Sons da Natureza	<i>No rio tem o barulho do barco, da rabeta, do motor (G. C). Na terra tem o barulho das frutas quando cai das árvores, exemplos: manga, bacuri, abiu etc. (G. C). Barulho da maresia, que fica do motor no rio; de tanto a gente ouvir esses barulhos quando vem uma rabeta lá longe a gente já sabe algumas vezes de quem é (G. C). Eu, por exemplo, sei o barulho da rabeta do rabeteiro e quando ele vem lá na beira da costa, antes de entrar no rio, eu falo pra mamãe. Rápido mãe, tenho que me arrumar que já vem o Benaildo (Alessandro). Eu também sei o barulho da rabeta aqui de casa, quando o papai chega da cidade, eu já tô esperando ele no porto pra ajudar a carregar as compras que traz (Diana). Aqui no sítio, a gente ouve os sons dos passarinhos cantando, da maresia na água que quando vem bate na beira e faz “bum” na escada (G.C). Na ponte tem barulho da chuva quando cai (G. C). Quando a gente vai pra casa da titia a gente escuta o barulho das folhas das árvores balançando pro lado e pro outro (G.C).</i>

Fonte: Pesquisa de campo, 2022. Org: a autora.

São dados da gramática social dos pequenos, expressão de sua cultura infantil experimentada no cotidiano a partir de uma dinâmica quilombola. Situa um viver infantil no campo, com explicações das palavras do seu contexto de vida como lama, miritizeiro, sítio (comunidade) e a beiras etc.

A menina, Flávia, novamente traz o rio como lugar de ser feliz, de coletividade. *Eu gosto do rio porque dá pra gente se divertir, pra gente ir pro campo, pra gente sair pra algum lugar, pra gente ir pra cidade, e também tomar banho e fazer várias brincadeiras* (Caderno de campo, 2022). Vê-se, então, o quanto a criança se enriquece com as experiências vividas no meio aquático.

A fluidez, a entrega e o refúgio são perceptíveis na forma como cada criança se relaciona com a água. Como refúgio queremos dizer quando há o tempo entre a rotina da vida e da escola, exercitando a inteireza do corpo n'água. Disso que estamos afirmando as expressões dos pequenos são sintomáticas: *Água é vida; O rio pra nós criança é como se fosse fonte de energia, além da água causar alegria e felicidade porque podemos brincar, o rio causa bem estar e harmonia* (G. C, 2022).

As crianças têm intimidade com o rio, o que possibilita o exercício de suas ações. Sem contar que acompanham a dinâmica da vida social, fazendo-as de modo próprio em expressões corporais, de ludicidade, brincantes como veremos no item a seguir.

1. 3 Sobre gramática social pelos corpos das crianças: modos de ser e viver

Neste item adensamos mais um pouco do cotidiano de crianças e a singularidade quilombola, só que agora por meio de práticas exercidas por elas como o nado e a linguagem das águas, aspectos que se complementam e dialogam entre si. Fazemos por esta via devido ser comum, como mencionamos, os moradores lidarem com o saber local, concreto, socializado, transmitido e vivo, e segundo alguns adultos *faz parte de tudo que eles vivenciam*.

A singularidade quilombola tem sua rica expressão pela “temporalidade das águas” (POJO, 2017), de domínio das crianças a partir da lógica e ritmo das águas, das marés, das chuvas, do brincar. Elas e eles sabem quando a água *vaza*, quando *enche*, quando dar para tomar banho ou andar nos trapiches. Nesse sentido, dinamizam aprendizagens pois, como costumam dizer, não precisa ensinar, *se aprende no convívio do ver e fazer da comunidade* (Caderno de campo, 2022).

Podemos dizer que o cotidiano quilombola do rio Tauerá-Açú estabelece uma gramática social das águas porque representa para as pessoas uma realidade específica. Nesse sentido, Brandão afirma que:

[...] aprendemos as gramáticas da língua dentro da sala de aula, mas aprendemos as gramáticas da vida entre ela e outros cenários de interações: *da escola, na escola, entre a escola e a comunidade, fora da escola, inclusive nos pequenos, médios e grandes “paraísos da vida escolar”, chamados fins-de-semana, feriados e férias. E também contra a escola* (BRANDÃO, 2015, p.116, grifos do autor).

Nesse sentido a gramática social diz de uma realidade social, de um cotidiano transmissor e irradiador de saberes, no que como diz Brandão (2002, p. 35, grifos do autor) “[...] a pessoa aprende a cada instante e representa como a *sua realidade* [...]”, com base num fluxo de interações dentro de um sistema de relações.

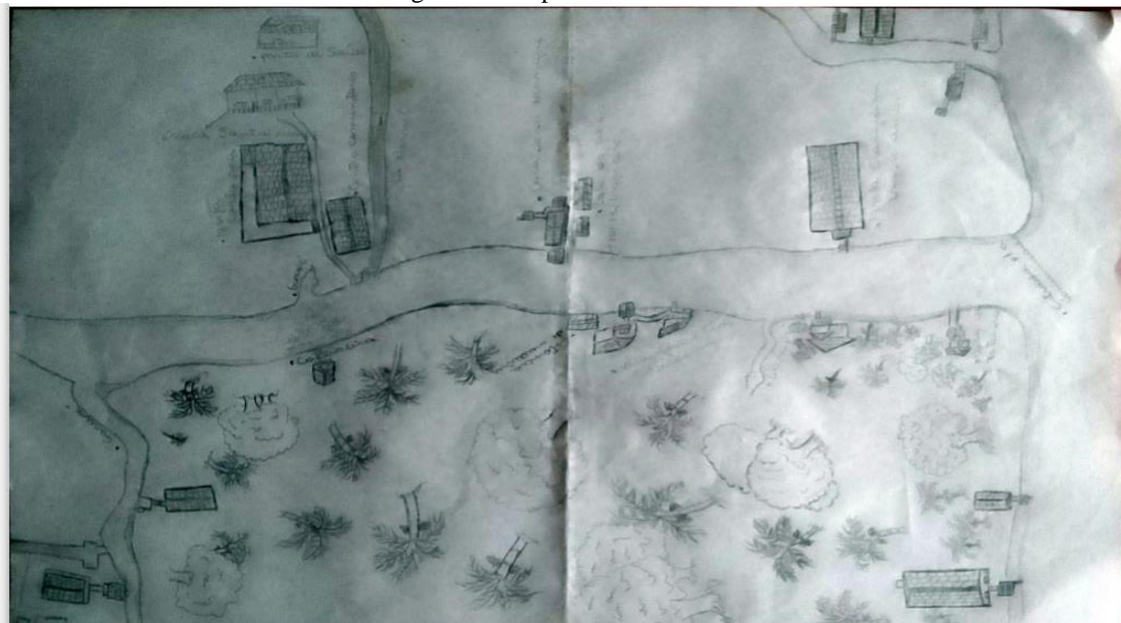
Corroborando com o autor, a gramática de vida social é diversificada e depende do lugar social e do grupo, no caso, se trata da linguagem do rio. Um exemplo disso é que as crianças preferem/gostam de tomar banho no rio do que no banheiro que fica em casa. Outra característica é quando elas, mesmo que sem intenção, vão às beiras das pontes para lavar o pé e aproveitam para se jogar na água, outras brincam nas beiradas das escadas com pedaços de paus. Elas têm destreza para entrar e sair de dentro de barcos e

canoas, servindo-se de seus corpos e com disposição corporal, diferente de uma criança da área urbana, ou seja, elas têm propriedade de uma linguagem própria, a das beiras dos rios.

Da linguagem do rio

As crianças dominam uma gramática social assentada na oralidade, nas narrativas de vida que se mostram a partir dos espaços interágua, do caminho da escola, do *centro* que estaciona o ramal e o caminho. Do *ir e do vir* a partir do *pra lá e pra cá*. De uma espacialidade compreensível que discrimina a localização dos lugares como *a cidade é pra lá, a escola é ali, fica pro lado do centro* na terra firme ou *o caminho e o ramal ficam pra cima*. Portanto, discriminam espaços, o lugar, movimentação e a identificação da área territorial e da extensão do rio, conforme vemos no desenho do mapa da comunidade produzido pelo pequeno Alessandro.

Figura 2 – Mapa da comunidade



Autoria: Alessandro Vilhena. Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

O menino, localiza no mapa casas, moradores, instituições, devido circular na comunidade. E, na continuação, sua explicação sobre o território habitado:

Quando vamos para a Beira da costa encontramos as famílias da Maria de Ouro, família dos Perecas, conhecida aqui na comunidade como a “casa grande”, também o pessoal da Maria Farinha que é bem popular com sua renomada festa que ocorre no mês de maio lá. Para o Tauera-Miri que é um rio menor, em menor extensão, é comum algumas pessoas chamarem até de igarapé, moram as famílias do seu Bena, a família do Benaildo que é até nosso rabeteiro da escola, também mora a família da Olivia. Quando vamos aqui pro Tauerá que é o rio principal já vamos ter a escola que eu estudo todo dia, o posto de saúde que a mamãe até me leva às vezes. Um dia eu tava muito engripado e ela me levou para pegar remédio lá. Aí tem a nossa igreja bem aqui Santa Ana que é o mesmo nome da nossa escola. Tem a cachoeira mais aqui pra cima, tem os igarapés que quando a água tá grande dá pra ir de

rabudo pro centro. Eu fiz também no desenho o pedaço do ramal que tem aqui, mas a maior parte é mesmo do nosso rio (Alessandro Vilhena, entrevista realizada em 2022).

São muitas informações do lugar na opinião de Alessandro. Mostra, obviamente, todo uma circularidade no espaço (*aqui pro Tauerá que é o rio principal*), a importância do território (*nosso rio*) e as relações humanas que eles têm com a natureza (*Tauera-Miri, igarapé, escola, posto de saúde, igreja, cachoeira*) e com as pessoas (*Maria de Ouro, Perecas, Maria Farinha, Bena, Benaildo, Olívia*). Diz com propriedade sobre a geografia do lugar quando situa *a boca do rio é pra lá e nós moramos no início, lá na boca*.

Aquelas crianças que moram próximo dos caminhos ou do ramal (no centro) sabem dizer da diferença que há em relação morar na beira do rio. Quando expressam o *caminho é lá pro ramal, lá passa carro, moto etc.*, distinto de quem reside nas margens do rio que passam a situar o *rio, barco, canoa, rabetas*. Porém, apesar dessa diferenciação e de morarem em áreas distintas todas possuem um elemento comum, o gostar do rio, das águas, da terra, do igarapé, da mata, sendo uma espécie de singularidade quilombola. Podemos dizer que as crianças têm domínio e sabem se situar no território, e o fazem utilizando de um vocabulário abaetetubense e amazônida, à semelhança do que afirma o professor Jorge Machado (2005) em sua obra “Glossário Abaetetubense” contendo palavras e expressões do linguajar da cidade.

Elas sabem afirmar, dizer e dialogar sobre a água como um bem e comum aquele modo de vida, se distinguindo, por exemplo, do contexto urbano e rural.

Quando os infantis se referem *a gente mora no rio*, levam em conta a localização de suas casas, assim para o Guilherme, que mora na área do *centro*, ele logo diz que sua casa, fica afastada do rio. Ele considera a localização do rio Tauerá-Açú como se fosse um igarapé pra tomar banho. *Isso aqui não é rio, é igarapé, porque as pessoas dizem que é pra tomar banho*. Alessandro tem outra visão, afirma que o Tauerá-Açú é rio e o igarapé *é onde as pessoas pescam, fazem as coisas, bota matapi. E também o igarapé é mais estreito, o rio é comprido, grande, onde as pessoas passam com motor, rabudo e com tudo que é tipo de coisa*.

Sobre essas duas visões de rio e igarapé trazido pelas crianças, o professor Jorge Machado (2005, p. 18), explica que o “[...] igarapé é um pequeno rio que significa “caminho de canoa” ou “caminho de água [...]”, cuja definição é semelhante à de Alessandro quando se referia ao igarapé como sendo mais estreito.

Ainda sobre a localização em relação a sua moradia, assim se expressam: *A gente mora perto da beira, em um contexto de lama. Assim, porque a água vem e bate e, se a gente pisar, afunda* (Natália).

Adiante, mais da gramática social, vindas do rio.

O nado

Para tratar do assunto, novamente, trazemos algumas imagens visando aproximar o leitor dessa realidade.

Fotos 13, 14 e 15 – O *anadar* das crianças



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Maré cheia, de água lançante: é a *água grandona, e corre pra caramba!*. Trata-se de um momento esperado pelas crianças e de ganhar a permissão dos pais para fazer o que para elas representa o ápice da liberdade de ser criança, nas águas. Correr para o rio, ou melhor se jogar num pulo rasante do ponto mais alto da ponte. Corpo em treino no subir, descer, mergulhar, brincar, disputar o nado. Tempo de dizer: *Eu chego na tua frente pelo fundo*, ou simplesmente, *bubuiar* na maré, são momentos de diversão, alegria, aprendizado, movimentação de mentes e corpos, conforme transmitem as imagens.

Foram imagens tiradas durante um dia de maré cheia na presença da avó de Emanuel, das mães de Alessandro e Jhennifer. Mais as pesquisadoras com seus celulares e perguntas, na tentativa de entender todo esse processo social e cotidiano, de uma tal gramática social das águas, em mais um momento de trabalho de campo. Nesse dia para

além das ações repetidas aqui descritas, vimos a interação do nado, ação constante nesse espaço de convivência das crianças com as águas em estado de aprendizagem e de exercício de liberdade de um corpo n'água.

O nado como vimos envolve vários aprendizados, além de trançar o brincar inventado, foi o que Emanuel fez com um pedaço de madeira transformando em moto. E entre os pulos e saltos, ele acaba se ferindo durante a brincadeira, assim como presenciamos a mãe de Jhennifer, enquanto levava roupas a beira do rio, também, orientava sua filha a nadar. Desta ação de corpos encharcados em um sem-fim de treinos, ritmos, conversas, achados de águas, experiências de crianças com as outras como parte indispensável de seres da natureza.

O nado ou, como costumam dizer, *anadar*. *Anadar*, é uma expressão corriqueira na comunidade, pronunciada por crianças e adultos. Especialmente, para as crianças *anadar* é um saber e uma ação corporal cheia de simbolismos. Para elas têm a ver com liberdade e segurança. Na opinião de Flávia: *Depois que aprendi a nadar a mamãe deixa eu brincar com as crianças maiores na ponte e, também, diz ela Se vier um rabudo e me alagar, eu chego na beira muito rápido*. Como pode ser visto na fala da criança saber *anadar* garante que ela interaja com as pessoas e com o meio, mais autonomamente.

Nesse sentido, uma mãe explicou assim, *quando a gente sabe anadar o risco é menor, embora mesmo quem sabe anadar, pode morrer* (Caderno de campo, 2022). Vejamos, quanta sabedoria transmitida nas falas, porque, é certo que no cotidiano das águas as crianças saberem *anadar* significa segurança à mãe e, as próprias crianças, que também se sentem mais seguras bem como são deixadas “mais livres” digamos assim, para estarem no rio tomando banho ou brincar sozinhas.

Uma questão que procuramos entender foi como as crianças aprendem/aprenderam *anadar*. Para nossa surpresa, nos pareceu de maneira impositiva, tipo *ou aprende ou não vai mais pra água*. Repetidas vezes, afirmaram também o aprender baseado no *ver, tentar e praticar*, até porque, segundo algumas mães, é uma *lei daqui, principalmente, depois que começam a estudar*. Esta mãe, de uma menina de 05 anos, nos disse que ensinou sua filha *tirando o medo dela em várias tentativas*, e numa dessas *ela foi se adaptando e dando os primeiros passos, e assim aprendeu*. Considera a mãe que é parecido com aprender a andar, primeiro começa a engatinhar, depois são os primeiros movimentos, *anadar* é a mesma coisa, *devagar e treinando, praticando* e esse saber para eles é tão intenso pelo querer estar n'água que, muitas vezes, eles aprendem logo na primeira tentativa (Caderno de campo, 2023).

Uma outra expressão que ouvimos foi a seguinte: *Aqui costumamos logo ensinar as crianças desde cedo a saber anadar e remar, por causa do perigo que tem de morarmos nas proximidades dos rios. E, depois que eles aprendem pronto, é cabeça fria* (Henrique Vilhena). Em síntese, *anadar* é uma regra do modo de vida ribeirinho, configura-se, portanto, uma necessidade da esfera social do lugar. Um meio de “proteção” às crianças e, é até mesmo, aos adultos da comunidade, que entendem a importância da manutenção da vida. Ao saberem nadar deixam de ter certas limitações, e assim elas podem pegar uma canoa sozinha, ou andarilhar para outros lugares como os igarapés, ou roças na companhia de outras pessoas que não sejam os pais.

Para fechar este capítulo, julgamos pertinente trazer um pouco sobre os grupos infantis e de convívio com as águas. Os quais são constituídos por membros de uma mesma família, ou grupos por aproximação formados na escola. Para Brandão (2015), há grupos infantis diversos, tais como o grupo doméstico, aquele formado na família e no mundo da comunidade; o grupo de idade, que são os criados pelas crianças, adolescentes e jovens de uma mesma faixa etária e, ainda, os grupos de interesse envolvendo crianças, adolescentes e jovens de faixas etárias alargadas (BRANDÃO, 2015). Na comunidade os grupos são formados a partir de situações corriqueiras do brincar. Há, também, os grupos que se juntam para pescar, para se divertir ou para estudar etc. Formam-se a partir de laços afetivos construídos. Sua importância recai pela convivência interativa e brincante que nos debruçamos no capítulo II.

Nas suas formas organizativas nem sempre fazem a separação de gênero, ou seja, são relações próximas e respeitadas quando das brincadeiras entre dois meninos e uma menina, como exemplo. Podemos citar um episódio registrado durante as observações em campo, mais especificamente, durante os brincares na água.

Vimos que enquanto os adultos conversavam, lavavam roupas e banhavam-se na maloca em frente de uma residência, as crianças brincavam de pular na água, de correr e de *anadar*. Nesse mesmo momento, utilizam pedaços de pau, a ponte, a água e uma boia de anhinha que servia para *buiar*/flutuar n’água. Elas brincavam à vontade sem regras específicas ou disputas, prática que lhes dava prazer e contentamento. Tempo depois, outro pedaço de pau transformou-se numa *moto d’água*, como nos disse o criador. Foi observado nessa cena, que o mais importante para eles era *brincar de brincar*, como afirmou Emanuel. Aqui, lembrei-me de Manoel de Barros (2004), em sua poesia sobre as águas, que diz assim “[...] são a epifania da natureza. Agora penso nas águas do pantanal

nos nossos rios infantis que ainda procuram declives para correr. Porque as águas deste lugar ainda são espaiadas de alvoroço dos pássaros [...]” (BARROS, 2004, s/p).

O rio com suas águas constitui um cenário de recriação, de representação e de convívio com a terra e demais espaços, concordando com a interpretação de Manoel de Barros (2005) ou também pelo ato brincante de uma criança ao perguntar o seguinte: *Tenho cinco peixes e dois morrem afogados. Quantos ficam?* Logo em seguida, um adulto responde: *os cinco porque peixes não morrem afogados* (Caderno de campo, 2022). Extraímos dessa piada par reafirmar que o rio se constitui como elemento marcante na vida dessas crianças, configurando mais que um espaço geográfico, ele vem a ser um companheiro com quem compartilham suas mais profundas relações de afetividade e emoção. Pela ação do/no rio as crianças reavivam o cotidiano, reafirmam suas identidades amazônicas em uma intrínseca relação com a sociedade. Atualizam a linguagem do rio.

Finalmente, com a contribuição poética pela obra do amazonense Thiago de Mello (2015) em seu “Acerto de contas” acerca do rio, tomando as águas que impele a devaneios, estranhando-se nas sinuosidades da imaginação e memórias das pessoas. É importante citarmos esta obra, porque ela traz elementos essenciais do rio como um elemento poético e que pode materializar a água viva do nosso presente, água que renascemos todos os dias. Ele traz a relação dessa interação de compreender o rio e as águas como fonte inesgotável de conhecimento, e em relação de aprendizagem mútua.

O limpo lodo do tempo, me roça a luz da pergunta:
 - Sabes acaso onde estás?
 Estou como sempre sou.
 - Já sabes dizer quem és?
 - Me saber já é o de somenos
 Nestas últimas braçadas.
 (MELLO, 2015, p. 24).

A metáfora situa rio ao tempo e a vida. Nessa poética do autor a ideia de tempo passando, levando e trazendo novos elementos à vida é também expressão de cumplicidade e parceria com e entre as águas que se desenvolvem ao longo das práticas sociais humanas. Podemos associar a cultura infantil produzida na comunidade do Tauerá, pois como bem disse Brandão (2015), esses espaços de interação e de conhecimento que é o rio e suas águas, faz com que as crianças participem ativamente “[...] de círculos interligados de vida cotidiana, uns criados e propostos-impostos pelos adultos, outros, ainda resultantes de diálogos e de negociações entre adultos e crianças” (BRANDÃO, 2015, p. 121).

Podemos dizer que existe um modo de vida quilombola transversalizado pelo cotidiano repleto de aprendizados, de experiências e experimentações que permeiam a cultura infantil que se processa nas águas e nos diversos lugares da comunidade em questão. Dessa forma, as crianças vão compondo o lugar com situações, ritmos e modos infantis próprios, com brincadeiras e formas interativas, aspecto tratado no capítulo seguinte.

Habitamos, como todos os outros seres vivos com quem compartilhamos provisoriamente o planeta Terra: tempos e espaços. Eles, os animais, estão nos espaços que habitam e onde vivem e reproduzem o tempo individual de suas vidas e o tempo coletivo da existência de suas espécies. Nós, os humanos, de uma maneira algo – mas essencialmente diversa – tomamos espaços do Planeta que nos são dados e os transformamos para viver neles: Eles vivem nos espaços onde são criados, nós criamos espaços para neles vivermos (BRANDÃO, 2006, p. 3).

Neste capítulo situamos o modo de vida numa relação intrínseca do ser humano-natureza, perpassando por processos identitários de ser ou não quilombola, cotidiano sociais dos sujeitos com as águas, os protagonismos das crianças, como partes de um mesmo ciclo e cenário de vida e de vivências, desenhado, experimentado, recreado pelas crianças potencialmente. Nesse contexto se identificam as atividades comuns desta população. Assim, entende-se que a peculiaridade desse modo de vida está diretamente atrelada a natureza e a maneira de se relacionar com ela, com as pessoas, com as travessias ao mundo das águas, como talvez, o principal.

As crianças por sua vez, exprimem essa mesma relação, ainda que a partir de suas lógicas. Portanto, a cultura infantil quilombola se entrelaça às dinâmicas sociais dos adultos e suas artes de seus mundos próprias que tem a natureza amazônica como sua parceira, seu simbolismo amazônico e de criatividade. Desse contexto brincante e interativo que se trata o capítulo II.

CAPÍTULO II

INTERAÇÕES, BRINCADEIRAS E CONVIVÊNCIA QUE FAZEM APRENDER E DITAM A CULTURA INFANTIL QUILOMBOLA

Neste capítulo buscamos caracterizar os processos educativos e culturais vividos na comunidade do Tauerá-Açú pelas crianças, a partir das práticas mais recorrentes das crianças, suas interações e brincadeiras em um aprender emancipador.

2.1 Sobre processos educativos e culturais das crianças

Para Brandão (1989) “a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções a sua própria”. A educação conforma saberes que atravessam jeitos, códigos sociais de conduta, regras do trabalho, os segredos das artes ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para se reinventar, todos os dias. Igualmente, para Freire (2001), a prática social compõe-se com o trabalho, a cultura e a religião.

O autor ainda poderá que:

O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos; o saber de guerreiros e esposas; o saber que faz o artesão, o sacerdote, o feiticeiro, o navegador e outros tantos especialistas, envolve, portanto, situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva. Os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem e premiam. Os que não sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, veem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, com o próprio exercício vivo do fazer (BRANDÃO, 1989, p. 03).

Tomando esses referenciais do autor, podemos dizer que os processos educativos são, portanto, “situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias”, que se dão para além das técnicas pedagógicas escolares, por vezes, se contrapondo a elas. Deste jeito, os processos educativos e culturais vivenciados pelas crianças na comunidade perpassam por valores, costumes, jeitos corporais e de linguajares próprios, perpassam por um viver se *ajudando* como já situado no capítulo I. Se dá também por um viver em que elas, compartilham experiências umas com as outras e, nessa dinâmica, de inter-relação com os adultos elas aprendem a respeitar e exigem respeito. Esse respeito para elas ocorre pela compreensão de que os mais velhos possuem e são capazes de trocas.

Podemos dizer que o processo educativo e cultural na/da localidade, ocorre nas relações de trabalho, nas relações das igrejas, nas relações familiares dentro das casas etc.

O autor trata de aspectos educativos que envolve relações de ensinar-e-aprender, constituidor de processos educativos, afinal a própria vida gera diversas possibilidades de aprendizagens, porém um fundamento importante dessa lógica é que ela não se sustenta em ideias abstratas, mas estão presentes na prática social dos seres humanos. Assim os processos educativos e culturais estão na:

Prática social destinada a gerar interações de criação do saber através de aprendizagens, em que o diálogo livre e solidário é a origem e o destino do que se vive e do que se aprende [...]. Pela mesma razão, a educação deve formar pessoas livres e criativas o bastante para se conhecerem corresponsáveis pelas suas próprias escolhas. (BRANDÃO, 2003, p. 22).

Dessa forma, o ato educativo diz respeito ao outro e a nós mesmos em um processo dialético de construção pessoal e social, portanto, trata de um ato coletivo/individual na medida em que “aprendemos uns com os outros” (BRANDÃO, 1985, p. 74). E sob a ótica de Brandão a educação está para além de uma prática pedagógica de racionalidade, isto é, escolar/formalizada.

Na comunidade pesquisada, os processos educativos e culturais vivenciados pelas crianças situam-se nas relações com o meio, nas interações intergeracionais e nas brincadeiras presentes no convívio cotidiano. São exemplos a prática do nado, as experiências de lazer na praia cujo ambiente depende das marés e do clima, a programação festiva de Santa Ana. Ou seja, são práticas que pautam uma relação de aprendizado mútuo entre pessoas da/na comunidade. Quando as crianças comentam *eu aprendi a fazer tal coisa com o papai ou com a mamãe, com o titio e outros* ou *quando dizem eu aprendi sozinha(o) ou na escola* (Caderno de campo, 2023), é uma prova viva das intervivências que constroem processos educativos, informais e transparentes, invisíveis aos olhos, por vezes. Ainda assim, configura-se educação como troca de partilha e na fração do modo de vida. Em suma as obras de Brandão (2006, 2003, 1985, 1981) computam a ideia de trocas e de partilhas como centrais nos/dos processos educativos.

Tais processos educativos se dão em condições interativas pelas crianças no dia a dia e nos espaços do lugar. Isso equivale adotar “conhecimentos a conhecer”, o que representa nos termos de Brandão uma nova postura educativa de “criação de saberes” (BRANDÃO, 2003, p. 166). Nesse caso, as crianças vão computando saberes de uma tal gramática social (das águas) conforme destacamos no capítulo I.

Nesse sentido, mais uma vez Brandão é importante no debate que fazemos aqui, dos processos educativos e culturais, da educação. Segundo ele, trata-se de:

[...] uma experiência socialmente perene e pessoalmente permanente de cada um de seus sujeitos: pessoas e povos. Sendo assim, seu sentido é mais o de recriar continuamente comunidades geradoras de saberes, que devem estar abertas ao diálogo e a intercomunicação [...] a educação cria conectividades (BRANDÃO, 2003, p. 21).

“Conhecimentos a conhecer”, a “criação de saberes”, a educação são parte da expressividade da cultura local, e transversaliza processos educativos. Um exemplo concreto é o manifestado pela moradora, Ilza Vilhena, acerca da ação democrática, ao dizer assim *nós só somos vistos em tempos de eleição pelos candidatos, fora isso, parece que nosso povo fica esquecido e, nosso saber não tem importância para eles*.

Desde a antiguidade, o processo educativo é transmitido por meio da oralidade, começa desde as interações que ocorrem nas casas até as formas comunitárias do grupo quilombola, como é o caso do aprendizado-ensinamento de adultos e crianças no que se refere ao costume de pedir a benção, como sinal de respeito. A atitude das crianças caracteriza como uma forma educativa. Nesse sentido, conforme afirma Brandão (1987, p. 14, grifos do autor) durante quase toda a história social da humanidade a *prática pedagógica* sempre existiu, mas imersa em outras práticas sociais anteriores. Imersa no trabalho, como exemplo.

Ainda, sobre essa forma educativa transmitida por pais ou avós, a fala de Alessandro é ressoante:

Aqui onde eu moro, ainda tem respeito pelos idosos, de tomar benção, de respeitar, de chamar os mais velhos de tio ou de avô e é diferente da cidade, porque a gente não vê isso. Olha a Flávia, quando ela veio pra cá, ela não tomava benção de ninguém, mais de tanto o titio falar pra ela, já se acostumou. Eu tomo benção de todo mundo, às vezes eu me esqueço, e a vovó chama minha atenção mais do que a mamãe, porque ela fala que é desobediência por parte da gente, que a gente tem que respeitar todo mundo. Até mesmo as pessoas que não conhecemos (Caderno de campo, 2023).

Assim, benção é sinal de respeito com o outro. Respeito também é dar atenção ao outro, vendo-o, falando com a pessoa. Tais processos ainda são ensinados no lugar como educação de casa, isto é, aprendida-e-ensinada em casa com os familiares. Na comunidade existe uma escola responsável pela transmissão dos conhecimentos escolares, mas na vida familiar e comunitária existe uma prática pedagógica por meio da oralidade, do sentir e fazer, do aprender fazendo, como bem nos relatou a professora Marta Lobato:

Essa educação acaba sendo transmitida pelo ver, pelo fazer e pela oralidade. As crianças usam suas imaginações, aí elas ficam nessa atenção, será que é isso de fato que o meu pai, minha mãe, meus tios falaram ou algo assim, elas têm essa curiosidade de saber. Por exemplo, não pode tomar banho no rio meio dia porque o sol está muito quente e vai adoecer. As crianças não querem só saber elas querem testar se isso é verídico, e isso acaba, na maioria das vezes, ocasionando outros novos saberes, porque a partir disso elas entendem o certo e o errado de se fazer. Aí elas já sabem que meio-dia não pode tomar

banho porque é um horário inadequado e assim passam esse saber adiante para outras crianças que ainda não sabem que esse horário é inviável para tomar banho (Marta Lobato, entrevista realizada em 2023).

Nesse sentido, a transmissão de conhecimento se dá informalmente, dentro de uma relação de ensino na família (re)produzido nas vivências. E as crianças nessa teia de relações sociais, incorporam múltiplos significados simbólicos, conceituais, valorativos, ancestrais em processos de socialização, conforme explicou a professora em seu relato.

Reiteramos, essa reprodução de conhecimentos pelas crianças acontece em atividades simples e no dia a dia, dessa forma passam a assumir coisas do tipo *eu conheço tudo aqui*, frase que introduz o capítulo I.

Por estas vivências são aprendidos os saberes locais. Que são transmitidos na geografia, por exemplo, quando afirmam *aqui é minha casa, aqui é meu rio* ou *aqui é o nosso lugar*. São demonstrações que as crianças têm do que lhes pertence ou do processo que são participantes.

As crianças são vivas em suas potências e alteridades, assim por muitas vezes burlam o mundo adulto para poder usufruir e viver o que desejam em suas infâncias. Por isso agem assim:

Uma vez, eu e minha prima saímos pra tomar banho lá na beira. A gente ficou pulando, gritando e fazendo barulho. Mas eu falei pra ela não gritar muito porque a titia que mora perto ia ouvir e contar pra mamãe, aí ela não ia deixar nós ir sozinhas mais tomar banho e nem brincar no rio (Flávia, entrevista realizada em 2023).

A fala de Flávia, indica o rio como um espaço social para as crianças, cujas territorialidade, além de geográfica abarca uma territorialidade brincante, dinâmica. Logo, o cotidiano dessas crianças tem uma dinâmica e um movimento próprio, e que precisa ser compreendido e interpretado enquanto tal. São movimentos que refletem as formas de viver, agir e fazer, que atualizam experiências e o modo de vida em que as crianças também ditam suas relações naturais e sociais.

Ainda, nesse aspecto estratégico a menina Olivia, declara:

Quando eu vou pra casa da tia Cristina, eu encontro com as meninas, aí a gente se reúne e vai pro rio tomar banho. Primeiro a gente se suja bastante, jogamos bola, corremos na terra, na ponte fazemos algumas brincadeiras e depois vamos tomar banho. A titia deixa, mas se o vovô vê sempre fala pra mamãe assim “olha Luciana, a Olivia tava pigando fogo na água com essas meninas, não deixa minha filha, isso é perigoso, elas tarem mergulhando por baixo desses barcos”. Mas é chatice do vovô porque a gente nem vai pra fora, ficamos só na beira brincando, minha sorte é que a mamãe não liga muito, ela sabe que eu só tenho quase parceiro pra brincar quando eu tô lá. Quando eu tomo banho sozinha não tem graça, eu prefiro nem tomar banho no rio. Antes quando eu não sabia nadar, era diferente, a mamãe não deixava mesmo de jeito nenhum. Por isso que eu quis logo aprender. Depois disso ela não se

preocupa tanto comigo, só com meus irmãos que ainda não sabem (Olívia, entrevista realizada em 2023).

As experiências das crianças são de autoria, cuja localidade funciona também como território de vida. E a água compõe uma necessidade corporal e de sentido brincante e social. Os relatos acima dos pequenos Alessandro, Flávia e Olívia são extratos de vida aprendida, desenhada, protagonizada, burlada em brechas que as conduzem às águas de brincar, de respeito aos mais velhos, de aprendizados corpóreos e lúdico junto e com a natureza do lugar, a um tipo de sociabilidade que pede parceiros conforme situam as narrativas. Neste aspecto Brandão (2007) destaca que a educação é uma pequena parte na vida dos grupos sociais que criam e a recriam, acontece assim um movimento de ensinar-e-aprender evocado em qualquer processo educativo.

Eis mais uma vivência trazida pelas palavras da menina Olívia, que aprendeu nadar, tornando sua vida mais feliz. *Eu aprendi me empurrando de um varal para outro. Mamãe me colocava e, falava, bate o pé e a mão ao mesmo tempo. Às vezes eu queria tomar banho com a Arielem que mora aqui no rio de casa, e a mãe dela me ensinava também. Foi assim, assim, até que aprendi.* Como vemos, em jogo a interação, o gastar tempo na convivência com as crianças. Processos educativos que humanizam, porque existe, concretamente, um processo de aprendizagem mediado por relacionamentos e exercitado no ambiente familiar/comunitário. Nesses termos,

[...] a educação pode existir entre educadores-educandos não parentes, mas habitantes de uma mesma aldeia, de uma mesma cidade, gente de uma mesma cidade, gente de uma mesma linhagem, semiespecializados ou especialistas do saber de algum ofício mais amplo ou mais restrito [...] (BRANDÃO, 2007, p. 31-32).

Tais processos educativos e culturais se dão nos espaços da escola, no centro comunitário, nas programações religiosas, nos rios associadas quase sempre com os afazeres do dia a dia, conforme é discriminado na tabela 6.

Tabela 6: Interações, relacionamentos e convivência.

Enfoques	Relatos de Saber
Processos Sociais	<i>A vovó não gosta que eu vá fazer compra com o Alessandro no comércio porque a gente demora muito. Demoramos porque vamos brincando na canoa. Às vezes, eu vou remando e o Alessandro secando água, ou então, acontece o contrário. A gente para na beira, se joga água ou apanha alguma fruta ou pega algum brinquedo pra brincar (Flávia).</i> <i>A gente anda de canoa, no rio. Não pra fazer alguma coisa, só pra ficar passeando, pra lá e pra cá (G. C).</i> <i>Sabe tia, quando tem taperebá e miriti eu ajunto pra comer e brincar (Emanuel).</i> <i>Eu subo no balanço, lá na beira do rio (Mario Alam).</i>
	<i>O que utilizamos são sempre o rio e a água. A terra também, para jogar bola e andar também (Guilherme).</i> <i>Além disso, andamos no rio, mas sabe tia é diferente da terra, porque no rio só anda quem sabe nadar (Flávia).</i>

Recursos/ Espaços	<i>Quando o vovô leva eu e a Flávia pro mato nós fica nos jogando carçoço de açai um no outro (Alessandro). Pegamos água no rio, colocamos em uma sacola e jogamos no outro, é bacana porque não dói, mas só dar pra fazer quando já vamos tomar banho porque molha (Diana). Atrás de casa tem um caminho que vem dá atrás da casa da minha vô, e quando a mamãe sai eu vou sozinho pra lá, e a vovó sempre fala: escuta pequeno o que tu fazes aqui? (Vinicius).</i>
------------------------------	---

Fonte: pesquisa de campo, 2023. Org: a autora.

Na tabela 6 são vários os aspectos que as crianças depõem, mas que dizem de toda uma gramática de vida, de relacionamentos, de movências culturais conforme discutimos no capítulo I. Trazem registros de relações com a natureza da floresta, dos rios. De apreciação do verde, do seco e do molhado, de perguntas e escutas dos ordenamentos dos adultos. Depõe a favor da sua criatividade no brincar, nos brinquedos e na ação dos brincantes, usufruindo para isso das coisas, objetos e elementos naturais em seus processos sociais. Assim, vamos às vozes, formas de sentir a natureza e viver a vida:

O quintal serve para brincarmos, apanharmos frutas para comer. No terreiro perto aqui de casa tem uma árvore de juru que todo dia tem gente apanhando juru.

Tem dia que quando a gente dá a Alice e a Maiellem estão penduradas na árvore apanhando, quando a água tá grande elas apanham da montaria mesmo porque a árvore fica na beira do rio (Caderno de campo, 2023).

Suas vivências integram o capital cultural, entendido como todo o arcabouço de relações, saberes, apropriações no decorrer da vida. Estamos tratando do que Brandão (2002, p. 22) considera ser a dinâmica social do humano e a cultura:

Nós somos aquilo que nós fizemos e fazemos ser. Somos o que criamos para efemeramente nos perpetuarmos e transformarmos a cada instante. Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como os objetos e os utensílios da vida social, representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de cultura.

Tal convivência dos pequenos com a natureza e com os demais sujeitos, nos revela um olhar ecológico na totalidade entre esses elementos. Nesse sentido, o rio como aspecto central do estudo se configura como artefato cultural implicado no processo educativo das crianças na Amazônia.

Na comunidade a interação na vida dos moradores é representada e vivida basicamente com os elementos rio/água, terra/natureza, território/comunidade. Esses elementos não se configuram apenas como um espaço da geografia ou como espaço de trabalho, de sobrevivência e de lazer, é mais que isso, se configura como sendo um dos principais espaços de interação dos sujeitos, em especial das crianças. Logo,

Ao pensarmos a vida cotidiana em espaços-tempos como o da casa, da escola, da comunidade, não raro esquecemos de “ver” que por debaixo e no interior destas “coisas” estão os círculos e circuitos reais das interações entre as pessoas (BRANDÃO, 2015, p. 114).

Nesse caso, “os círculos e circuitos reais das interações”, tomam a cultura infantil como sendo a produção de convívio e de socialização por parte dos infantes. Desse modo falaremos das interações e relações existentes entre as crianças, os lugares de vida na comunidade.

Assim, ainda que de modo breve, as

[...] culturas infantis emergem, prioritariamente, no convívio de pequenos e permanentes grupos com os quais as crianças realizam atividades em comum, em que repetem suas ações, proposições e reiteram suas conquistas. As culturas infantis também são vinculadas à ludicidade, ao trânsito entre o imaginário e o real tão característico da infância. (BARBOSA, 2014, p. 645-646).

De acordo com a autora, na dinâmica das culturas infantis sobressai a validade intelectual desses pequenos e pequeninhos que por tais produções se emancipam e produzem suas vidas, conforme indica uma das narrativas de gente adulta: *eu acredito que se a gente sabe alguma coisa é porque alguém também ajudou a repassar isso pra gente, né! E a gente tem a função de repassar para os outros* (Ilza Vilhena).

Assim, nessa dinâmica das traquinagens infantis, dessa produção e reprodução da cultura que envolve essas crianças, descrevemos o rio e a natureza como lugar/substrato das subjetivações de práticas e experiências do brincar, entretenimento, dos afazeres e do agir histórico da vida cotidiana, configuram-se como cenários de produção e circularização de saberes sociais e culturais.

2. 2. Interações e Convivência

Começamos a falar do rio e da água como cenário dessa interação e de convivência, cujo sentido se dá nas coisas presentes na dinâmica social, está na própria relação do humano com essas coisas. No caso da experiência das coisas pelas crianças, estão relacionadas a todas aquelas do cenário de convívio delas, tais como: barco, canoas, paus, destroços vindos com as marés etc. Assim, as coisas, ou melhor, como diria Ingold (2015, p. 29), “a coisa [...] é um devir, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam [...] é um certo agregado de fios vitais [...] nos quais ao longo da caminhada a coisa é constantemente formada”. A coisa, portanto, não é algo predeterminado ou imposta por um outro, mas uma situação ou objeto com forma que é construída no emaranhado dos fios da vida brincante e interativa das crianças. Sendo assim, as coisas têm vida social. Nos termos de Benjamin, é como se as crianças estivessem o tempo todo num **Canteiro de obras**.

Mediar com pedantismo sobre a produção de objetos – cartazes ilustrados, brinquedos ou livros – que devem servir às crianças é estúpido. Desde o Iluminismo isto constitui uma das mais rançosas especulações dos pedagogos. A sua obsessão pela psicologia impede-os de perceber que a terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças [...]. É que as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo o local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se dê de maneira visível. Elas sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços [...]. Nestes restos que sobram elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas. [...] Com isso, as crianças formam seu próprio mundo das coisas, mundo pequeno inserido em um maior. Dever-se-ia ter sempre em mente as normas desse pequeno mundo quando se deseja criar premeditadamente para crianças e não se prefere deixar que a própria atividade – com todos os seus requisitos e instrumentos – encontre por si mesma o caminho até elas. (BENJAMIN, 1984, p. 77-78).

Nesse sentido, o rio tem o sentido de coisa, canteiro de emoções e descobertas, descoberta de si mesmo, descoberta do que seja viver com o outro. Descobertas de coisas. O rio, é elemento para servir-se em ação lúdica corpórea às crianças. O rio é o espaço principal de expressão da sua interatividade. É na fluidez das águas do rio, que elas compartilham brincadeiras, vivenciam experiências e constroem conhecimentos. No rio se encontra a coisa principal, as águas, que alimentam a vida tanto *materialmente, como espiritualmente*, conforme afirmou Alessandro.

Esta frase só emergindo nas águas para compreender, como fazem os pequenos.

Foto 16 – Criança nadando com garrafa pet



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 17 – Balanço de pneu



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Na foto 16, a criança interage no rio com boias feitas de garrafas pet. Uma coisa feita pela criança com o usufruto de sua imaginação para *buiar na água*, o que segundo Alice causa uma *sensação boa, porque o corpo fica leve, e se pode flutuar à vontade*. Na foto 17, é o espaço da beira, contendo uma árvore como parte do conjunto paisagístico mais um balanço feito por um morador com corda e pneu. Este balanço é um dos brinquedos preferidos das crianças. Tais vivências *ocorre mais nas águas cheias, como alerta*, o Mário Alan.

Vislumbramos aqui a representação da água como elemento de constituição dos sujeitos pelos saberes, e que não se enquadram no contexto da educação formal, por isso

muitas das vezes tendem a ficar fora da escola. Nesse sentido Brandão (2002, p. 26) nos diz que:

Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendente de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo.

A escola, neste sentido, vem a ser também um dos principais cenários de interações das crianças na localidade. Nela ocorre as múltiplas vivências, entre crianças e as demais pessoas que fazem parte desse ambiente educacional. Nela, as crianças reproduzem cenários que acontecem na sua vida fora, melhor, estão fazendo resistência trazendo outras pedagogias. É o que se observa na brincadeira *mar agitado* na versão de Flávia e Alessandro:

É assim tia: todo mundo se posiciona sentado em cadeiras enfileiradas e longe uma das outras numa distância entre elas, de quase um metro. Aí divide em vários grupos iguais, recebendo cada grupo o nome de um peixe. Exemplo, pescada ou sardinha [rs]. Depois a gente escolhe um pescador, aleatoriamente, pra ficar de pé no centro da fila, na roda. A gente dá o sinal de início e quem está comandando fica passeando entre as cadeiras dizendo “o mar está agitado, o mar está agitado”. Depois ele chama um dos grupos, as “sardinhas”, por exemplo e os integrantes, desse grupo, levantam e ficam atrás do pescador, acompanhando os movimentos e, falando com ele: “O mar está agitado, o mar está agitado”. Depois, chama o segundo grupo e assim sucessivamente. Aí de repente, quem é pescador grita bem alto: “o mar está calmo”. Nessa hora, todos tem que procurar um lugar pra se sentar até o pescador. E quem não conseguir sentar perde ponto pra sua equipe e retira uma cadeira, assim vai. Ao final, quando acabar as cadeiras vence o grupo de peixes que tiver menor número de pontos perdidos.

Segundo a dupla, Flávia e Alessandro, é uma brincadeira que praticam muito na escola. *Às vezes até a professora brinca com a gente, principalmente, quando chove e não podemos sair. O bom dela, é que a gente faz na sala ou no pátio mesmo* (Alessandro). Na brincadeira vemos o quanto as crianças transferem ações vivenciadas no rio para outras interações na terra. Isto para dizer que a escola é lugar de convivência, do saber popular em diálogo com o escolar, lugar das experiências humanas.

Foto 18 – Escola do Tauerá-Açú



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Como não é o foco, apenas pincelamos aspectos da educação escolar.

A escola, denominada EMEIF Santa Ana, possui um quadro funcional de 10 funcionários, sendo estes 2 serventes, 2 vigias, 1 rabeteiro (responsável pelo transporte dos alunos), 4 professoras e 1 gestora responsável pela escola. Esse lugar social como um pilar importante para as crianças, as quais consideram ser espaço de sua arte infantil: *eu gosto de ir à escola para estudar, brincar e ver meus colegas* (Diana). Para além do estudo, por vezes, padronizado, que é oferecido na escola, as crianças nesse espaço também criam e fortalecem seus vínculos afetivos, sejam com os colegas, ou com os professores: *eu gosto de ver minha professora, ela é muito legal* (Guilherme).

Ainda comentando sobre as interações dos pequenos nos espaços do Tauerá-Açú, foi possível constatar as convivências nos caminhos, quintais e ramais. *A Flávia vai levar mingau no mato pro vovô, ela fica brincando pelo caminho, andando pelo mato* (Alessandro). Como mencionamos, são recorrentes a convivência com adultos no trabalho da roça e da extração do açaí como consta no capítulo I.

Outro espaço de interação que presenciamos na comunidade e bastante frequentado pelas crianças são os campos de futebol. Eles, em sua maioria, são feitos nos terrenos ou quintais, e ficam atrás ou ao lado de casas de moradores. O principal é o da *moinha*, assim chamado por adultos e crianças da comunidade. Segundo relatos das crianças elas se reúnem quase todas as tardes para brincar depois que chegam da escola.

O campinho da *moinha* localiza-se atrás da casa do seu Olívio Vilhena. É de médio porte, cercado de árvores e possui alguns bancos de madeira nas laterais. Ainda, é dividido em dois lados, o lado das crianças e o dos adultos. O espaço em que as crianças brincam foi feito por elas: *Nós carregamos moinha e fomos jogando por lá, depois molhamos*

com a mangueira, e jogamos bola. Carregamos a moinha do campo grande que fica ao lado (Diana).

Foto 19 – Campo de futebol da moinha



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 20 - Bancos



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

As fotografias foram registradas durante um dia de trabalho de campo, quando observamos um grupo de crianças nesse espaço. São fragmentos do jogo de futebol e das coisas feitas com pedaços de paus, toras e madeiras. Neste dia, proveitoso, acompanhamos os modos das crianças se relacionarem e criarem suas próprias regras de grupo. Observamos que a criança está ali mais de vez em quando se envolve no meio dos adultos e vice-versa, porque nesse espaço de brincar/interagir os pequenos lá estão. *Brincamos eu, a Diana, a Mayellem, o Alessandro, o Salomão, a Olivia, o pessoal ali do centro¹⁵, o Murilo e o Milton (Diana).* Para chegarem ao campo eles atravessam de canoa, outras vezes *anadando* (Caderno de campo, 2023).

O espaço dos pequenos foi feito segundo eles, porque: *Quando as mulheres e os homens jogavam no campo grande, não deixavam a gente brincar, tínhamos que ficar olhando, aí por isso nós construímos, capinaram lá o tio Valdinho e o tio João. Os grandes brigavam quando a gente queria brincar com eles e não podia.*

No campinho, *nós que fazemos nossas brincadeiras, sem precisar da aprovação deles [com referência aos adultos], nós cria, nós inventa e por aí vai, eles não se metem, só quando fica tarde pra ir embora* (Caderno de campo, 2022).

Essas situações tratam de procedimentos comunitários pautados na relação com a natureza e os ecossistemas. Com normas e condutas familiares e de grupos de crianças. Uma relação que movimenta um sentimento de pertencimento, que na prática, nem sempre equivale à ideia de propriedade, mas de uma identidade de afeto e respeito com o

¹⁵ Centro, é a área de terra-firme em que algumas crianças moram.

lugar, em que homens, mulheres, jovens e crianças, dinamizam suas experiências e produzem conhecimentos, enquanto práticas da vida local.

Como informamos, há outros campos na localidade, frequentados por homens e mulheres, jovens e crianças.

As interações nas casas também fazem parte desse convívio. Nelas as crianças criam, constroem seus pensamentos em mediação com a natureza amazônica. Isso ocorre entre pares, famílias, amigos, parentes, vizinhos ou até mesmo sozinhas, é o que a imagem 21 tenta traduzir.

Foto 21 – Criança brincando com água



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Novamente, sobre a produção agricultável, o morador Cesário Domingos diz que:

Agora são bem pouquinhos as roças, mas ainda tem aquelas mesmo só para o consumo da farinha. Eu, por exemplo, sempre vou para roça porque eu gosto de produzir a farinha, e levo meus netos, lá eles me ajudam como podem [...] já tem um zinho que já sabe até como se faz. (Caderno de Campo, 2022).

Como pode ser notado no relato do morador, a interação entre adultos e crianças ocorre através das atividades laborais. Entre essas a mais comum é a extração do açaí. *Nosso sustento é do açaizal, da lavoura.* Tais práticas são extratos da ancestralidade amazônica e cultural, do saber local e da resistência do povo, pois como disse outra moradora, os pais sempre tiveram o hábito de levar seus filhos para roça. *A gente pulava cedo e ia pra roça com nossos pais. Porque a gente ajudava na lida e, também, não tinha com quem deixar, pois era tudo criança* (Maria Antônia Carvalho).

Na foto 22, vemos a criança acompanhando adultos na pescaria que acontece no dia a dia. Nessa interação, aprende observando sobre a pesca.

Foto 22 – Pesca no rio



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Como já dissemos as crianças interagem em casa com os irmãos, com outros pares, colegas da mesma turma da escola, ou primos que moram próximos. Os grupos de pares, restritos aos irmãos, primos e vizinhos é, talvez, reflexo da configuração geográfica das moradias, que são próximas umas das outras.

Seja em casa, numa pescaria ou de outro jeito os pequenos participam, e assim aprendem a conviver com a vida rural e toda essa ruralidade, que passa pelo interagir com a terra, com gostar de comer frutas da região como a manga e o açaí, pelo aprender brincando a arte do remar, do *anadar*, e das demais coisas.

A festa religiosa que ocorre na comunidade no mês de julho também é vista como um momento de interação para as crianças. É a oportunidade de *se divertir além da conta e de conhecer gente nova, porque vem gente de tudo quanto lugar, até pra casa da gente vem gente, e enquanto a vovó está ocupada com as tarefas da igreja, nós estamos brincando, pulando e correndo pelo arraial* (Flávia).

Voltando a centralidade do estudo, as interações com as águas dos rios.

Dá *vontade de mergulhar só de olhar para ela*, ou seja, estar na margem do rio é convidativo para o imaginário dos saltos, de liberdade de cima de um barco, de uma árvore, ou da ponte.

Mais imagens que dizem do assunto, a interrelação com as águas.

Foto 23 e 24 – Crianças fazendo viagem pelos rios



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Dentro da canoa, além das coisas, uma conversa entre dois irmãos, Rose e Emanuel. Eles estavam atravessando o rio Tauerá-Açú para buscar água do poço na residência de uma senhora. Algo que acontece diariamente pelas crianças, devido nem todos terem água potável em suas casas e, a água do rio, é barrenta e imprópria para o consumo. Vamos a conversa:

- Emanuel tu avisaste a vovó que vinha comigo, ela mandou eu vim sozinha para eu não demorar.
- Há Rose, tu tens muito medo. Eu vim contigo porque quando passei aqui perto da casa da Doraci, tinha uma canoa velha toda quebrada e quero ela pra mim fazer um barco pra brincar, igual ao do papai.
- Tu tá doido, como vamos levar isso daqui? Ainda mais que a vovó tá nós esperando. Pede pro papai vim pegar contigo depois.
- Pior que se a gente chegar sem a água, já viu né. Então Rose tu vens comigo depois porque o papai não vai querer e tem que ter mais um pra remar comigo pra poder segurar a canoa no lado.
- Não sei porque tu queres coisa velha, lá na beira de casa tem um monte de pedaço de pau. (Caderno de campo, 2023).

Nesse cenário e enredo infantil podemos perceber o quanto as crianças são criativas, fantasiosas, imaginativas, traquineiras nos seus mundos de finge, como bem disse Brandão (2015). São seres desejanter, de saberes e ávidas a movimentos. Quando fala *pra mim fazer um barco pra brincar igual ao do papai*, não só reproduz seu modo de vida como também mostra-se criadora.

Na obra “Olhar o mundo e ver a criança: ideias e imagens sobre os ciclos de vida e círculos de cultura” de Brandão (2015), afirma o ser criança nesses termos:

A criança é considerada como um ser de relações, como um sujeito interativo “para dentro e para fora”. Como um alguém que aos poucos vai se tornando *quem é e em quem se transforma*, como um ator ativo e progressivamente consciente de suas interações com os seus outros dentro e ao longo de momentos, de situações, de cenários e de cenas socioculturais (BRANDÃO, 2015, p. 110, grifos do autor).

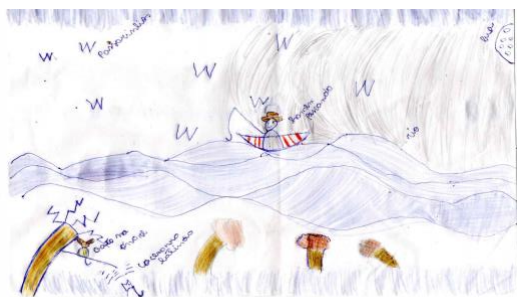
A criança se constrói também na relação com rio.

Elas interagem de todas as formas possíveis. Na casa, no nosso trabalho, na escola, nas atividades que envolve a igreja, enfim, em todos os momentos elas estão presentes junto com a gente. A gente acha isso bom, porque elas se desenvolvem não só em estrutura mais como pessoa, e a partir daí elas vão se identificar com os jeitos e modos de ser daqui mesmo (Ilza, entrevista em 2023).

Esta moradora e minha mãe, vó de seis netos, vive cercada de crianças. Sua palavra vai na direção da identificação dos pequenos com os *jeitos e modos de ser daqui mesmo*, e que bom seria se a escola compreendesse isto, como sendo a aprovação e o respeito social importante para uma criança aprender fora e na escola. Compartilhando o saber oficial e a forma de ensinar-e-aprender a partir do saber prático, informal, do povo.

A figura 3, expressa a representatividade do lugar, a conexão da vida com o rio, e com outros elementos. Nele, a criança descreve o rio, a beira, uma árvore e animais sobressaindo o cachorro latindo. Seu pai pescando no casco. A figura 4, a criança exterioriza o contexto ribeirinho com as casas e a beira do rio.

Figura 3 - Pesca de canoa



Autoria: Alessandro Barbosa Vilhena.

Figura 4– Casas a beira do rio



Autoria: Flávia Gabriele Nascimento.

Na figura 5, as crianças trazem suas atividades, brincando com as águas retratando situações do dia a dia.

Figura 5 – O brincar na chuva entrecortado pelos afazeres da vida pelo rio.



Autora: Diana Santos Vilhena (09 anos).

A figura representa o banho na chuva, e as viagens de canoa feita pelas crianças sempre em companhia das irmãs ou de algum amigo ou parente próximo. *Gosto de pular na água com meus amigos. Não tenho medo de nada. Quem tem é minha mãe, que fica me vigiando.* Esta fala de Diana representa a típica criança ribeirinha paraense, que tem uma relação íntima com a água desde tenra idade. A mãe da menina, Edileuza Vilhena, confirma o receio. *Tenho medo dela tomar banho sozinha, principalmente, em tempos de maré alta em que a água corre muito, mas ela não tem medo não!* Nessa perspectiva, Pojo (2017, p.143) considera que:

O rio é a rua. O quintal, a mata, os caminhos, as pontes e as águas são espaços de interlocução nas vivências de uma geração que ainda brinca de nadar no rio, de subir na árvore, de pular da ponte no rio, [...]. E pelo brincar, traduzem, afirmam e recriam formas culturais por meio da linguagem, aliás, expressam pela oralidade todo o conhecimento e sabedoria que aprendem desde cedo no cotidiano beira rio. (POJO, 2017, p. 143).

Como síntese, pode-se dizer que o rio em sua aparente espontaneidade como uma tarefa obrigatória, diária e franca é ativamente socializador junto das crianças.

Abaixo, uma forma de teia dos espaços, sujeitos, movimentações, coisas e relações sedimentadoras das interações.

Esquema 1 – Sobre interação



Autora: Ivone Vilhena. Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Esta ideia foi produzida com base na vida de Alessandro e Flávia que são primos, situando um pouco do que Brandão (2006) considera ser os ciclos de vida e circuitos culturais.

2. 3. Brincades de crianças e de adultos

As crianças, no processo do brincar interagem. Elas têm a oportunidade de produzir e tornar-se humana a cada dia. Assim, compreendermos que as brincadeiras fazem parte da vida da criança, e o que as ressignificam e ajudam na construção da sua identidade. “[...] Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. As crianças brincam, isso é o que as caracteriza [...]” (KRAMER, 2007, p. 15). Ainda, sobre o brincar na infância, Borba (2007), afirma que:

(...) em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros – adultos e crianças. Mas essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de novo, com o seu poder de imaginar criar, reinventar e produzir cultura. (BORBA, 2007, p. 02).

O brincar faz parte de uma experiência de cultura vivenciada no cotidiano, sendo importante não apenas nos primeiros anos da infância, mas durante todo o percurso de vida e de qualquer ser humano. As crianças brincam, isso é o que as caracteriza (KRAMER, 2007). Para ilustrar essa afirmação, devemos atentar que mesmo antes do brincar com os objetos, vem o brincar consigo mesmo e com as pessoas.

[...] a brincadeira é um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem. Representa, dessa forma, um acervo comum sobre o qual os sujeitos desenvolvem atividades conjuntas. Por outro lado, o brincar é um dos pilares da constituição de culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo [...] Borba (2006, p. 39).

A autora enfatiza que mesmo que as brincadeiras estejam atreladas as fantasias e a imaginação infantil, não estão distantes da vida real.

Partindo desses pressupostos, situaremos mais especificamente os brincades que se processa no cotidiano do Tauerá-Açú pelas crianças e, por vezes, pelos adultos. Afinal, “[...] os brincades de adultos e, potencialmente das crianças, misturam-se com o ambiente arborizado e nas áreas verdes, bem como nos espaços das margens dos rios para os que moram em contextos ribeirinhos, por exemplo [...]” (POJO, FREITAS, 2022, p. 20). Nessa configuração social e cultural, os mundos infantis são experienciada nos rios, nas águas, nos quintais e outros espaços como já situado anteriormente.

Nas fotos 25 e 26 são crianças em espaços abertos, os preferidos para o brincar na comunidade.

Foto 25 – Crianças subindo em árvores



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 26 – Crianças brincando em ponte



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

As imagens mostram formas brincantes em diversos lugares/espços. Na imagem 25, são irmãos brincando de subir em árvores que fica no quintal de suas casas. *Estamos brincando nessa árvore de faz de conta, a gente imagina que ela seja um prédio e temos que escalar com nossos superpoderes igual o homem aranha faz* (Otávio). Seu irmão menor completa dizendo *Ele tem que conseguir trazer a fruta que está lá em cima pra mim, eu ajudo ele.* (Joaquim). Na imagem 26, as crianças se divertem no espaço da ponte, ali elas circulam, correm, conversam, e na presença de adultos próximos.

O pequeno Guilherme, explica sua versão: *eu brinco dentro do casco do papai que fica no quintal, eu brinco de secar a água com um caco.* Os quintais/terreiros constituem-se palcos do brincar de casinha, empinar pipa, correr, subir e se balançar, juntar pedaços de madeiras ou gravetos. Nas matas brincam de esconde-esconde ou de procurar coisas.

A tabela abaixo traz mais dos brincares com base na cultura rural-ribeirinha-quilombola.

Tabela 07 – Brincadeiras de chão

Brincadeira	Modo de brincar
Bandeirinha	<i>A gente divide o campo, pega dois pedaços de ripa ou pau, colocamos um pano tipo uma bandeirinha na ponta, aí quem pegar a do outro, vence</i> (Flávia).
Cabo de guerra	<i>Fica cinco pessoas pra cada lado, às vezes a gente brinca homem contra mulher ou misturado, tem a corda e a gente pega fica um fio no meio. Aquele fio quem puxar pro seu lado ganha</i> (Mayellem).
Pira se esconde	<i>Tem a mãe que conta até dez, e o resto se esconde e quem a mãe achar primeiro já tá destinado a procurar. Na próxima rodada, quem ela for achando tem que ir saindo da brincadeira</i> (Alessandro).
Pira alta	<i>São dez ou vinte pessoas no máximo. Essa a gente brinca sempre na escola. Conta três, dois, um, a gente pega e corre pra cima de alguma coisa alta, aí tipo o Alessandro ficou por último, ele é a mãe, e tem que ficar passando de banco em banco e não pode sentar. Quem sentar vai ser a mãe e se pisar no chão sai da brincadeira</i> (Flávia).
Pira cola	<i>Tem que correr e não pode deixar a mãe pegar a gente, se não a gente está colado e os outros que não tiverem colados tem que pegar a gente para descolar. Se a mãe colar todo mundo, ela venceu, aí o primeiro é a mãe na próxima vez</i> (Alessandro).

Pira pega	<i>A gente conta 1, 2, 3 e aí quando a gente termina de contar, corre atrás dos outros, quem pegar primeiro já é a mãe no lugar do outro (Mayellem).</i>
Bacuri	<i>Se o cara falar poxa, égua, me deixa eu quero escrever na escola, a gente pega e dar um tapão na costa do outro até ele falar “bacuri”. Essa nós inventamos na escola (Diana).</i>
Dentro e fora	<i>Fazemos o círculo, faz uma roda grande aí a gente pega e fica fora da roda, aí uma pessoa fica de fora da brincadeira pra falar dentro e fora. Quem ficar por último sem errar o comando vence (Mayellem).</i>
Jogo de meninas e meninas	<i>Três duplas pegam e escolhem duas duplas para contar, enquanto a outra vai se esconder. Depois a dupla que conta tem que achar onde as outras se esconderam. Aquela pessoa que for achada primeiro do grupo é quem vai contar da próxima vez. (Diana).</i>
Bebileide	<i>A gente pega a sandália velha corta ao redor, do tamanho que coloca na tampa de garrafa, aí coloca o prego. Enfia e roda, fica rodando, quem parar primeiro perde, aí tem esses outros que eles “faço, eles compram, mas nós faz pra nós ter, nós faz esses (Flávia).</i>
Cinco pedras	<i>Perto da escola. Perto da igreja nós pega, faz o quadrado com o dez, o onze, o vinte e o um. Aí, nós pega uma pedra e joga, aí quem acertar no vinte, nós damos vinte votos pra Rihanna, vinte voto pro Paulo Sérgio. Aí se eles acertaram no quinze é a mesma coisa e no dez também (Flávia)</i>
Jogo da garrafa	<i>O jogo da garrafa, é que a gente pega uma garrafa e enche um pouquinho de água, pela metade, e joga a garrafa. Aí, quem conseguir que a garrafa fica em pé ganha um ponto. Quem chegar em vinte primeiro ganha (Alessandro).</i>

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa de campo, 2022.

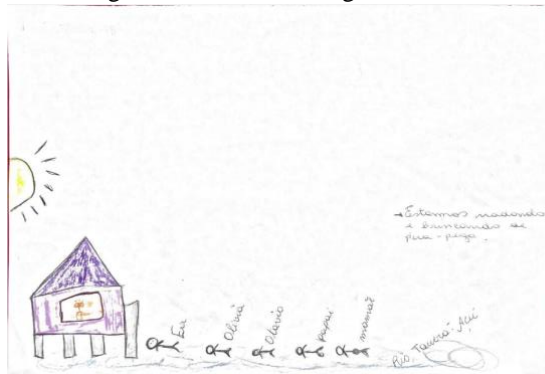
Percebemos que nos jogos e brincadeiras existe toda uma produção coletiva, enraizada no saber local, espalhada pela vivência das crianças nos espaços. Nesse sentido, o que está exposto na tabela 07 são diferentes formas de brincar, imaginar e reinventar suas traquinagens brincantes.

Além desses brincares no chão (na terra, na mata), existem também os brincares nas águas, como: de pescar e nadar. Na beira do rio as crianças brincam nas embarcações de familiares. Nessas, brincam, principalmente, de passear e pescar e nas que estão sendo construídas, servem, geralmente, de espaço para brincar de casinha e de pilotar. *Esse pedaço de tábuas é minha prancha para eu brincar na água* diz Guilherme.

A figura 6, a criança traz o cenário do banho de chuva, com a representação da mãe os chamando, porque segundo ela a mãe diz que a chuva faz mal pois podem gripar. Esse tomar banho na chuva ocorre nas pontes/trapiches das casas. A outra figura é um momento no rio em deslocamento até a casa da Socorro para fazer compras no comércio/mercearia. Ainda, desenha ao lado o banho na cachoeira¹⁶.

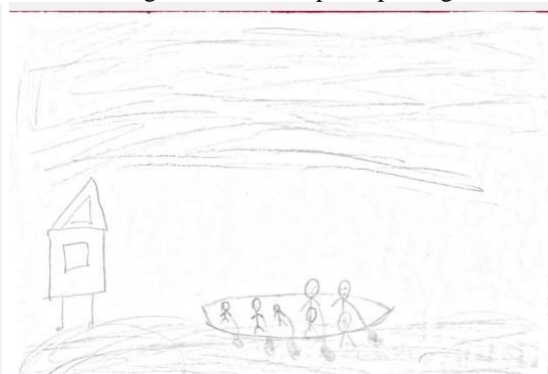
¹⁶ Um lugar que fica seco periodicamente, e contém muitas pedras por isso ficou conhecida como “cachoeira do Tauerá”. No local adultos e crianças costumam ir para banhos e momentos lúdicos.

Figura 6- O brincar na água e na chuva



Autoria: Mayellem Nogueira Barbosa

Figura 7 – O transporte pela água



Autoria: Olivia Botelho Fonseca

No rio vemos a singularidade do brincar-banhar, do brincar deleite corporal com esse líquido. Um brincar energizante, por constituir-se uma espécie de águas de brincar. Um exemplo trazido aqui é o brincar de pira pega, como podemos ver na figura 6. As crianças, em sua maioria, dizem que esse brincar ocorre dentro da água, sendo a diferença em relação ao espaço da terra, pelo *anadar*. A figura 6, a criança ainda retrata uma de suas habilidades preferidas na água que é o nado, representado pela brincadeira do pira-pega. Essa brincadeira na água é vista pela criança como um momento muito prazeroso e feliz, pois ela diz que além de brincar é um momento em que reúne irmãos, pais, mães, tios, tias etc.

Ainda na figura 7, a criança representa o remar no rio como uma das atividades praticadas no dia a dia. Esse remar acontece num passeio a casa de parentes, ou ir para escola, no transporte de mercadorias.

O *pular na água* também é um tipo de brincadeira que se dá por diversos saltos, que pode ser de cima da ponte ou de cima de um barco. Essa brincadeira, até os adultos praticam. Brinca-se mais ou menos assim: Um grita *1, 2, 3 e lá vou eu*, depois disso, só se ouve o barulho estrondoso nas águas. Esses pulos são identificados pelas crianças de *pulo flecha*, *pulo mortal* e *pulo pomba*. A seguir algumas explicações de Alessandro, a partir de suas travessuras brincantes.

O “pulo flecha”, é um pulo na água que a gente fica reto assim, igual uma flecha, aí a gente pega na água e vai boiar lá longe igual uma flecha. A flecha é reta, tu vais reto, e vai parar lá longe.

O “pulo mortal”, o nome já diz mortal. A gente pula, dá uma cambalhota e cai na água. Mas tem que botar força na perna porque senão a gente cai de costa, aí dói a costa. Ou de barriga, aí dói a barriga.

O “pulo pomba” é só pular, juntar as pernas e bum na água, voa água lá longe, por isso que o nome é pulo bomba, parece uma bomba caindo na água pooh.

Ainda, que de forma pouco visível ou de forma indireta, por meio desses pulos, mergulhos, treinos, estão os aprendizados do nado sendo aprendido durante as

brincadeiras de *pulo flecha*, *pulo mortal* e *pulo pomba*. Dessa forma, as crianças são iniciadas nas técnicas corpóreas do mergulho, técnica fundamental para viver nesse ambiente. E assim, aprendem a nadar de diferentes formas e brincando nas águas.

Na tabela 8, algumas das brincadeiras na água.

Tabela 8- Lista de brincades nas águas

Brincades	Forma de brincar
Pira pega	<i>A gente conta até dez ou vinte, a gente pega e anada pra pegar eles e quem a gente pega é a mãe. (G. P).</i>
Balanço e cai na água	<i>O papai coloca uma corda e um pedaço de pau na ponta, aí a gente balança, balança e cai na água. A gente pega e vira mortal e dá pra fazer de pneu também (Flávia).</i>
Pira se esconde	<i>A gente conta até dez ou vinte, pega mergulha e anada atrás deles. Tem que pegar todos, aí o qual nós pegamos primeiro, vai ser a mãe na próxima rodada (G. P).</i>
Queimada	<i>A gente conta até dez, a gente pega e vai atrás deles e tem que acertar a bola neles. Se eu acertar numa pessoa, aquela pessoa vai ficar com a bola e vai ser a mãe. E não pode acertar de novo na pessoa que acabou de ser a mãe tem que pegar os outros e esperar um tempo pra quem já foi a mãe (G. P).</i>
Anel	<i>A gente pega uma bola com uma alcinha, aí a gente encaixa no dedo e a gente tem que acertar em outras pessoas e não tem que deixar que as outras pessoas peguem o anel (bola) (G. P).</i>
Bobinho	<i>Pega uma bola e tem que ter três pessoas ou mais, aí tem que jogar a bola um para o outro e não pode deixar o do meio pegar a bola, se ele pegar quem deixou ele pegar vai ficar no meio (G. P).</i>
Puxando	<i>Nós se segura no pau da ponte na água, aí a gente pega o outro. Tem que puxar ele e se ele soltar, vai ser ele quem vai ter que puxar a outra pessoa (G. P).</i>
Pega a bola	<i>Debaixo da ponte onde tem os paus a gente pega a bola e pendura lá, e a pessoa tem que mergulhar e se empurrar da escada com tudo pra cima e, quem bater na bola, e a bola soltar e cair lá de cima, ganha (G. P).</i>
Bate bola	<i>Pendura a bola no pau, e pega água na boca e tem que espirrar na bola. Se a bola cair a pessoa que fez ela cair ganha (G. P).</i>
Pulo flecha	<i>A pessoa pula na água com um pulo flecha e quem buiar mais longe ganha. Sua regra e não poder dá impulso com a mão ou com o pé, aonde buiar, buiou. (G. P).</i>
Pulo de bico, na boia	<i>A pessoa pega uma boia e pula no meio da boia e quem pular bem no meio sem encostar nela, faz um ponto. Quem chegar a dez pontos primeiro ganha e se a pessoa tocar na boia, além de não pontuar perde um ponto (Flávia).</i>
Corrida na água	<i>A pessoa fica em um marau, e escolhe um outro bem longe para ser a linha de chegada, conta um, dois, três e quem chegar primeiro ganha (G. P).</i>
O mestre da água mandou	<i>Tem uma pessoa que é o mestre da água, aí por exemplo, se o mestre da água mandou dar um mortal a pessoa tem que dá, mas se a pessoa dá o mortal a pessoa perde porque pra tá valendo, o mestre da água, tem que falar: o mestre da água falou dá um mortal. (G. P).</i>

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa de campo, 2022.

São criações incríveis, associativas ao tempo, ao ritmo do corpo, a prática do nado, a regras atualizadas. E mais, são aviltantes em afirmar muitos desses brincades foi *inventado por nós*.

Os infantis trazem brincadeiras nas águas do rio Tauerá-Açú, elas denotam toda uma particularidade ou invenções próprias, mostrando assim para nós que a arte do brincar é cheia de sentidos, de sentimentos, de ritmos que pulsam, sendo este conforme o

que Brandão afirma “[...] o eixo central de sua experiência pessoal, familiar (entre irmãos) e grupal (dentro de grupos de idade e de grupos de interesse) de vida [...]” (BRANDÃO, 2015, p. 113, grifos do autor).

O fato é que qualquer espaço pode tornar-se cenário brincante e, qualquer coisa proveniente da natureza passa a ser utilizada nas suas ações, assim como os próprios espaços, terreiros, casas, matas, o rio e igarapés transformam-se em brinquedos. Crianças tornam-se brinquedos. Folhas, frutos, principalmente o açaí, a terra, a água, garrafas e gravetos encontrados são incorporados nas brincadeiras. A criança diz assim: *Eu, a Olivia e a Nayara juntamos folhas no quintal para brincar de comidinha* (Caderno de Campo, 2022). O Alessandro reitera: *Quando a maré está seca, eu saio para ajuntar brinquedos que ficam encalhados na beira como pedaços de pau, garrafa e tampinha para fazer arco e pião.*

Vemos o quanto as brincadeiras têm relação direta com a cultura local, com o contexto da comunidade/do território. Pelo brincar e interagir das crianças compreendemos melhor a cultura infantil produzida e vivenciada por elas nos espaços da terra-mata-água. No brincar interagem, e interagindo brincam porque são interfaces de um mesmo processo, o da natureza infantil. E os espaços de terra-mata-água são parte da rotina dessas crianças e das observações ante aos afazeres do dia a dia, nesse ciclo e circuito elas circulam no ambiente, aprendem da canoa, da maré, tomam banho no rio com ou sem pares, exercem o brincar na terra e na água, muitas vezes, misturado com as ajudar aos adultos nas tarefas, vivenciam uma convivência com parentes, vizinhos e amigos (conhecidos).

Por tudo isso, vemos como importante fechar o capítulo com um punhado de processos brincantes, como constam nas declarações de amor ao brincar:

A gente brincar de tudo (G. C).

A gente corre e faz gols (Guilherme).

Nós nos divertimos com amigos e irmãos brincando com aquilo que a gente mais gosta: tomar banho, correr, pular e rir, gritar também rrsrs, é muito divertido fazer isso (Izabela).

Eu brinco no terreiro mesmo, porque pra mim ir pro rio só quando a mamãe ou a vovó vão, porque não deixam eu ir sozinha. (Izabela).

Gosto de brincar na areia com meu pai, lá posso ser livre, é e bem pertinho de casa, lá eu posso correr, pular e tomar banho (Vinicius).

Eu brinco com minha irmã também (Diana).

Eu brinco lá em casa também, com meus irmãos (Olivia).

Brinco sozinho (bicicleta) (Edgar).

Eu brinquei na casa do Edgar, fui pra lá brincar com ele (Flávia).

Neste capítulo focamos no interagir e no brincar. Falamos de águas do brincar que interage pessoas, aviva histórias. Como explicar o fato de que muitas crianças aprendem

a nadar sozinhas nesse contexto? O menino Emanuel *virou peixinho logo cedo* no dizer de sua vó. Filho de pescador, embora arredio durante nossos contatos, deu-nos seu sorriso encantador e com seu corpo disse de suas *braçadas* iniciada, ainda, quando tinha 3 anos, após ficar apreciando o pai na beira do rio.

Meus pais não precisaram ensinar. Eu ficava olhando pequenininho e consegui sozinho. Primeiro eu boiava, depois, fui batendo as pernas no rasiño com ele do lado. Foi fácil. Gosto de brincar aqui, jogar futebol, nadar e pescar com meu pai e meus tios, eu me sinto bem assim. Prefiro sempre tá fazendo essas coisas do que ficar na casa assistindo televisão (Emanuel, conversa informal, 2023).

Constatamos que esse excesso de águas, é margeado de saberes e possibilidades de trocas com a natureza, por processos de tornar-se ribeirinho e quilombola ante a identidade cultural do Tauerá-Açú. O livre acesso ao brincar, a pescaria, aos costumes e as crenças fazem parte da vida das crianças.

É sob estes enredos de vida das crianças do Tauerá-Açú. Elas conhecem sua realidade e a reproduz, por meio da construção de significados como no exemplo do *nadar*, a partir do qual a criança interage, aprende e brinca, no caso do nado se não aprende fica impedida de ter acesso sozinha ao rio e na dependência de um sujeito mais experiente que ela.

A brincadeira livre é apreciada, vivida e potencializada pelas crianças, como exemplo, mais uma forma na nossa grande lista.

A gente sobe em árvore, pula de cima da árvore no rio. Às vezes a gente brinca de espada na água, assim 'tim-tim'. A gente mata um o outro, e 'fap é fap' na água. A gente brinca no quintal. Eu pulo de cima da ponte 'é bei' pra dentro do rio. Quebra o galho do ajuruzeiro. A gente já pegou uma queda da mangueira. Outro dia eu quase quebrei a perna, a gente tava brincando de homem aranha. Fomos pular de cima da parede. Eu disse, sou mulher do homem-aranha, e pulei lá de cima, caí assim e quase saquei a perna. (Flávia e Alessandro).

Nesse repertório vemos quão recreativo é o mundo das crianças, em que elas otimizam os espaços, os ritmos, os gestos, as criações dinamizando suas experiências cotidianas. Vimos assim todo um repertório multicultural que situa as infâncias processada nas águas e nos rios, que gesta o brincar em mediação com a cultura, como parte da aprendizagem.

Nesta perspectiva a infância sendo parte da criança autônoma e do seu aprendizado. O que se observou no brincar-e-banhar como momento sagrado, de que nada se escuta a não ser o coração, o corpo fica de *bubuia* nas águas, em uma sutil flutuação, dono de si e do mundo, e assim as crianças nadam e mergulham igualmente uns peixinhos naquelas

águas. Como situado por alguns moradores *essas crianças já nascem predispostas a serem íntimas das águas* (Caderno de campo, 2023).

Podemos dizer que as crianças primeiro, aprendem, a entrar nas águas buscando uma relação de confiança. E, a partir das primeiras *nadadas*, dos primeiros mergulhos perto do trapiche, até conseguirem, sozinhas, mergulhar e aprender a voltar. Nesse momento, não existe mais medo fica somente a vontade de estar ali, uma espécie de inocência e contemplação íntima com esse universo.

Rio e crianças, crianças e rios. A hora do banho é a hora do encontro, do grande falatório, hora dá água se mexer. Água e criança brincam juntas. É a hora de quem sabe nadar ensinar quem não sabe, a hora do brincar com/nas águas. As primeiras braçadas são treinadas. Crianças vão se ajuntando: uma, mais uma, e tantas outras. E fazem/criam brincadeiras: *pega-pega, pira-pega, luta, quem demora mais no fundo. Mergulho*. O lugar para *buiar* ninguém adivinha, estão escondidas nas águas. Para elas, é a melhor hora do dia. Do corpo e as águas.

Esse contato íntimo das crianças com o território e com as águas possibilita como já dito que elas criem e exercitem repetidamente brincadeiras e adquiram habilidades para nadar, pilotar uma canoa, relacionarem-se com as águas, a terra, o quintal e demais espaços. Dessa forma, elas aprendem a valorizar o lugar que vivem, aprendem um modo mais consciente acerca da importância do meio natural e da sua própria cultura.

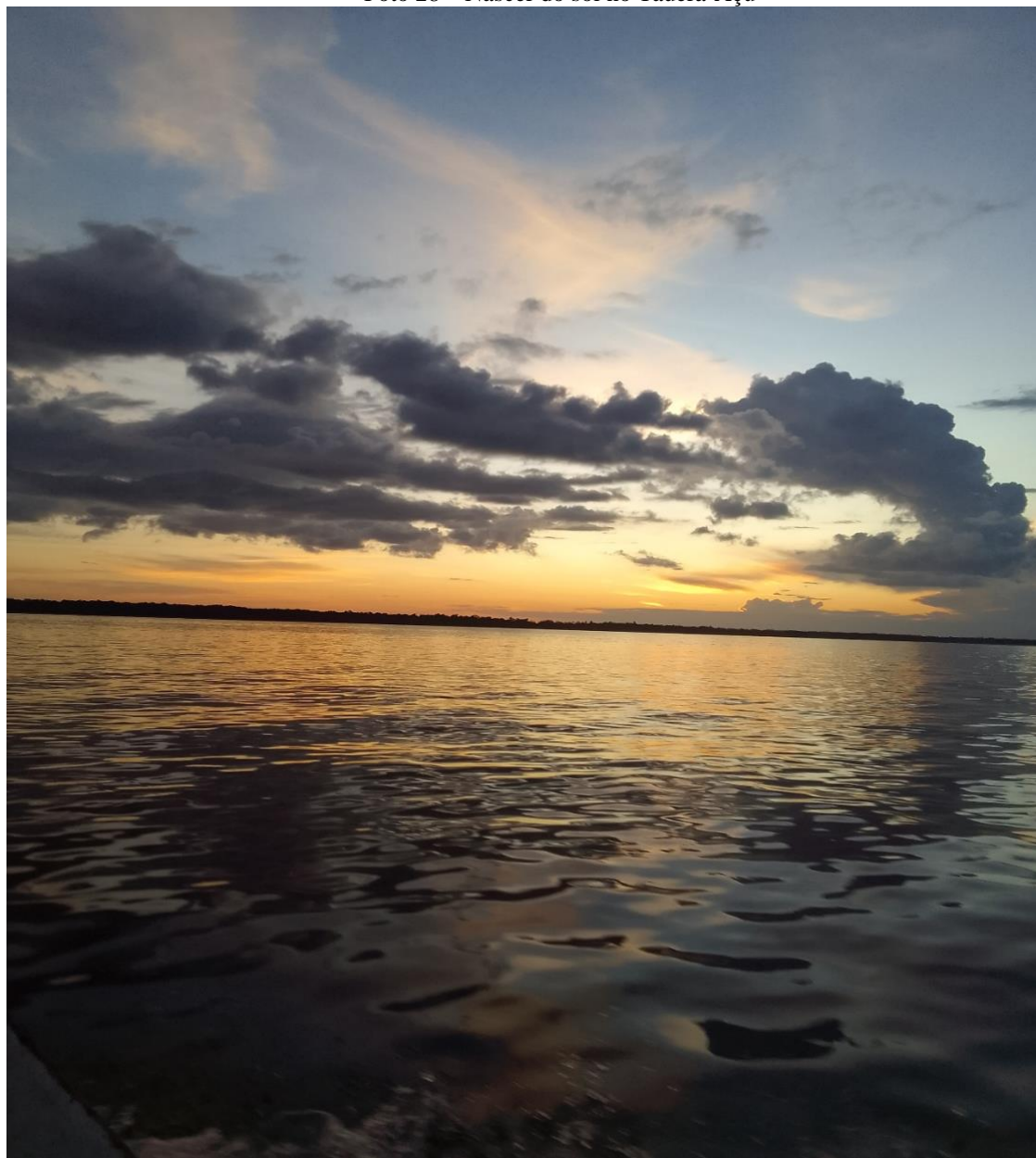
A seguir, ainda escolhi fazer um Memorial Fotográfico, tentando dizer o não dito e de estimular a interpretação do próprio leitor

Foto 27 – Crianças no trapiche



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 28 – Nascer do sol no Tauerá-Açú



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 29 – Crianças no banho de chuva



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 30 - Criança no rio



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 31 – Crianças no banho



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 32 – Criança brincando na praia/areia



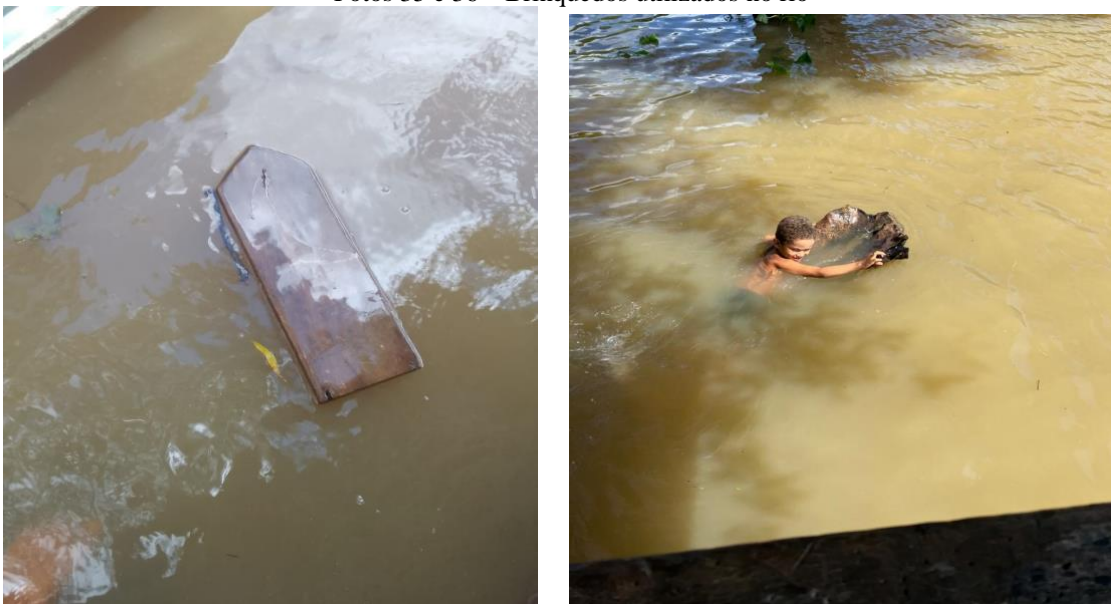
Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Fotos 33 e 34 – Adultos e crianças em travessias



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Fotos 35 e 36 – Brinquedos utilizados no rio



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 37 – Criança e o animal



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 38 – O brincar-banhar



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Fotos 39 e 40 – Crianças no espaço da cachoeira e da ponte



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 41 – Criança na companhia do adulto em atividade de pesca



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 42 – Crianças brincando de balanço



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 43 – Crianças nas águas



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 44 – Crianças banhando-se no rio



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 45 – Crianças na beira do rio



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 46 – Criança no ir e vir até a escola



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 47 – Porto que dá acesso à escola



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 48 – Trapiche, casa e ponte



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

Foto 49 – Crianças e a pesquisadora



Fonte: Ivone Barbosa de Vilhena, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender sobre os aspectos de como se constitui a cultura infantil que se processa com e nas águas pelas crianças da comunidade do rio Tauerá-Açú. Mesmo sendo moradora, me permitiu conhecer a cultura desses infantes e suas experiências de vida e de recrear-se, de brincar e se divertir a partir de suas relações cotidianas com o rio, com a terra e com o universo das águas. Os resultados revelaram diversas formas de divertimento, de aprendizados e de brincadeiras feitas e produzidas por estas crianças da localidade.

O estudo mostrou, a predominância de um modo de vida quilombola e ribeirinho singular, cuja vida infantil está presente. Nas práticas infantis sobressai o convívio com o espaço do rio foi descrito e desenhado de diferentes formas, o que demonstra a relação que elas possuem com ele, com as águas e demais espaços da natureza amazônica. Nisso tudo o tempo destinado a brincadeira é buscado, inventado, arteiro. Por isso, os brinquedos utilizados no seu dia a dia, como o exemplo da bola estão presentes nas suas práticas dentro do rio e da terra, ressignificados de acordo com seus modos de vida, com suas experiências, produzidos na própria cultura lúdica do lugar.

As crianças potencializam tácticas e brechas, pois suas práticas de interagir e se relacionar estão sempre acontecendo, dessa forma vemos constantemente os banhos de rio, a contemplação da travessia, as brincadeiras que inventam, a escola que brinca no mundo deles/delas, a família *dando uma vista*, as práticas tradicionais sendo transmitidas, a relação com o comunitário sendo buscado, ainda que com pouca atenção. É nessa teia de significados, que as crianças vivem suas infâncias estabelecidos em suas casas, nos quintais, nos rios, nas igrejas, na escola etc.

A pesquisa evidenciou um ambiente natural/social amazônico rico de aprendizagem, das sabenças de crianças quilombolas. Fez-se notar os saberes, o cotidiano, as invisibilidades das crianças diante da rica diversidade do lugar.

Vale ressaltar aqui, que a pesquisa não esteve focalizada na educação escolar, mas entende que pode dialogar com ela como uma importante contribuição para a comunidade.

Como síntese, vimos um tipo de cultura infantil existindo como um sistema cultural próprio, que se processa nos espaços das águas, como uma prática que precisa de valorização e preservação, considerando a emancipação e a liberdade de expressão das crianças em seu processo educativo e identitário.

Ainda, quero manifestar a profunda aprendizagem do meu ensaio como pesquisadora, uma vez que o estudo ofereceu experiências ricas e singulares e contribuiu no sentido de propiciar um contato direto e aprofundado com as crianças e suas culturas infantis. Foi possível refletir e aprender com a criança a partir do brincar e do local.

Posso dizer, sem dúvida, aprendi com as crianças percebendo que pouco eu sabia. Aprendi sobre as crianças. Aprendi para às crianças, melhor lidar com as quais convivo, sobrinhos, filhos, vizinhos. Percebi o quanto elas aprendem cotidianamente na natureza do lugar, fazendo coisas, transitando nos arredores e participando de rotinas que envolvem tarefas escolares, de ajuda familiar e de brincar. Com as águas, por exemplo, elas espiam e dizem com firmeza sobre das marés de cheias e vazantes da localidade.

Dessa força interativa descrita aqui, aprendi que é possível aprender informalmente a partir dos espaços, do território, do movimento e cotidiano. No caso do ambiente amazônico somos privilegiados pelas águas que nos banham, banham a existência das crianças, com as belíssimas histórias, simbolismos e paisagens que o ambiente irradia, apenas por estarem lá, indo e vindo, no espaço-tempo dos lugares.

Concluimos reafirmando a riqueza dos aprendizados sociais, sejam escolares ou não que produzem as crianças, fazendo notar a maneira significativa. E o mais vivo e potente cabe dizer ao povo do Tauerá-Açú, *Apesar de tudo as crianças sonham... Apesar de tudo, as crianças brincam com e nas águas dos rios.* (Ivone Vilhena, 2023).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo, de 04 de novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em 01 de março de 2023.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto /Portugal. Porto Editora, 1994.

BORBA, Ângela M. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: BRASIL, Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: MEC/SEF. **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, p.33- 45, 2007.

BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo, Summus, p. 77-78, 1984.

BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e Suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF, FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo: UNESP, 1998. p. 187-227.

BARBOSA, M. C. S. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set./dez. 2014.

BARROS, Manoel. **Integra do poema Águas**. In: <https://www.douradosnews.com.br>, 2004. Acesso em 05 de Maio de 2023.

BRANDÃO, Carlos R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRANDÃO, Carlos R. **O processo geral do saber - A educação popular como saber da comunidade**. In: Educação Popular. São Paulo: Brasiliense, 1997, p.14-26.

BRANDÃO, Carlos R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Carlos R. **Refletir, discutir, propor: as dimensões de militância intelectual que há no educador**. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org). O educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, p. 71-87, 1985.

BRANDÃO, Carlos R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos R. Olhar o mundo e ver a criança: Ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculo de cultura. **Crítica educativa**. Sorocaba/SP, Vol.1, n.1, jan./jun. 2015. p.108-132.

BRANDÃO, Carlos R. **Tempo e espaço na comunidade Rural**: a visita de um antropólogo à geografia. In: www.apartilhadavida.com.br, 2006. Acesso em 30 de Setembro de 2022.

BRANDÃO, Carlos R. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável. 2ª ed. Brasília: MMA, 2005.

BRANDÃO, Carlos R. **Vida, conhecimento, cultura e educação - algumas ideias provisórias**. Educação, Porto Alegre, n 46, p. 27-65, mar, 2002.

BRANDÃO, Carlos R. **Ensinar as crianças aprender com as crianças**. Escrito versão “nas nuvens”. In: www.apartilhadavida.com.br, [s.d]. Acesso em 21 de Abril de 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Sociedade e cultura, v. 10, n. 1, jan./jun. 2007, p. 11-27.

BRANDÃO, C. R. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. **Caderno de antropologia e imagem**, Rio de Janeiro, p. 27-54, 2004.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 10, jan./abr., 1999. p. 58-78.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Olhar Viajante: Antropologia, Criança e Aprendizagem. **Revista Pro-Posições**. Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 161-178, maio/ago, 2012.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos** 19(37): 25-34. 2012. In: <https://doi.org>.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MACHADO, Jorge (Org). **Glossário Abaetetubense: Palavras e expressões do linguajar regional**. Abaetetuba-PA, Edições Alquimia, 2005.

MELLO, Thiago de. **Acerto de Contas**. São Paulo: Global, 2015.

OLIVEIRA, I.; MOTA NETO, J. **Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação**. In OLIVEIRA, Ivanilde. (org.). Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas e de alfabetizando amazônidas. Belém: CCSEUEPA; 2004.

POJO, Eliana Campos. **Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba – PA**. 2017. 243 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

POJO, Eliana Campos Toutonge; FREITAS, Maria Natalina Mendes. **As crianças e a natureza em contextos rurais amazônicos**. Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 12, p. 01-25, e022005, 2022.

POJO, Eliana Campos Toutonge; ELIAS, L. G. D. O cotidiano das águas na tradição quilombola da comunidade do rio baixo Itacuruçá- Abaetetuba, PA. **Tempos Históricos**, Vol 22, 2º Semestre de 2018, p. 49-72.


RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SOUZA, Marcia Lucia Anacleto. “A perspectiva das crianças”: corpo e território na identidade quilombola infantil. **Revista Humanidades e Inovação** v.4, n. 3, p. 187-201, 2017.


UNICEF. Relatório: “Ser Criança Na Amazônia”: Uma Análise das condições de desenvolvimento infantil na Região Norte do país (síntese), Fundação Joaquim Nabuco, Belém- PA, 2004.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

ANEXO 1 – TERMOS DE CONSENTIMENTOS: CRIANÇAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃ DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
 CAPTURADOS**

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena, a Eliana Campo Pojo Toutonge utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou renumeração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Alexandro de Vilhena Barbosa

Nome do adulto: Ivone Barbosa de Vilhena

Assinatura do responsável: Ivone Barbosa de Vilhena

Abaetetuba /PA, 13 de Fevereiro de 2023.

Ivone B de Vilhena
 IVONE BARBOSA DE VILHENA
 Estudante
 (Colaboradora responsável)

Eliana C. Pojo Toutonge
 ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
 (Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana Campo Pojo Toutonge utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exposições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou renumeração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Alice Queren Nogueira Barbosa

Nome do adulto: Andielle de Brício Nogueira

Assinatura do responsável: Andielle de Brício Nogueira

Abaetetuba /PA, 15 de junho de 2023.

IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

Eliana Campo Pojo Toutonge
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃ DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana Campo Pojo Toutonge utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exposições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Edgar dos Santos Ferreira

Nome do adulto: Franciane Silva dos Santos

Assinatura do responsável: Franciane Silva dos Santos

Abaetetuba /PA, 13 de Fevereiro de 2023.

Ivone B. de Vilhena
IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

Eliana Campo Pojo Toutonge
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana C. Pojo Toutonge a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exposições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Leiria gabrielle Ferreira do Nascimento

Nome do adulto: Adriana do Socorro Silva Ferreira

Assinatura do responsável: Adriana Silva

Abaetetuba /PA, 08 de Janeiro de 2022.

IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana C. Pojo Toutonge a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Guilherme Santos da Costa

Nome do adulto: Milena Santos da Costa

Assinatura do responsável: Milena Santos da Costa

Abaetetuba /PA, 03 de Março de 2022.

Ivone B. de Vilhena
IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

Eliana C. Pojo Toutonge
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECs



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana C. Pojo Toutonge, a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exposições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Izabela Sena Pinheiro

Nome do adulto: Elizângela Santos Sena

Assinatura do responsável: Elizângela Santos Sena

Abaetetuba /PA, 13 de Fevereiro de 2023.

Ivone B. de Vilhena
IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

Eliana C. Pojo Toutonge
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃ DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana Campo Toutonge, a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou renumeração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Jennifer Adrielly Ferreira

Nome do adulto: Adriana do S. Silva Ferreira

Assinatura do responsável: Adriana do S. Silva Ferreira

Abaetetuba/PA, 13 de Fevereiro de 2023.

Ivone B. de Vilhena
IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

Eliana Campo Toutonge
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECs



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇ DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
 CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana C. Pojo Toutonge utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou renumeração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Joaquim Batilho Fonseca

Nome do adulto: M^{te} Madalena Vilhena Batilho

Assinatura do responsável: M^{te} Madalena Vilhena Batilho

Abaetetuba /PA, 20 de maio de 2023.

Ivone B. de Vilhena
 IVONE BARBOSA DE VILHENA
 Estudante
 (Colaboradora responsável)

Eliana C. Pojo Toutonge
 ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
 (Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
 CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana C. Pojo Toutonge a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exposições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou renumeração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Mario Allan Fenneira da Silva

Nome do adulto: Ana Maria Fenneira da Silva

Assinatura do responsável: Ana Maria Fenneira da Silva

Abaetetuba /PA, 13 de Fevereiro de 2023.

Ivone B. de Vilhena
 IVONE BARBOSA DE VILHENA
 Estudante
 (Colaboradora responsável)

Eliana C. Pojo Toutonge
 ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
 (Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana Campo Pojo Toutonge a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exposições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Maxellen Nogueira Barbosa

Nome do adulto: Audille de Bricio Nogueira

Assinatura do responsável: Audille de Bricio Nogueira

Abaetetuba /PA, 15 de junho de 2023.

Ivone B. de Vilhena
IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

Eliana Campo Pojo Toutonge
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃ DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana Campo Pojo Toutonge, a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou renumeração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Olivia Betilho Fonseca

Nome do adulto: M^{te} Madalena Vilhena Betilho

Assinatura do responsável: M^{te} Madalena Vilhena Betilho

Abaetetuba /PA, 20 de maio de 2023.

Ivone B. de Vilhena
IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

Eliana Campo Pojo Toutonge
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAEC5



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃ DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
CAPTURADOS**

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana C. Pojo Toutonge, a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exposições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou renumeração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Otaíio Botelho Fonseca

Nome do adulto: M^{te} Madalena Vilhena Botelho

Assinatura do responsável: M^{te} Madalena Vilhena Botelho

Abaetetuba /PA, 20 de maio de 2023.

Ivone B. de Vilhena
IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

Eliana C. Pojo Toutonge
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃ DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone B. de Vilhena e Eliana C. Pojo Toutonge, a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou renumeração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Emanuel Rocha dos Santos

Nome do adulto: Antonildo Carvalho dos Santos

Assinatura do responsável: Antonildo Carvalho dos Santos

Abaetetuba /PA, 30 de maio de 2023.

Ivone B. de Vilhena
IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

Eliana C. Pojo Toutonge
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃ DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone B. de Vilhena e Eliana C. Pojo Toutonge, a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou renumeração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Ressikano Rocha dos Santos

Nome do adulto: Sotzonildo Carvalho dos Santos

Assinatura do responsável: Sotzonildo Carvalho dos Santos

Abaetetuba /PA, 30 de maio de 2023.

Ivone B. de Vilhena
 IVONE BARBOSA DE VILHENA
 Estudante
 (Colaboradora responsável)

Eliana C. Pojo Toutonge
 ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
 (Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃ DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
 CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone Barbosa de Vilhena e Eliana Campo Pojo Toutonge, a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exhibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou renumeração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Diana Santos de Vilhena

Nome do adulto: Maria Edileuza dos Santos de Vilhena

Assinatura do responsável: Maria Edileuza dos Santos de Vilhena

Abaetetuba /PA, 30 de maio de 2023.

Ivone B. de Vilhena
 IVONE BARBOSA DE VILHENA
 Estudante
 (Colaboradora responsável)

Eliana Campo Pojo Toutonge
 ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
 (Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃ DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone B. de Vilhena e Eliana C. Pojo Toutonge, a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Vinicius Barbosa machado

Nome do adulto: Daniela Barbosa machado

Assinatura do responsável: Daniela Barbosa machado

Abaetetuba /PA, 30 de maio de 2023.

Ivone B. de Vilhena
IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)

Eliana C. Pojo Toutonge
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGE
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS, DEPOIMENTOS E VÍDEOS
CAPTURADOS

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado(a), autoriza a/s autora/s Ivone B. de Vilhena e Eliana Campo Pojo Toutongé, a utilizar as imagens e desenhos produzidos para o projeto de Pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021. Os desenhos e imagem poderão ser utilizados para fins acadêmicos, de fomento à pesquisa científica, em seminários, congressos, dos quais os responsáveis venham a participar, sem limitação de tempo e/ou número de exibições.

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autora(s), a mesma poderá dispor livremente do material, para toda e qualquer modalidade de utilização por si ou por terceiros por ela autorizados. Depois de assinada esta autorização, não caberá a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Nome da criança: Natalia Gomes de Jesus

Nome do adulto: Marilene Gomes Ferreira

Assinatura do responsável: Marilene Gomes Ferreira


Abaetetuba /PA, 30 de Maio de 2023.

Ivone B. de Vilhena
IVONE BARBOSA DE VILHENA
Estudante
(Colaboradora responsável)


Eliana Campo Pojo Toutongé
ELIANA CAMPO POJO TOUTONGÉ
(Coordenadora da Região Baixo Tocantins)

ANEXO 2 – TERMOS DE CONSENTIMENTOS: ADULTOS

ANEXO III – TCE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS



PROJETO DE PESQUISA AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DE ÁGUAS DE REGIÕES DA AMAZÔNIA PARAENSE, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021

COORDENADORA/Região Baixo Tocantins: PROFA. DRA. ELIANA POJO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (FAMÍLIAS)

Eu, Luís Henrique Correia de Vilhena, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, que tem como objetivo compreender a cultura infantil bem como as necessidades das famílias e comunidades em relação Educação Infantil do Campo para crianças de 0 a 5 anos residentes em área rural. Tem ainda como objetivo auxiliar a elaboração de políticas públicas para a educação infantil no campo.

Sei que, como a minha, outras famílias participarão da pesquisa, além do(a) secretário(a) de educação, diretores de escola e lideranças de movimentos sociais. Fui informado(a) também de que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de explicar por que, nesse caso, a desistência não causará nenhum prejuízo a mim e a meu/minha filho(a).

Fiquei sabendo ainda que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em relatórios e em formato livro, e se for o caso com uso do meu nome e do município com a devida ética e respeito, sem causar nenhum prejuízo.

Fui esclarecido(a) de que a entrevista poderá ser gravada para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação. Também sei que a pesquisa fará o registro de imagens fotográficas. Fui informado(a) de que a gravação de minha entrevista e as anotações sobre ela ficarão, como todo material produzido na pesquisa, sob a responsabilidade da coordenação geral da pesquisa serão utilizadas apenas nesta pesquisa e em apresentação de trabalhos de cunho científico nacional ou internacional.

Sei que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Fui informado(a) de que, a qualquer momento, posso ter esclarecidas as dúvidas que surgirem. Concordo em participar da pesquisa.

_____, de 12, de Dezembro de 2022

Luís Henrique C. de Vilhena
Assinatura do Participante

Joane Barbosa de Vilhena
Assinatura da Pesquisadora

ANEXO III – TCEE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS



PROJETO DE PESQUISA AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DE ÁGUAS DE REGIÕES DA AMAZÔNIA PARAENSE, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021

COORDENADORA/Região Baixo Tocantins: PROFA. DRA. ELIANA POJO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (FAMÍLIAS)

Eu, Elza Barbosa de Velhena, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, que tem como objetivo compreender a cultura infantil bem como as necessidades das famílias e comunidades em relação Educação Infantil do Campo para crianças de 0 a 5 anos residentes em área rural. Tem ainda como objetivo auxiliar a elaboração de políticas públicas para a educação infantil no campo.

Sei que, como a minha, outras famílias participarão da pesquisa, além do(a) secretário(a) de educação, diretores de escola e lideranças de movimentos sociais. Fui informado(a) também de que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de explicar por que, nesse caso, a desistência não causará nenhum prejuízo a mim e a meu/minha filho(a).

Fiquei sabendo ainda que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em relatórios e em formato livro, e se for o caso com uso do meu nome e do município com a devida ética e respeito, sem causar nenhum prejuízo.

Fui esclarecido(a) de que a entrevista poderá ser gravada para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação. Também sei que a pesquisa fará o registro de imagens fotográficas. Fui informado(a) de que a gravação de minha entrevista e as anotações sobre ela ficarão, como todo material produzido na pesquisa, sob a responsabilidade da coordenação geral da pesquisa serão utilizadas apenas nesta pesquisa e em apresentação de trabalhos de cunho científico nacional ou internacional.

Sei que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Fui informado(a) de que, a qualquer momento, posso ter esclarecidas as dúvidas que surgirem. Concordo em participar da pesquisa.

12

de Dezembro de 2022

Elza Barbosa de Velhena
Assinatura do Participante

Elana Barbosa de Velhena
Assinatura da Pesquisadora

ANEXO III – TCE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS



PROJETO DE PESQUISA AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DE ÁGUAS DE REGIÕES DA AMAZÔNIA PARAENSE, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021

COORDENADORA/Região Baixo Tocantins: PROFA. DRA. ELIANA POJO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (FAMÍLIAS)

Eu, João Roberto de Vilhena, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, que tem como objetivo compreender a cultura infantil bem como as necessidades das famílias e comunidades em relação Educação Infantil do Campo para crianças de 0 a 5 anos residentes em área rural. Tem ainda como objetivo auxiliar a elaboração de políticas públicas para a educação infantil no campo.

Sei que, como a minha, outras famílias participarão da pesquisa, além do(a) secretário(a) de educação, diretores de escola e lideranças de movimentos sociais. Fui informado(a) também de que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de explicar por que, nesse caso, a desistência não causará nenhum prejuízo a mim e a meu/minha filho(a).

Fiquei sabendo ainda que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em relatórios e em formato livro, e se for o caso com uso do meu nome e do município com a devida ética e respeito, sem causar nenhum prejuízo.

Fui esclarecido(a) de que a entrevista poderá ser gravada para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação. Também sei que a pesquisa fará o registro de imagens fotográficas. Fui informado(a) de que a gravação de minha entrevista e as anotações sobre ela ficarão, como todo material produzido na pesquisa, sob a responsabilidade da coordenação geral da pesquisa serão utilizadas apenas nesta pesquisa e em apresentação de trabalhos de cunho científico nacional ou internacional.

Sei que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Fui informado(a) de que, a qualquer momento, posso ter esclarecidas as dúvidas que surgirem. Concordo em participar da pesquisa.

12

de Dezembro de 2022

João Roberto de Vilhena

Assinatura do Participante

Eliane Barbosa de Vilhena

Assinatura da Pesquisadora

ANEXO III – TCE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS



PROJETO DE PESQUISA AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DE ÁGUAS DE REGIÕES DA AMAZÔNIA PARAENSE, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021

COORDENADORA/Região Baixo Tocantins: PROFA. DRA. ELIANA POJO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (FAMÍLIAS)

Eu, M^{te} Edileuza dos Santos de Vilhena, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, que tem como objetivo compreender a cultura infantil bem como as necessidades das famílias e comunidades em relação Educação Infantil do Campo para crianças de 0 a 5 anos residentes em área rural. Tem ainda como objetivo auxiliar a elaboração de políticas públicas para a educação infantil no campo.

Sei que, como a minha, outras famílias participarão da pesquisa, além do(a) secretário(a) de educação, diretores de escola e lideranças de movimentos sociais. Fui informado(a) também de que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de explicar por que, nesse caso, a desistência não causará nenhum prejuízo a mim e a meu/minha filho(a).

Fiquei sabendo ainda que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em relatórios e em formato livro, e se for o caso com uso do meu nome e do município com a devida ética e respeito, sem causar nenhum prejuízo.

Fui esclarecido(a) de que a entrevista poderá ser gravada para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação. Também sei que a pesquisa fará o registro de imagens fotográficas. Fui informado(a) de que a gravação de minha entrevista e as anotações sobre ela ficarão, como todo material produzido na pesquisa, sob a responsabilidade da coordenação geral da pesquisa serão utilizadas apenas nesta pesquisa e em apresentação de trabalhos de cunho científico nacional ou internacional.

Sei que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Fui informado(a) de que, a qualquer momento, posso ter esclarecidas as dúvidas que surgirem. Concordo em participar da pesquisa.

12

de Dezembro de 2022

M^{te} Edileuza dos Santos de Vilhena

Assinatura do Participante

Joane Barbosa de Vilhena

Assinatura da Pesquisadora

ANEXO IV – TCLE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS



PROJETO DE PESQUISA AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DE ÁGUAS DE REGIÕES DA AMAZÔNIA PARAENSE, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Linha A – Grupos Emergentes – Universal 2021

COORDENADORA/Região Baixo Tocantins: PROFA. DRA. ELIANA POJO

TERMO DE CONSENTIMENTO (ESCOLA OU ORGANIZAÇÃO SOCIAL)

Eu, Eliana Campos Pojo Tautanga, coordenadora do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abetetuba, realizo a pesquisa intitulada "As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense". Para realizar o estudo, é preciso fazer mapeamento do cotidiano de crianças da comunidade em suas vivências. A pesquisa envolve a observação e escrita das crianças, suas brincadeiras e suas conversas, e também entender seus desenhos e escritas e, analisar as imagens contidas em fotos tiradas por elas e por mim. Além disso, o estudo também envolve a obtenção de depoimentos orais (entrevistas) com adultos sobre os saberes e fazeres do lugar.

A realização desse estudo contribui para compreender os modos de ser ribeirinho e quilombola na Região do Baixo Tocantins, em especial a cultura infantil protagonizada pelos infantes, que se põe numa territorialidade e temporalidade marcadamente regidas pelas águas e pela floresta/terra, destacando a relação entre os saberes locais e comunitários e processos de educação estabelecidos no lugar. Diante desse contexto, as estratégias e os modos de reprodução da vida constituem uma territorialidade específica.

Por isso, solicito aos pais e responsáveis da Comunidade Tauereia - Açu, autorização para a realização das observações e das entrevistas bem como de demais interlocuções com moradores adultos e com as crianças. Ao finalizar a pesquisa, tenho o compromisso de disponibilizar os resultados obtidos. Esclareço que o trabalho não envolve recursos financeiros, e tem apenas fins acadêmicos e de divulgação científica no campo da Educação e das Ciências Sociais. Em caso de dúvidas poderão me contatar através dos telefones (91) 984939239.

Declaro que autorizo a realização das entrevistas e observações bem como de demais interlocuções com moradores adultos e com as crianças para a pesquisa "As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense".

Assinatura do responsável legal: Beneilton Ferreira Barbosa

(Presidente da Associação

Data: 06/06/22.....)

Assinatura da pesquisadora: Eliana Barbosa de Vellena

Data: 06/06/22

ANEXO IV – TCLE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECIS



PROJETO DE PESQUISA AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DE ÁGUAS DE REGIÕES DA AMAZÔNIA PARAENSE, Chansada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Linha A: Grupos Emergentes – Universal 2021

COORDENADORA/Região Baixo Tocantins: PROFA. DRA. ELIANA POJO

TERMO DE CONSENTIMENTO (ESCOLA OU ORGANIZAÇÃO SOCIAL)

Eu, Eliana Campos Pojo Toutong, coordenadora do Grupo de Pesquisa De *Bubúia Amazônica*, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abatetuba, realizo a pesquisa intitulada "As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense". Para realizar o estudo, é preciso fazer mapeamento do cotidiano de crianças da comunidade em suas vivências. A pesquisa envolve a observação e escuta das crianças, suas brincadeiras e suas conversas, e também entender seus desenhos e escritas e, analisar as imagens contidas em fotos tiradas por elas e por mim. Além disso, o estudo também envolve a obtenção de depoimentos orais (entrevistas) com adultos sobre os saberes e fazeres do lugar.

A realização desse estudo contribui para compreender os modos de ser ribeirinho e quilombola na Região do Baixo Tocantins, em especial a cultura infantil protagonizada pelos infantes, que se põe numa territorialidade e temporalidade marcadamente regidas pelas águas e pela floresta/terra, destacando a relação entre os saberes locais e comunitários e processos de educação estabelecidos no lugar. Diante desse contexto, as estratégias e os modos de reprodução da vida constituem uma territorialidade específica.

Por isso, solicito aos pais e responsáveis da comunidade *Travessa - Água*, autorização para a realização das observações e das entrevistas bem como de demais interlocuções com moradores adultos e com as crianças. Ao finalizar a pesquisa, tenho o compromisso de disponibilizar os resultados obtidos. Esclareço que o trabalho não envolve recursos financeiros, e tem apenas fins acadêmicos e de divulgação científica no campo da Educação e das Ciências Sociais. Em caso de dúvidas poderão me contatar através dos telefones (91) 984939239.

Declaro que autorizo a realização das entrevistas e observações bem como de demais interlocuções com moradores adultos e com as crianças para a pesquisa "As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense".

Assinatura do responsável legal: *Bemilson Fonseca Barbosa*

(Presidente da Associação

Data: *06/06/22*

Assinatura da pesquisadora: *Evane Barbosa de Vilhena*

Data: *06/06/22*

ÁREA III – TCE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS



PROJETO DE PESQUISA AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DE ÁGUAS DE REGIÕES DA AMAZÔNIA PARAENSE, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021

COORDENADORA/Região Baixo Tocantins: PROFA. DRA. ELIANA POJO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (FAMÍLIAS)

Eu, Cesario Domingos, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, que tem como objetivo compreender a cultura infantil bem como as necessidades das famílias e comunidades em relação Educação Infantil do Campo para crianças de 0 a 5 anos residentes em área rural. Tem ainda como objetivo auxiliar a elaboração de políticas públicas para a educação infantil no campo.

Sei que, como a minha, outras famílias participarão da pesquisa, além do(a) secretário(a) de educação, diretores de escola e lideranças de movimentos sociais. Fui informado(a) também de que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de explicar por que, nesse caso, a desistência não causará nenhum prejuízo a mim e a meu/minha filho(a).

Fiquei sabendo ainda que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em relatórios e em formato livro, e se for o caso com uso do meu nome e do município com a devida ética e respeito, sem causar nenhum prejuízo.

Fui esclarecido(a) de que a entrevista poderá ser gravada para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação. Também sei que a pesquisa fará o registro de imagens fotográficas. Fui informado(a) de que a gravação de minha entrevista e as anotações sobre ela ficarão, como todo material produzido na pesquisa, sob a responsabilidade da coordenação geral da pesquisa serão utilizadas apenas nesta pesquisa e em apresentação de trabalhos de cunho científico nacional ou internacional.

Sei que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Fui informado(a) de que, a qualquer momento, posso ter esclarecidas as dúvidas que surgirem. Concordo em participar da pesquisa.

15

de Dezembro de 2022

Cesario Domingos
Assinatura do Participante

Isone Barbosa de Veloso
Assinatura da Pesquisadora

ANEXO III – TCE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECs



PROJETO DE PESQUISA AS GRAMÁTICAS SOCIAIS DE CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS DE ÁGUAS DE REGIÕES DA AMAZÔNIA PARAENSE, Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa A- Grupos Emergentes – Universal 2021

COORDENADORA/Região Baixo Tocantins: PROFA. DRA. ELIANA POJO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (FAMÍLIAS)

Eu, Marta da Conceição S. Lobato, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa *As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense*, que tem como objetivo compreender a cultura infantil bem como as necessidades das famílias e comunidades em relação Educação Infantil do Campo para crianças de 0 a 5 anos residentes em área rural. Tem ainda como objetivo auxiliar a elaboração de políticas públicas para a educação infantil no campo.

Sei que, como a minha, outras famílias participarão da pesquisa, além do(a) secretário(a) de educação, diretores de escola e lideranças de movimentos sociais. Fui informado(a) também de que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de explicar por que, nesse caso, a desistência não causará nenhum prejuízo a mim e a meu/minha filho(a).

Fiquei sabendo ainda que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em relatórios e em formato livro, e se for o caso com uso do meu nome e do município com a devida ética e respeito, sem causar nenhum prejuízo.

Fui esclarecido(a) de que a entrevista poderá ser gravada para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação. Também sei que a pesquisa fará o registro de imagens fotográficas. Fui informado(a) de que a gravação de minha entrevista e as anotações sobre ela ficarão, como todo material produzido na pesquisa, sob a responsabilidade da coordenação geral da pesquisa serão utilizadas apenas nesta pesquisa e em apresentação de trabalhos de cunho científico nacional ou internacional.

Sei que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Fui informado(a) de que, a qualquer momento, posso ter esclarecidas as dúvidas que surgirem. Concordo em participar da pesquisa.

12 de Dezembro de 2022
Marta da C. S. Lobato
Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA - CRIANÇAS

Nome:

Idade:

Com quem mora? (Mora com a mãe, pai e avôs por parte de pai)

(Contexto familiar)

Escola que estuda/ano de escolaridade?

Gostaria de participar da pesquisa? Se sim, pedir para criança assinar o termo ou desenhar uma “careta”, confirmando. Perguntar como gostaria de ser identificada.

1. Comece me contando um pouco como se dá o convívio das pessoas aqui na comunidade? o que fazem, com que trabalham, como se divertem, o que gostam, quando se reúnem para discutir suas questões etc. Como as pessoas vivem na comunidade?
2. De que espaço você mais gosta do lugar? Porquê? Como se apresenta a natureza do lugar pra você?
3. Ao brincar por onde e com quem transitam nos espaços da comunidade? Do que, em que tempo brincam? Qual sua brincadeira preferida?
4. Conte-me como é a sua rotina na comunidade? O que você faz no dia a dia? O que você gostaria que fosse diferente?
5. Tente me dizer como se vive nessa comunidade.
6. Na comunidade, o que você aprende com as pessoas e no dia a dia? Exemplifique algo do lugar que vocês saber fazer ou mostrar como se faz.
7. Me fale sobre a escola onde estuda? O que gosta? o que vem aprendendo? Do que brincam?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA – ADULTOS

Nome:

Idade:

Escolaridade:

1. Relate um pouco sobre o cotidiano (dia a dia) da comunidade? Como as pessoas vivem na comunidade? o que fazem, com que trabalham, os meios de sobrevivência, como se divertem, o que gostam, quando se reúnem para discutir suas questões etc.
2. Que tipo de costume e tradição fazem parte da comunidade? Porque o nome Santa Ana? Quais são as manifestações culturais existentes no lugar?
3. Que saberes e fazeres são praticados no dia a dia da comunidade? Que processos educativos e culturais são vividos na comunidade? Como e com quem são repassados os saberes e fazeres?
4. Como você se auto identifica? quilombola e/ou ribeirinha e porquê?
5. Qual relação dos sujeitos com a natureza? Com as águas?
6. De que forma se pode contribuir para a valorização da cultura local na comunidade Santa Ana?
7. Como vive a criança daqui? O que fazem? Do que brincam?